

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

IURI ALMEIDA MÜLLER

**PAPÉIS MOLHADOS E OUTROS CONTOS: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO
NARRATIVO NA FICÇÃO**

PORTO ALEGRE

2016

IURI ALMEIDA MÜLLER

**PAPÉIS MOLHADOS E OUTROS CONTOS: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO
NARRATIVO NA FICÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Escrita Criativa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr. Maria Eunice Moreira

PORTO ALEGRE

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, professora Maria Eunice Moreira, pela generosidade demonstrada a cada encontro e pela leitura atenta destas páginas. Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e aos meus colegas. À PUCRS e à Fapergs, em especial pela bolsa de pesquisa que me foi concedida. Aos amigos que leram e opinaram sobre os contos: obrigado Luís Augusto Farinatti, gracias Gabriel Eduardo.

Aos meus pais, Marizete e Paulo, e a minha família, por tanto carinho, por terem respeitado as minhas decisões desde o início. A Caju e Sérgio, que encheram a minha infância de livros. Obrigado, Fernando Wielewicki e Gregório Mascarenhas, por compreender o que este trabalho significava para mim, pelo companheirismo sem igual, pelo que me ensinaram sobre viver com sinceridade.

Agradeço aos que caminharam comigo pelas ruas da cidade: em Montevidéu, em Porto Alegre, em Santa Maria, em Buenos Aires, em Lisboa. Aos que me contaram algumas das histórias que podem ser encontradas nestes contos.

Por fim, agradeço a Carolina Oliveira, minha companheira: por me entregar um ano repleto de amor; por me ajudar a enfrentar com coragem a página em branco.

RESUMO

Esta dissertação é composta por onze narrativas de ficção, do gênero conto, conjunto cuja unidade é estabelecida pela atenção à construção dos espaços narrativos nesses textos – no caso, o espaço urbano de cidades como Porto Alegre, Santa Maria, Montevideú, Buenos Aires e Lisboa. Em termos teóricos, este trabalho busca analisar a forma com que o espaço urbano aparece na primeira fase de escritura do autor uruguaio Juan Carlos Onetti, bem como os elementos utilizados na construção literária de Santa María, cidade ficcional criada por Onetti e que está presente em seus contos e romances, como *A vida breve*. Da mesma forma, num diálogo entre criação e reflexão, mapas são utilizados para observar o deslocamento dos personagens pela cidade em três dos contos que integram este conjunto.

Palavras-chave: conto, espaço narrativo, literatura e cidades, Juan Carlos Onetti.

ABSTRACT

The present Master's thesis is composed by eleven fiction narratives, of the short story genre, a set in which unit is established through the attention of construction from the narrative spaces in those texts – in that case, the urban spaces such as Porto Alegre, Santa Maria, Montevideo, Buenos Aires and Lisbon. In theoretical terms, this paper intends to analyze the manner in which the urban space appears in the first phase from the Uruguayan writer Juan Carlos Onetti, as well as the elements used in the literary construction of Santa Maria, fictional city created by Onetti, present in his short stories and novel, such as *A vida breve*. Likewise, in a dialogue between creation and reflection, maps are utilized in order to observe the displacement of the characters in three of the short narratives that encompass this set of creation.

Key Words: short-narrative; narrative space; literature and cities, Juan Carlos Onetti.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS DO SUL DO MUNDO.....	13
1.1 As cidades de Juan Carlos Onetti	13
1.2 Santa María, uma e outra.....	22
1.3 Quando a caminhada traça um mapa.....	35
2 PAPÉIS MOLHADOS.....	45
2.1 Andava a te buscar.....	47
2.2 Papéis molhados.....	52
2.3 Edifício Paris.....	56
2.4 Ruas de maio.....	61
2.5 Fechar os olhos.....	63
2.6 Luz amarela sobre a cidade.....	70
2.7 Como um sonho acordado.....	76
2.8 Ruas de dezembro.....	83
2.9 Acevedo, poeta.....	85
2.10 Mapa da província.....	93
2.11 Avenida Salgado Filho.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

INTRODUÇÃO

“Frio e sol. Sol de inverno, que é o mais afetuoso, o mais benévolo. Fui até a Plaza Matriz e me sentei num banco (...) Creio que, até agora, eu nunca havia tido consciência da presença da Plaza Matriz” (BENEDETTI, 2012: 154). Martín Santomé, o protagonista do romance *A Trégua*, de Mario Benedetti, é quem narra o encontro com a praça que via todos os dias, de presença tão invisível como automática. Santomé, um burocrata que trabalha no Centro de Montevideu e vive em um bairro afastado das principais ruas, em algum momento da narrativa se depara com a sua cidade, paradoxalmente a que sempre vê e a que só então pôde enxergar: “Fiquei um bom tempo contemplando a alma agressivamente sólida do Cabildo, a face hipocritamente lavada da Catedral, o desalentado cabecear das árvores. Creio que nesse momento afirmou-se definitivamente em mim uma convicção: eu sou deste lugar, desta cidade” (BENEDETTI, 2012: 154). Montevideu é a cidade de Santomé, que se vê montevideano como que *de golpe*, e também é a cidade do autor. Mario Benedetti narrou a sua Montevideu nos seus romances e contos, fez da cidade palco para alguns dos seus poemas. Montevideu não foi somente pano de fundo. Com Benedetti, o espaço narrativo alcançou complexidade: estão presentes na sua literatura as transformações que o progresso impôs às avenidas e ao ritmo de vida, o bairro da infância que na idade adulta só sobrevive enquanto lembrança, os lugares que um tempo de repressão acaba por marcar de maneira definitiva e o vocabulário que resiste apenas em certa região da cidade, entre outros traços. A relação entre a literatura e os espaços urbanos não se esgota com o exemplo de Mario Benedetti e a capital uruguaia; se estende e atravessa livros, autores e latitudes.

Em *Dançar tango em Porto Alegre*, livro de contos lançado por Sergio Faraco em 1998, nem todos os textos reunidos poderiam ser descritos como urbanos. Há contos que se passam num ambiente que se distancia dos grandes centros tanto pela atmosfera como pela geografia (caso de “Noite de matar um homem”) e outros parecem habitar mais um tempo do que exatamente um espaço (como “Guerras Greco-Pérsicas”), mas, principalmente no conto que dá nome ao livro, a cidade é construída como parte central da narrativa. O protagonista deixa uma cidade da fronteira, quase que esquecida num canto do mapa do sul do país, e empreende uma longa viagem, “viagem sem fim” nas palavras do narrador, em direção a Porto Alegre. Esta travessia, tanto na geografia do Rio Grande do Sul como na vida do personagem, acaba por encontrar um meio de caminho: a cidade de Santa Maria, ou ao menos a sua estação ferroviária, que, durante décadas, funcionou como importante ponto de

baldeações para trens de diversas regiões. Meio de caminho para uma viagem sem fim e uma noite que acaba por irromper num cotidiano de melancolia, a estação é descrita por Faraco como se estivesse viva:

Estação de Santa Maria, encruzilhada de trens, de antigas baldeações para as cidades da serra, da campanha, com seu cheiro de carvão e de fumaça, comida quente, ferro e pedregulho, e os vendedores de confeitos e maçãs argentinas, e os revisteiros oferecendo exemplares de *O Cruzeiro*, *A Cigarra*, *Grande Hotel*, e os bilheteiros de loteria anunciando o 13, o 17, o 44, com uma pressa cheia de ansiedade. (FARACO, 1984: 68)

Em “Dançar tango em Porto Alegre”, a chegada à cidade, mais precisamente à estação ferroviária, serve como ponto de inflexão da narrativa: como lugares nos quais a viagem, neste caso, pode se modificar.

Imensamente distinta da ficção de Mario Benedetti e de Sergio Faraco é a produção de Walter Benjamin no que diz respeito à literatura e às cidades. Os escritos de Benjamin sobre os espaços urbanos aparecem diluídos em parte da sua obra e podem ser encontrados em *Infância em Berlim*, nos fragmentos de *Rua de mão única* e em textos como o “Diário de Moscou”. Mais do que nada, as suas páginas servem como justificativa desta dissertação de Mestrado: afinal, por que estudar a relação entre as cidades e a literatura a partir de um viés que coloca, em paralelo, os textos literários e contribuições que partem da geografia, da filosofia? Walter Benjamin percorre a Europa por muitos lados: fixa o olhar em cidades como a Paris que se moderniza e a Berlim natal, visita a Moscou revolucionária e lugares à margem desse continente, e mesmo de seus países, como são os casos de Nápoles e Marselha. Benjamin percorre as cidades como observador ativo: observa, sim, durante todo o tempo, mas também caminha, utiliza os meios de transporte, debate com sujeitos vinculados à política, escreve e lê num espaço que é *de viagem*. Entende que ali, em cada lugar que está disposto a compreender, estão as consequências e os sintomas de um tempo, e este tempo sempre está em transformação.

Em Moscou, por onde esteve nos anos 1920, Benjamin percebe as mudanças sociais e urbanas na cidade em que a revolução se consolidou. Lenin está morto há três anos, mas seu retrato se perpetua, multiplica-se onde houver uma parede. Não há propriedade privada como antes, e de alguma maneira o espaço privado também evapora. Em um grande apartamento onde, antes de 1917, vivia um casal, agora vivem dez ou doze pessoas. E, neste mesmo processo, como toda decisão ou discussão passa pela esfera política, representada pelo Estado e pelo partido, espaços da cidade relacionados a uma vida fragmentada e associados ao livre pensamento, como os cafés, praticamente desaparecem. A modernidade russa, percebe

Benjamin, é distinta da que enxergará no ocidente europeu, está moldada pelo programa soviético e impacta diretamente na cidade e nos seus habitantes. Outro exemplo a que atenta Benjamin é o de Paris. Ali, as grandes avenidas abertas por Haussmann na segunda metade do século anterior já se confundem com o estilo de vida de muitos dos seus habitantes. Nas passagens, objeto de minucioso estudo por parte de Benjamin, surgem novas formas de convivência entre os habitantes e uma outra relação com o espaço urbano. Benjamin descreve Paris não como a cidade-luz, mas como “cidade-espelho” em *Imagens do pensamento*. É neste novo (neste moderno) espaço que aparecem, entremeados em cidades que por vezes crescem de forma desordenada, os encontros fortuitos e as perdas.

Encontros e desencontros, casualidades: a literatura moderna está cheia de situações como estas, que muitas vezes aparecem como o evento que altera os caminhos da narrativa. São acontecimentos que têm lugar na ficção, mas que não estão deslocados da realidade de um tempo. Benjamin, por exemplo, escreve que em Moscou perder-se é quase inevitável: as placas estão escritas numa língua estranha para o visitante, o transporte obedece a regras confusas, os hábitos e os horários são outros. Em Berlim, por sua vez, perder-se requer esforço e aprendizado: “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIN 1995: 73), escreveu em *Infância em Berlim*. Na cidade natal, o olhar precisa ser desoxidado para enxergar algo novo: há casarões e passeios inéditos para se descobrir. Além deles, os subúrbios ocupam áreas antes desabitadas e será distinto andar e olhar por ali. Ao se deslocar e escrever sobre os lugares que visita, Benjamin acaba por mostrar o que eles nos revelam: o cotidiano dos habitantes, a relação dos seus homens e mulheres com a política local e a religião, os sinais que prendem a cidade ao passado e ao que está por chegar.

A cidade moderna, espaço de ruptura com antigas placas e com a tradição, não apenas em Benjamin se situa exemplarmente em Paris. Com o surrealismo e com a literatura de André Breton ocorre o mesmo. Paris é a cidade escolhida para que os artistas se movam em ruas escolhidas ao acaso e que, também por casualidade, se deparem com teatros, bares, praças, estações de subúrbio. Em *Nadja*, o principal livro de Breton e espécie de anti-romance surrealista, o encontro do autor-narrador-personagem com a heroína que dá nome ao livro ocorre sem que existam quaisquer tratativas matemáticas para tanto. Escreve o narrador que “no dia 4 de outubro último, ao fim de uma dessas tardes inteiramente desocupadas e sombrias, das que conheço o segredo de como passar, estava eu na Rue Lafayette” (BRETON, 2007: 63), e que a caminhada alheia aos mapas e às bússolas não será em vão: “de repente,

ainda que estivesse a uns dez passos de mim, vindo no sentido oposto, vejo uma moça, pobremente vestida, que também me vê, ou tinha me visto. Vai de cabeça erguida, ao contrário de todos os passantes”. Este é o primeiro encontro com Nadja, e encontros assim se repetem nos dias seguintes. Os dois, narrador e heroína, desvendam praças em estado de abandono, florestas nos arrabaldes, restaurantes que até a noite anterior pareciam não existir.

Para Nadja, a mulher desprovida de qualquer dinheiro que o narrador Breton encontra vivendo num hotel barato, a cidade de Paris é a responsável por guiar de alguma maneira os seus deslocamentos: “o que Nadja faz em Paris, ela mesma se faz essa pergunta. Bem, à noite, lá pelas sete, ela gosta de estar num vagão de segunda classe do metrô. A maioria dos passageiros é gente saída do trabalho” (BRETON, 2007: 68). Entre os dois, mesmo os planos que pareciam minimamente pensados se perdem na engrenagem autossuficiente do lugar: “para nos distrair, sugiro sairmos de Paris. Gare Saint-Lazare: rumo a Saint-Germain, mas o trem parte diante de nossos olhos. Ficamos restritos, durante quase uma hora, a andar na estação de um lado para o outro” (BRETON, 2007: 99). Afinal, para ela qualquer acontecimento ou experiência se daria neste espaço da cidade a que chamamos rua, e que se estende a parques, praças, bulevares, caminhos, terminais e encruzilhadas: “a criatura sempre inspirada e inspiradora que só gostava de estar na rua, para ela o único campo válido de experiências, na rua, ao alcance de qualquer ser humano que se lança sobre uma grande quimera” (BRETON, 2007: 105). A relação de *Nadja* e dos surrealistas com os espaços aparece no prefácio à edição brasileira. No texto, Eliane R. Moraes afirma que Breton divisa um “elo secreto entre lugares e palavras”. Assim, o autor revelaria “não só a natureza do passeio surreal mas também o intento de um livro que pretende explorar os pontos de contato entre a vida e o sonho. Para tanto, ele captura a paisagem citadina com o mesmo olhar oblíquo de seus inspiradores, no empenho de decifrar os signos urbanos como mensagens que lhe dizem respeito” (BRETON, 2007: 8).

Este “elo entre lugares e palavras” também poderá ser encontrado na obra de Benjamin. Martín Kohan, em *Zona urbana: ensayo de lectura sobre Walter Benjamin*, traça um mapa dos lugares pelos quais Benjamin passou, seja como habitante daquela cidade ou como viajante, e relaciona estes lugares – e esta forma de estar na cidade – com parte de sua obra. Em *Zona urbana*, encontramos as caminhadas de Benjamin por Moscou e Nápoles, lemos como o berlinense se depara com a cidade da infância e como Paris, o centro espacial daquele tempo, é a mais próxima dos livros. “Paris é um grande salão de biblioteca atravessada pelo Sena”, escreverá o alemão em “Paris, a cidade no espelho” (apud KOHAN,

2004: 61).

As reflexões sobre o espaço urbano e a literatura aparecem, neste trabalho, ao lado da apresentação de onze textos de ficção, do gênero conto, que, embora distintos em diversos aspectos, encontram semelhanças no que diz respeito à construção de um espaço narrativo. Em todos eles, há a preocupação com o tema da cidade. Os contos se localizam em cidades como Porto Alegre, Santa Maria, Buenos Aires, Montevideu e Lisboa, e o espaço urbano pode ser mais ou menos central para o desenvolvimento da narrativa, mas inevitavelmente estará presente. Estes contos foram escritos, em sua maioria, entre março de 2014 e setembro de 2015, na cidade de Porto Alegre ou em viagem; dois deles são anteriores e foram reescritos neste mesmo período. A atenção para o que havia em comum entre os textos, para o que, de maneira mais ou menos consciente, possibilitava uma visão de conjunto, é posterior à escritura, de modo que o texto de ficção pôde crescer independentemente de ideias prévias sobre a problematização do objeto.

Os contos que apresento são, em ordem cronológica de escritura: “Andava a te buscar”, “Papéis molhados”, “Edifício Paris”, “Ruas de maio”, “Fechar os olhos”, “Luz amarela sobre a cidade”, “Como um sonho acordado”, “Ruas de dezembro”, “Acevedo, poeta”, “Mapa da província” e “Avenida Salgado Filho”. Paralelamente aos textos de ficção, esta dissertação de Mestrado apresenta três breves capítulos teóricos; escritos que não se pretendem desvinculados do que é apresentado nos contos e que servem, ao mesmo tempo, como reflexão acerca do trabalho criativo e como problematização de questões relativas ao processo de criação.

No primeiro capítulo, intitulado “As cidades de Juan Carlos Onetti”, observo como se dá, na primeira fase de escritura do autor uruguaio, a atenção para o espaço urbano na sua ficção, num tempo em que boa parte da literatura do Rio da Prata ainda privilegiava temas rurais ou ligados a uma temática gauchesca. Para tanto, são analisados alguns dos primeiros contos de Onetti e escritos nos quais o autor argumenta sobre a importância do crescimento urbano de Montevideu como possível tema da ficção. A escolha por Onetti se justifica pela riqueza da construção dos espaços narrativos na obra desse escritor e também por razões afetivas: trata-se de uma obra que me acompanha há tempos e que agora aparece como objeto de pesquisa e estudo.

A intenção, no segundo capítulo, “Santa Maria, uma e outra”, se desloca destas cidades reais e parte para o exemplo de uma cidade inventada, cuja vida se encontra apenas na

ficção. É o caso da Santa María de Juan Carlos Onetti, cidade que se repete, com o seu mapa, traçado pelo próprio escritor, com seus quarteirões, ruas, praças, armazéns, e com os mesmos personagens, em muitos dos seus contos e romances, como *A vida breve*. Essa Santa María ficcional está em contato com a cidade de mesmo nome, mas que se situa no mapa do Rio Grande e do Sul: a Santa Maria escolhida como o espaço narrativo de alguns dos contos deste trabalho.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “Quando a caminhada traça um mapa”, analiso como o deslocamento dos personagens, em três dos contos desta dissertação, “Andava a te buscar”, “Acevedo, poeta” e “Mapa da província”, acontece sobre a cartografia *real* das três cidades em questão, Montevideu, Porto Alegre e Buenos Aires. Para tanto, me utilizo de alguns dos ensaios de Franco Moretti sobre a representação das cidades na literatura, como *Atlas do romance europeu*.

1 CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS DO SUL DO MUNDO

1.1 As cidades de Juan Carlos Onetti

No final dos anos 1940, Juan Carlos Onetti (1909-1994) estava às voltas com a escritura de *La vida breve* e vivia em Buenos Aires. O romance, por algum motivo, resistia às mãos do escritor e permanecia incompleto. Conta Dolly Onetti, companheira de Juan Carlos nas últimas décadas de vida, que a entrada de uma personagem feminina na história, inspirada na própria Dolly, acabaria por destravar a escritura do livro. “Juan me confesó que había reanudado la escritura con pasión, con alegría, con alivio” (ONETTI, 2013: 11), ela escreveu. *La vida breve* seria publicado em 1950 e hoje é tido como o mais importante romance do autor, e talvez seja também o mais estudado. Ali apareceriam pela primeira vez as ruas de Santa María, a cidade ficcional criada por Onetti e que se repetiria, com seu mapa e seus habitantes, no restante da obra. Santa María, cidade portuária e um tanto enferrujada; povoado provinciano cortado pelo vento e repleto de marcas de umidade; com Santa María nasce um universo próprio, mundo criado pela e para a literatura.

Em *La vida breve*, Santa María surge como salvação: imaginar e escrever é o que Juan María Brausen, protagonista e narrador do romance, precisa para sobreviver numa rotina de trabalho medíocre e melancolia nas relações pessoais. Brausen vive em Buenos Aires com Gertrudis, sua mulher, num apartamento da rua Chile. Ganha a vida com pequenos trabalhos para uma agência de publicidade, com a qual mantém um vínculo que se localiza entre a necessidade e o desinteresse. O passado dos personagens está em Montevidéu, do outro lado do Rio da Prata. Lá se conheceram e ainda residem boa parte das recordações. A narrativa tem início numa primavera, tempo em que Brausen lamenta o calor que parece preso no apartamento e passa horas na sacada apenas para sentir o vento. Gertrudis estava há dias fora de casa e, ao retornar, era já uma criatura triste. O narrador nos conta que ela teve de retirar um dos seios e desde então fica horas na cama sem dissimular a dor. Para Brausen, a fuga de um cotidiano que parece se eternizar em dias cinzentos e quase sem acontecimentos, agravado pela falta de dinheiro, pode estar num trabalho para Julio Stein, o seu contato na agência de publicidade.

Juan María Brausen pensa que pode escrever e que com um roteiro de cinema que convença Stein haverá dinheiro e evasão da realidade. Assim, estará longe da tristeza de Gertrudis, das noites vazias, do calor de primavera que atinge Buenos Aires. Pensa que pode

escrever sobre a cidade de Santa María, onde esteve por um dia e que agora retorna na memória:

No llores - pensaba -, no estés triste. Para mí es todo lo mismo, nada cambió. No estoy seguro todavía, pero creo que lo tengo, una idea apenas, pero a Julio le va a gustar. Hay un viejo, un médico, que vende morfina. Todo tiene que partir de ahí, de él. Tal vez no sea viejo, pero está cansado, seco. Cuando estés mejor me pondré a escribir. Una semana o dos, no más. No llores, no estés triste. Veo una mujer que aparece de golpe en el consultorio médico. El médico vive en Santa María, junto al río. Sólo una vez estuve allí, un día apenas, en verano; pero recuerdo el aire, los árboles frente al hotel, la placidez con que llegaba la balsa por el río. Sé que hay junto a la ciudad una colonia suiza. El médico vive allí, y de golpe entre una mujer en el consultorio. Como entraste tú y fuiste detrás del biombo para quitarte la blusa (...) (ONETTI, 2013: 31).

Em *La vida breve*, assim como em quase toda a obra de Juan Carlos Onetti, a literatura está orientada num eixo que se forma sobre três cidades: Montevideú, a cidade em que nasceu, Buenos Aires, o lugar em que viveu e escreveu por muitos anos, e Santa María, cidade ficcional, fundada no trecho acima, no pensamento de Juan María Brausen que não alcança Gertrudis.

“Hay un viejo, un médico, que vende morfina. Todo tiene que partir de ahí, de él”. E depois: “Veo una mujer que aparece de golpe en el consultorio médico”. O médico é o doutor Díaz Grey, logo saberemos, já que os escritos de Brausen ganham continuidade e Santa María se forma no papel. O consultório de Díaz Grey, imagina Brausen que por sua vez imagina Onetti, fica em frente à praça central do povoado e das suas janelas o médico consegue observar o ir e vir dos habitantes pelas ruas principais; por ali também se erguem o hotel, a estátua equestre, a biblioteca em ruínas, o clube social, a igreja, o café. Nada muito distinto da organização espacial das cidades de província, ao menos no que diz respeito às cidades do sul do mundo. A mulher que aparece sem aviso no consultório de Díaz Grey é Elena Sala, a forasteira, que viaja a Santa María para obter alguns favores do médico. Elena hospeda-se no hotel da praça e espera a chegada do marido, que deve desembarcar logo da balsa que parte de Buenos Aires. Ao passo em que *La vida breve* cresce, a Santa María ficcional de Onetti ganha solidez. O processo de construção, construção literária e de um espaço narrativo, perdura e avança: Santa María é também o cenário de *El astillero* (1961), *Juntacadáveres* (1964) e *Dejemos hablar al viento* (1979), entre outros romances, e de contos como “Jacob y el otro” e “El álbum”. Com Santa María, Onetti inauguraria uma sequência de lugares ficcionais que caracterizariam, mais tarde, a literatura latino-americana.

Em 1989, a editora Record traduziu e organizou dezenove dos contos de Onetti numa

edição que intitulou, no Brasil, de *Tão triste como ela e outros contos*. O tradutor Eric Nepomuceno abre o livro com um texto que chamou de “Notas para um perfil”. Nepomuceno, depois de lamentar que Onetti, já lido e pesquisado em boa parte dos países do continente, continue sendo um escritor quase desconhecido no Brasil, pinça um dos traços do escritor uruguaio — justamente a fundação literária de Santa María: “Onetti, entre tantas coisas, foi possivelmente o primeiro autor a criar na literatura latino-americana contemporânea um mundo ficcional com vida própria, capaz de transcender sua circunstância geográfica, histórica, social: Santa María” (ONETTI, 1989: 8). No mesmo texto, o tradutor recorda a frase em que, numa entrevista, Juan Carlos Onetti justificou a criação de uma cidade para a sua ficção. Na resposta, aparecem as três cidades que formam o eixo geográfico-literário da obra de Onetti; triângulo que une duas cidades do Rio da Prata com um lugarejo imaginário que se formou num ponto impreciso do mapa:

Eu vivi muitos anos em Buenos Aires, e de alguma maneira a experiência de Buenos Aires está muito presente em minha obra; mas muito mais que Buenos Aires está presente Montevideú, a melancolia de Montevideú. Por isso fabriquei Santa María: fruto da nostalgia da minha cidade. Fora dos meus livros Santa María não existe. Se existisse, com certeza eu faria lá a mesma coisa que faço hoje. Naturalmente, inventaria uma cidade chamada Montevideú. (ONETTI, 1989: 8)

Para Rocío Antúñez, com a obra de Juan Carlos Onetti é inaugurada, na América Latina, uma forma de narrar que atenta para o espaço urbano (a cidade moderna) e se insere profundamente neste espaço: “Lo nuevo en los relatos de Onetti – y entonces novedoso en la literatura rioplatense – es la escenificación de la percepción urbana en el interior de una mente capaz de verbalizarla simultáneamente a su ocurrencia” (ANTÚÑEZ, 2013: 99). Antúñez se refere aos primeiros contos de Onetti, escritos na década de 1930 e publicados primeiramente em jornais de Buenos Aires como o *La Prensa*. Este é o caso de contos como “Avenida de Mayo – Diagonal – Avenida de Mayo”, de janeiro de 1933, o primeiro relato que Onetti pôde publicar. Em “Avenida de Mayo...”, o protagonista Victor Suaid caminha por algumas das ruas cêntricas de Buenos Aires, cidade que se modificou de maneira drástica naqueles anos. Na década de 1930, já se podia notar na capital argentina a transformação causada pelos milhares de imigrantes que chegavam de distintos navios europeus, as alterações no ritmo de vida e de trabalho, a construção de prédios altos que começavam a alterar a arquitetura da cidade, a presença de novas linguagens nas experiências do cotidiano, etc.

Ao caminhar pela rua Florida, Victor Suaid se vê entre as tantas mensagens de uma

Buenos Aires cosmopolita e, enquanto anda, aparentemente sem rumo certo, se depara com letreiros de propaganda, anúncios de teatro e cinema estrangeiros, manchetes de jornal em caixa alta, edifícios de vinte andares e com uma multidão que preenche por inteiro as ruas ainda estreitas. Paradoxo da modernidade, Suaid está ao mesmo tempo acompanhado (ao seu lado, passam milhares de pessoas, e talvez ele não consiga reconhecer o rosto sequer de uma delas) e inteiramente sozinho. “Entonces se vio, pequeño y solo, en medio de aquella quietud infinita que continuaba extendiéndose” (ONETTI, 2009: 32), escreve o narrador. A mesma percepção sensível da cidade em que se vive, modificada todos os dias aparece em contos como “El posible Baldi” (1936) e, mais tarde, em “Regreso al sur” (1949). Em comum, os três contos se passam em Buenos Aires; quando a cidade não é mencionada, podemos inferir seu nome por uns quantos pontos de referência: estão ali nomes de ruas, de praças, a menção a algum bairro ou teatro. Buenos Aires, nesses contos, não é apenas pano de fundo para uma narrativa que se movimenta independente do espaço em que se insere. Para Onetti, apropriar-se das questões urbanas e problematizar o habitante das cidades é uma das funções da literatura a ser escrita naqueles anos. Trata-se de uma proposta literária.

A atenção para a cidade é, inevitavelmente, escolha e exclusão; ao direcionar a literatura para Buenos Aires e Montevideú, Juan Carlos Onetti acaba por se distanciar de uma tradição literária do Rio da Prata que desde muito cedo voltou os olhos não para a cidade, mas para o campo. Ainda que a enorme maioria dos escritores vivesse em cidades e não em povoados rurais, a literatura dos dois países teve em seus textos fundacionais a figura do *gaucho* e o campo como preocupações. Em *Juan Carlos Onetti: caprichos con ciudades* (2013), Rocío Antúnez busca os artigos nos quais Onetti, também articulista, defende a opção pelas cidades como proposta literária. Em 1939, anos depois, portanto, da escritura e da publicação de contos como “Avenida de Mayo – Diagonal – Avenida de Mayo”, Onetti, sob o pseudônimo de Periquito, el Aguador, escreve para o semanário *Marcha* o artigo “Literatura nuestra”. Para Onetti, diante da predominância de relatos rurais,

Montevideo no existe. Aunque tenga más doctores, empleados públicos y almaceneros que todo el resto del país, la capital no tendrá vida de veras hasta que nuestros literatos se resuelvan a decirnos cómo y qué es Montevideo y la gente que habita. Y aquí no cabe el pretexto romántico de falta de tema. Un gran asunto, el Bajo, se nos fue para siempre, sin que nadie se animara con él. Este mismo momento de la ciudad que estamos viviendo es de una riqueza que pocos sospechan. (apud ANTÚÑEZ, 2013: 20).

Montevideú vive um momento rico e disso poucos suspeitam, escreve Onetti, que

enumera em seguida três razões: a chegada de imigrantes, por vezes de origens quase desconhecidas, a transformação do aspecto urbano, já que por aqueles dias um edifício alto era construído ao lado de uma velha casa gradeada e, ainda, a mudança produzida na mentalidade dos habitantes. No fragmento acima, Onetti menciona que “un gran asunto, el Bajo, se nos fue para siempre, sin que nadie se animara con él”. “El Bajo” era um bairro de Montevideú, situado nas proximidades de onde ainda hoje se encontra a Ciudad Vieja, e que acabou demolido em uma das reformas urbanas que o poder público levou adiante na época. No Baixo de Montevideú, zona antiga e pobre, sobreviviam pensões, cortiços, pequenas oficinas, bares e prostíbulos. Para Onetti, por ali seria possível encontrar riquíssimo material humano e literário. Ambientes assim podem ser vistos em muitos dos textos do escritor montevidéano. Nesses lugares, Onetti não buscou elementos de sordidez ou de caricatura, mas sim histórias de seres desenraizados, estrangeiros na própria cidade, e de homens e mulheres num constante movimento de viagem, de abandono e retorno. Onetti propunha que os escritores buscassem no Baixo de Montevideú, antes da sua demolição, algo que ele mesmo realizou na novela *El pozo*, de 1939, a primeira da sua obra. Não há menção direta ou explícita a um ambiente de pensão ou de cortiço em *El pozo*, mas a descrição do espaço e a movimentação do protagonista ao longo da narrativa nos aproximam deste lugar. Rocío Antúñez, ao se debruçar sobre a primeira novela do escritor, escreve que “estamos en el interior de un cuarto de conventillo. Quien lo describe no lo nombra: lo habita; pero está naciendo en un espacio urbano que ve y nos conduce a ver por primera vez” (ANTÚÑEZ, 2013: 125).

Pensões e cortiços se multiplicaram em Buenos Aires e em Montevideú, como em outras capitais latino-americanas, nas primeiras décadas do século XX. Surgem como consequência, mais do que nada, de um crescimento populacional pouco planejado, acentuado pela chegada de imigrantes e pelo êxodo das populações nacionais, do interior para as metrópoles. Rocío Antúñez escreve que, nestes lugares, a distinção entre os espaços de convivência e os que reservam momentos de intimidade é pequena, e que os limites se dissolvem na organização do local. “La vida privada se adelgaza y refugia en el cuarto, lugar destinado a gran parte de las actividades domésticas, incluida la higiene personal. El cuarto funciona así como una fracción, un interior incompleto, dependiente del afuera” (ANTÚÑEZ, 2013: 127), diz, e o “afuera” se caracteriza por ambientes como pátio, área de lavar e estender roupas, banheiros coletivos, etc. É nesta situação em que caminham, pensam e escrevem alguns dos personagens de Juan Carlos Onetti.

No Rio da Prata, bairros como o Baixo de Montevideú cresceram nas cercanias do

porto e em Buenos Aires há alguma semelhança com os exemplos de La Boca, Barracas e San Telmo, bairros localizados na região sul da cidade. Na capital uruguaia, ainda é possível encontrar vestígios do que Onetti transformou em literatura. Roupas estendidas nas janelas, apartamentos compartilhados por membros de distintas famílias, edifícios antigos e afastados das zonas tradicionalmente residenciais da cidade podem ser vistos, hoje, em algumas das ruas da Ciudad Vieja, como 25 de Mayo, Cerrito e Piedras, três vias próximas ao antigo porto. Mesmo décadas depois do que Onetti observa como indício de um tempo de transformações, vemos rastros de pessoas que buscam, muitas vezes sozinhas, melhores condições de vida e trabalho nas grandes cidades, e que acabam por habitar, como nos anos 1930 e 1940, regiões que se aproximam do estado de abandono.

De Montevideu para Buenos Aires, outra vez. Em “Literatura nuestra”, o artigo já mencionado, Onetti, após evidenciar a predominância de temas rurais numa literatura escrita por autores que contraditoriamente vivem nas cidades, convida os seus pares: “es necesario que nuestros literatos miren alrededor suyo y hablen de ellos y de su experiencia. Que acepten la tarea de contarnos cómo es el alma de su ciudad” (apud ANTÚÑEZ, 2013: 20). A alma da cidade, mais do que a cor local pode ser o punhado de experiências e situações que se estende a boa parte dos habitantes de um lugar. Em “Regreso al sur”, conto de 1949 e que se passa em Buenos Aires, Juan Carlos Onetti se arrisca a ingressar numa questão presente no cotidiano dos bonaerenses. “Regreso al sur” se ocupa da fronteira criada pela avenida Rivadavia, que divide a cidade de Buenos Aires em duas partes, distintas cultural e socialmente. De um lado, está a cidade antiga e, segundo Jorge Luis Borges, “mais firme”; do outro, ao norte, os bairros que cresceram depois e se desenvolveram com maior distância do imaginário *criollo*.

Horacio, personagem de “Regreso al sur”, ignora desde o carnaval de 1938 os acontecimentos que tiveram lugar na parcela sul de Buenos Aires. Vive e se orienta apenas pelas placas e referências do norte desde que a sua mulher, Perla, abandonou a pensão em que viviam. Nas caminhadas noturnas com o filho Walter e o sobrinho Óscar, Horacio costumava ir até o limite imaginário e então retornar, como que contornando um muro que impedissem a passagem para os bairros do sul:

Sin hablar nunca de aquello, Óscar tuvo que enterarse de que la ciudad y el mundo de tío Horacio terminaban en mojones infranqueables de la calle Rivadavia; y todos los nombres de calles, negocios y lugares del barrio sur fueron suprimidos y muy pronto olvidados. De manera que cuando alguien los nombraba junto a él, tío Horacio parpadeaba y sonreía, sin comprender, pero disimulando, esperando con paciencia que la historia o los personajes cruzaron Rivadavia y él pudiera situarlos. (ONETTI, 2009: 121)

Perla se encontra na cidade que, depois do carnaval de 1938, se tornou parte de um território estrangeiro, esta Buenos Aires do sul que a Horacio não dizia mais respeito. A narrativa se desenvolve com a aceitação da existência do muro, de uma fronteira cultural que no conto se estende à obsessão de um dos personagens. Para Juan Carlos Onetti, a linha que corta Buenos Aires ao meio, mais do que limite geográfico, é também definidora de rumos – e em “Regreso al sur”, passar de um lado para o outro pode ser o ponto de inflexão da narrativa. O conto será trabalhado mais a fundo no terceiro capítulo deste trabalho.

Ao longo da trajetória pessoal de Onetti, foram várias as idas e vindas de um lado para o outro do Rio da Prata. Juan Carlos Onetti, montevideano de nascimento e habitante de Buenos Aires durante parte importante da vida de escritor, não se enraizou de maneira definitiva em nenhum dos dois lugares. A permanência se deu, tempos depois, longe do sul do continente, em Madrid, quando a repressão obrigou-o a buscar o exílio na capital espanhola. Já em tempos de democracia restaurada, Onetti optou por não retornar e então fez do desterro o lugar escolhido para passar o final da vida. A viagem constante, é possível desconfiar, deixou marcas na sua obra, e é certo que modificou o seu olhar para o espaço em que vivia. As circunstâncias de despedidas e regressos fizeram com que Onetti fosse um pouco estrangeiro na Montevideu natal e também em Buenos Aires, ou suficientemente forasteiro para impedir que o olhar se contaminasse sem volta pelos vícios e repetições dos lugares de sempre. Há algo deste desarraigamento na construção dos seus personagens, que parecem estar em muitas situações como que de passagem, à espera de um evento ou de uma impossibilidade que forcem o instante da viagem, da partida, e então se tenha que ir embora outra vez.

Em *La vida breve*, a ideia da evasão se dá não apenas na literatura, mas também de modo espacial. Gertrudis e Brausen relembram constantemente os anos em que viveram em Montevideu, e por vezes imaginam como teria sido a vida se houvessem permanecido naquele lugar. Gertrudis, após a cirurgia e os dias de desolação, acaba por viajar a Temperley, pequena cidade da Província da Buenos Aires, para estar por perto da mãe e escapar da atmosfera impregnada de calor e tristeza do apartamento da rua Chile: “un día cualquiera ella pensó con una novedosa ansiedad en su madre, en la vieja que meditaba en su propia inutilidad en su casa de Temperley; estuvo segura de la confortación y de la perdurable Gertrudis joven que iba a encontrar en Temperley, junto a su madre”. E Santa María, por sua vez, é descrita com características de uma cidade de passagem e a menção ao hotel e seus hóspedes é um artifício

constante. No trecho seguinte, Brausen, decidido que o roteiro de cinema para Julio Stein poderia ser a salvação a curto prazo das suas inquietações, descreve velozmente a composição de Santa María, com o “flamante” hotel como a construção em destaque:

Además del médico, Díaz Grey, y de la mujer - que desaparecía detrás del biombo para salir con el busto desnudo, volvía a esconderse sin impaciencia y regresaba vestida -, tenía ya la ciudad donde ambos vivían. (...) Tenía ahora la ciudad de provincia sobre cuya plaza principal daban las dos ventanas del consultorio de Díaz Grey. Sigilosamente, lento, salí de la cama y apagué la luz. Fui caminando a tientas hasta llegar al balcón y palpar las maderas de la celosía, corrida hasta mitad. Estuve sonriendo, asombrado y agradecido por que fuera tan fácil distinguir una nueva Santa María en la noche de primavera. La ciudad con su declive y su río, el hotel flamante y, en las calles, los hombres de cara tostada que cambian, sin espontaneidad, bromas y sonrisas. (ONETTI, 2013: 34)

Ser estrangeiro para se deparar com os elementos que se configuram como invisíveis para nativos e habitantes: esta é uma ideia que encontramos em Walter Benjamin, filósofo e viajante, que escreveu e pensou sobre as cidades em que esteve. Benjamin passou de Paris a Moscou, por Nápoles e Marselha, mas é sobre a sua Berlim natal que se ocupa desta espécie de desnaturalização que permite se aproximar do inefável. Em *Zona urbana*, Martín Kohan individualiza as percepções urbanas do filósofo alemão e se centra sobre cada um dos pontos geográficos relevantes para a obra de Benjamin. É quanto a Berlim que Walter Benjamin escreve sobre duas necessidades: a de aprender a perder-se e a de adquirir uma mirada que se aproxima da visão do estrangeiro, capaz de enxergar com curiosidade e estranhamento o que está à disposição dos olhos no cotidiano.

Para Benjamin, perder-se em Paris, a cidade moderna que aparece como exemplo das transformações europeias, metrópole de ruas povoadas por multidões, não é tarefa difícil; em Moscou, onde até mesmo as mais simples indicações de sentido das ruas é dificultada pelo hermetismo do idioma, perder-se, por sua vez, é quase uma regra. O conhecimento de se ver perdido, para assim construir um novo eixo de localizações – descobrir uma cidade nova na própria cidade em que nasceu – serve exatamente para Berlim. Escreve Martín Kohan que “para aprender a perderse en Berlín hay que aprender a extrañificarla. Sólo cuando se consigue convertirle en una ciudad extraña y poco familiar, llega a ser posible perderse en ella, y que ese extravío se deba a una destreza premeditada y no a las limitaciones y a las dificultades del desorientado” (KOHAN, 2004: 61), e este raciocínio acompanhará as caminhadas de Benjamin por Berlim, andanças por vezes a esmo, e em outras ao encontro de

casas e bairros que remetem a uma infância já distante, que se farão presentes nos textos de *Infância em Berlim*.

Em cada um dos textos curtos, a capital alemã parece banhada por uma luz nova, por uma iluminação de descobrimento (mesmo quando na rua havia escuridão), através de uma mirada possível apenas para quem vê a cidade pela primeira vez. É o caso deste trecho de “Tarde de inverno”:

às vezes minha mãe me levava para fazer compras em tardes de inverno. Era uma Berlim escura e desconhecida que, à luz de gás, se estendia à minha frente. Ficávamos no antigo Oeste, cujos arruamentos eram mais uniformes e despreziosos que os preferidos posteriormente. Àquela hora já não se podia perceber com clareza as sacadas e as colunas, mas nas fachadas havia luz. Fosse por causa das cortinas de musselina, fosse por causa das venezianas ou da camisa da lâmpada de gás suspensa, aquela luz pouco revelava dos aposentos iluminados. Não tinha a ver com nada, a não ser consigo mesma. Atraía-me e deixava-me pensativo. Ainda hoje isso me acontece na memória. (BENJAMIN, 1995: 127).

A atenção microscópica e o exercício de se pensar estrangeiro num lugar conhecido de antemão são situações válidas tanto para Benjamin como para Onetti. No caso do escritor uruguaio, as constantes mudanças entre as duas maiores cidades do sul do continente e o esforço de levar para a ficção lugares ignorados da cidade fazem parte do mesmo fenômeno. Juan Carlos Onetti não se *acostuma* com o que vê em Buenos Aires e Montevideú e espera do ambiente urbano uma riqueza que ainda está por ser descoberta; assim, espaços como pensões e cortiços, como o *Bajo* montevideano, passam das sombras para a literatura.

1.2 Santa Maria, uma e outra

*Santa Maria são os morros:
Nossa muralha da China,
Jardins suspensos
Da nossa Babilônia.*

*Montanha russa dos ventos,
Longo e tortuoso útero
Do sol e da lua.*

(Prado Veppo)

“Não só poderia desenhar o mapa de Santa María”, disse Juan Carlos Onetti certa vez, “como em algum momento de fato o desenhei¹”, completou. Trata-se de um desenho simples, em que dezoito quarteirões são representados com um traço algo displicente de caneta nanquim; sobre alguns dos lugares, a caligrafia inequívoca do escritor indica a referência. Enxergamos, no limite superior, o porto, e próximo às águas o bar Berna, destinado aos seres errantes do povoado. No caminho para a praça central, é preciso atravessar a avenida Urquiza e então avistamos os prédios principais da cidade. De um lado, o hotel, onde Díaz Grey comparece quase todas as noites para se sentar por alguns instantes no balcão do bar; de outro, vemos o clube, o cinema, o café. Em frente ao hotel está a igreja de Santa María, junto à avenida Urquiza. Em Santa María a geografia é cambiante: personagens morrem para ressuscitar no romance seguinte, e prédios são demolidos e reerguidos de um livro para o outro. Santa María é o centro do universo de Onetti: dali partem os fios que conduzirão, magicamente, a salvação de Juan María Brausen e os movimentos ambíguos do médico Díaz Grey.

Todos os dias, pela manhã, uma balsa deixa Buenos Aires e horas depois alcança o porto de Santa María. Leva a bordo uns quantos passageiros, os jornais do dia, caixas de uva, alguns carros que se apertam na embarcação. Quanto aos passageiros, alguns devem pernoitar no hotel e retornar ao lugar de origem no dia seguinte. É o que podemos imaginar pelo relato de Brausen em *La vida breve*, quando constrói as engrenagens de Santa María pela primeira vez. Nem tão longe dali (não se pode saber o quão distante, mas aproximamos os lugares por

1

“Santa María: Onetti en su reino”. Disponível em: <http://www.onetti.net/es/descripciones/galaridy>

conta de similitudes), para além de *La vida breve* e da literatura de Juan Carlos Onetti, outra Santa Maria aparece nos mapas. Está presente na ficção – alguns poetas e narradores fizeram da cidade objeto da sua literatura – mas é predominantemente real. Também em Santa Maria (esta com o “i” libertado do acento da língua espanhola) as pessoas chegam durante as manhãs, ainda que não de uma balsa, visto que a Santa Maria do Rio Grande do Sul é cidade continental, e se despedem no final do dia, ou no crepúsculo de algum domingo. Ao que parece, sempre foi assim. Primeiro com os trens, no tempo em que Santa Maria foi encruzilhada importante para os caminhos ferroviários do Rio Grande do Sul; depois, com a universidade, o futebol, as circunstâncias, o acaso.

Em Santa Maria sopra um vento quente, um vento norte, muitas vezes por ano. No inverno o sentido da corrente de ar se altera e o vento sul é gelado; constante, habita a enorme maioria das noites. Em Santa Maria a antiga estação de trens está quase abandonada e dali saem uns poucos vagões de carga para as cidades próximas. Os vendedores de maçãs argentinas e de revistas nacionais, pintados por Sergio Faraco no conto “Dançar tango em Porto Alegre”, já não passam por Santa Maria. Em Santa Maria há bares como o Berna, refúgios em que vemos pelas janelas de vidro a noite passar. Em Santa Maria há um parque que se estende por alguns dos bairros do centro e resiste aos viadutos que o cortam ao meio. Santa Maria, em comparação com o povoado de Onetti, é maior e mais populosa. Não se limita aos quarteirões traçados pelo escritor uruguaio e chega a abrigar aproximadamente duzentos e cinquenta mil habitantes.

Nasci em Santa Maria e por lá vivi durante vinte anos. A partir do momento em que deixei a cidade, num movimento de migração comum para quem nasceu naquele lugar, Santa Maria tornou-se motivo também de escritura. Em 2014, publiquei na revista eletrônica *o Viés* uma espécie de folhetim de ficção que chamamos de *Folhas do vento norte*. Foram seis textos, um para cada mês, entre julho e dezembro, nos quais a cidade aparecia sempre como mapa e em alguns instantes também como personagem. Os relatos, que quanto ao gênero poderiam ser descritos como contos breves, estão em diálogo com os dois textos deste trabalho que constroem, em sua narrativa, o espaço de Santa Maria. Alguns lugares se repetem, bem como as referências a um bairro e a um vento, e talvez o leitor encontre, em comum, a mesma cor em cada uma das ruas. O olhar que percorre a cidade está em permanente oscilação: alterna entre o ser local e o sentir-se estrangeiro em Santa Maria.

Os seis textos, que evidenciam um valor de conjunto, podem ou não ser lidos em sequência. O narrador mantém-se constante do primeiro ao sexto conto, com apenas uma oscilação, e a personagem central é a mesma em todos eles. Há variações, no entanto, quanto

ao gênero, ainda que seja possível chamar a série de um conjunto de contos. No primeiro dos textos, a brevidade e a forma podem lembrar uma crônica; no quinto texto, quando o narrador se desloca para a primeira pessoa, escolho o formato da correspondência. Numa das releituras que fiz de *Folhas do vento norte*, tive a impressão, que não me parece equivocada, de que aqueles textos e os contos que apresento ao final deste ensaio, e que fazem parte deste projeto de dissertação de Mestrado, são, na verdade, peças de uma mesma tentativa: há a mesma preocupação com a construção do espaço narrativo, semelhanças nítidas nas escolhas da linguagem e dos temas. Diferem-se, apenas, quanto à presença das cidades (em *Folhas do vento norte* estamos sempre em Santa Maria, mesmo quando o nome do lugar não é mencionado com todas as letras no texto) e por uma questão externa à confecção (foram já publicados em formato de folhetim na internet, e portanto não são mais inéditos). Se não se trata de um mesmo projeto, posso dizer que são linhas paralelas que se orientaram numa mesma direção e num mesmo período de escritura; afinal, alguns dos contos que aparecem aqui foram também escritos no ano de 2014.

Para além do tema e do esforço de construir um espaço narrativo na ficção, os textos de *Folhas do vento norte* compartilham um recurso que também está presente nos demais contos: a da caminhada, capaz de traçar o percurso do personagem por entre o espaço ficcional e de, ao mesmo tempo, registrar as visões da cidade pelo qual ele caminha. Este é o eixo imutável destas páginas: a cidade irá se revelar, com seus habitantes e seus conflitos, pessoais e por assim dizer comunitários, à medida que os passos de alguém (no caso de *Folhas...*, o caminhante é, na verdade, *ela*, a personagem feminina que protagoniza as seis histórias) alcançam as suas ruas, bairros, praças. O mesmo pode ser visto em “Ruas de maio” e “Ruas de dezembro”, os dois contos do projeto de dissertação de Mestrado situados na mesma cidade: por mim, sempre foram vistos como *contos de caminhadas*, de deslocamentos pela cidade. A caminhada, aqui, mais do que vencer as distâncias do território urbano, também ocorre para colocar ideias e reflexões em movimento; para perceber sobre si enquanto se produz uma compreensão que é, de fundo, espacial.

Em “Ônibus noturno”, o primeiro dos textos, escrito e publicado no mês de julho de 2014, a caminhada aparece na última cena do conto, e direciona o sentido também dos textos que estavam por vir – o conjunto de textos não foi planejado de forma integral previamente e, como o folhetim que cresce à medida que se escreve, temas e situações surgiam após uma nova leitura do texto anterior. No conto, depois que a personagem retorna ao centro da cidade e, acompanhada por alguém que até então não conhecia, decide adiar a volta para casa, lemos a seguinte passagem:

Já na rua, o vento parece ganhar força com a descida do asfalto e espalha um frio intenso. Dentro do ônibus estava um pouco melhor. Ela avisa que a sua casa fica a alguns minutos dali, pouco depois de passar a Rio Branco. Mas que pode caminhar por mais tempo, não tem compromisso algum e a semana, afinal, já havia acabado. Ele comenta que há tempos vê as semanas passarem sem maiores acontecimentos, e que caminhar pela cidade, apesar do vento, pode ser bom para a cabeça. ‘Eu preciso estar na rua para que algo me aconteça’, imagino que tenha tido vontade de dizer. (“Ônibus noturno”).

O pensamento que encerra a narrativa (“eu preciso estar na rua para que algo me aconteça”) servirá, ainda que de maneira não planejada, como um argumento para as demais narrativas do conjunto. Os passos moverão a personagem e também o texto em ao menos quatro dos seis contos; sem o andar pelas calçadas, desta vez, não haveria conflito ou reflexão, a história não se colocaria em movimento. No segundo texto, intitulado “Depois do sonho”, a caminhada ocorre em outra situação: a personagem caminha de maneira algo irrefletida, quase que a esmo, depois de passar em casa uma manhã de ressaca, às voltas com os efeitos da bebida da noite anterior e com os ruídos da rua que a impedem de seguir dormindo. Com o sol do começo da tarde, inicia um deslocamento pelo parque, caminhada que, então, se moverá como que de maneira independente ao que planeja a personagem. O destino da travessia será a região da antiga Estação Ferroviária de Santa Maria, situada numa zona central que, há décadas, se encontra em estado de quase abandono:

Deixou para trás uma pracinha com brinquedos, um chalé abandonado, dois ou três pequenos grupos de estudantes que tomavam mate, atalhos construídos com britas, um prédio alto que contrastava de imediato com a planura e **só então viu o ambiente se transformar, perder traços de centro e ganhar forma de arrabalde**. A vegetação, já alta, crescia sem qualquer cuidado e cães soltos perseguiram com grande alarido um Fiat 147 branco que cruzava uma ruela improvisada no espaço baldio. Quero-queros sobrevoavam a área e um dos pássaros pousou em cima de uma placa desgastada pelo tempo e na qual se podia ler: MANUTENÇÃO E CARGA DOS VAGÕES À DIREITA. Quase sem perceber, havia caminhado até a Estação Ferroviária. Viu ao seu lado o prédio central do lugar, como que paralisado pela luz da tarde de sábado, e aparentemente para sempre acorrentado a um tempo morto. Encontrou um degrau e sentou-se no largo que se abre aos fundos da plataforma. (“Depois do sonho”).

No terceiro texto, “Nuvens do fundo do mar”, talvez o mais contrastante dos contos com a ideia de conjunto, visto que apenas neste podem ser encontrados elementos próximos ao fantástico, a caminhada ocorre a passos lentos, nos quarteirões mais centrais da cidade. Santa Maria, nesta narrativa, encontra-se tomada por nuvens e mesmo a visão de edifícios baixos se encontra dificultada pela barreira de neblina que se forma em plena tarde. A

caminhada, aqui, se dá em função da curiosidade e da expectativa de compreensão: acompanha o movimento das nuvens baixas e se encerra, ainda na metade do conto, quando a personagem se depara com uma presença inesperada no centro da cidade. Ele (como nos demais textos, os personagens carecem de nome; são caminhantes anônimos e talvez sem rosto) a surpreende no mesmo gesto de observar o fenômeno, e acabam por andar lado a lado até um cinema central. No sexto e último conto, a caminhada ocorre em círculos, num início de madrugada, e tem como pontos de partida e chegada também o parque: em Santa Maria, um lugar de encontro para estudantes, palco de manifestações culturais, destino para caminhantes que se movimentam com ou sem motivo.

Não há caminhadas, ao menos não expressas, nos contos quatro e cinco, “A poeira das casas” e “Carta a V.”. Trata-se, no entanto, de um par de textos que são imóveis apenas num primeiro plano; a leitura atenta das duas narrativas poderá mostrar outra forma de *passo*. O primeiro se desenvolve no interior de uma residência e se sustenta através de diálogos que são mostrados de modo indireto. No entanto, ao percorrer as gavetas e os armários da residência para a qual a personagem havia se mudado, vemos uma outra espécie de trajeto – interior, através dos cômodos ainda inexplorados e dos vestígios de outras vidas que ainda podem ser encontrados ali. Da mesma maneira, o conto indica que o processo de mudança não é o primeiro pelo qual a personagem passa, e menciona um deslocamento quase nômade por apartamentos e casas da cidade: “ao estar sempre pelas ruas, disponível aos sofás que te oferecem, aos catálogos de imobiliárias e mesmo aos quartos de hotéis, conhece-se alguns cantos até então completamente invisíveis da cidade”. Em “Carta a V.”, entretanto, a imobilidade do primeiro plano da narrativa se deve ao formato de correspondência. Assim, o andar não é representado no tempo presente ou em trajeto específico, mas está contido nos acontecimentos rememorados (“Veja só, alguns presentes acompanham esta carta. O primeiro é um livro de poemas traduzidos e organizados por Manuel Bandeira, que encontrei num sebo do Centro, quase junto ao Túnel”).

A repetição do recurso das caminhadas nestes textos – por vezes, o ato de andar é recurso, eixo e objeto da história – passa por algumas convicções pessoais: primeiro, a crença de que é com o passo que se pode chegar mais perto de se conhecer uma cidade. Mais do que a utilização de qualquer meio de transporte (sendo o trem o mais rico para a observação do espaço urbano e o automóvel, na condição de motorista, o mais pobre, numa escala tão radical quanto individual), é a caminhada que pode mostrar ao pedestre partes até então ignoradas da cidade: um sobrado de esquina que se apresenta como inédito, mesmo estando naquele local há oitenta anos, a passagem que marca, discretamente, a fronteira de um bairro com o

seguinte, traços de imigração e do passado, de pobreza em meio à opulência, de inesperadas cores onde só se acreditava encontrar espaços baldios e terrenos à beira do abandono; em segundo lugar, a leitura de escritores e escritoras que, além de escrever, trataram a caminhada como exercício literário, ou ao menos como possibilidade de reflexão e desautomatização do olhar. Aqui, salta entre possíveis nomes o Walter Benjamin de *Infância em Berlim*, “Diário de Moscou” e o da inacabada obra das passagens (*Pasagen-Werk*). “Uma cidade é uniforme apenas na aparência. Mesmo seu nome assume um som diferente em diferentes vizinhanças. Em nenhum outro lugar – com a exceção dos sonhos – o fenômeno da fronteira pode ser experimentado de forma tão pura como nas cidades” (apud MORETTI, 2003: 90), está escrito num dos fragmentos deste último. A cidade que se modifica de tanto em tanto, e que permanece com o mesmo nome. Ao reler as páginas de ficção, percebo que busco esta ideia em alguns dos textos deste projeto.

Está grifado na citação acima que se refere ao conto “Depois do sonho”: “e só então viu o ambiente se transformar, perder traços de centro e ganhar forma de arrabalde”. Numa cidade média, como é o caso do espaço representado no conto, pode-se percorrer os limites do que é urbano sem que, para isso, seja preciso recorrer a meios de transporte ou destinar um dia inteiro para a caminhada. Em menos de uma hora, é possível caminhar do centro para a periferia (para o arrabalde, para o começo de uma área rural, para o subúrbio) de cidades como Santa Maria – estimativa que, com algum tempo a mais, também vale para centros maiores como Porto Alegre e Montevidéu, também ficcionalizadas neste projeto (em lugares como Buenos Aires veremos que a situação é um pouco distinta). De modo que a pé, com certo tempo livre e boas condições climáticas – elementos necessários para o andarilho cumprir o seu papel – é possível andar a ponto de ver a cidade se transformar drasticamente, observar como a paisagem se confunde e então se perde, para ganhar uma forma que já é nova para quem, pouco antes, caminhava pelas ruas centrais. A transformação, a princípio geográfica e relativa à paisagem, vai além e se insere também no rosto dos que caminham e habitam, na linguagem que se verifica nas ruas. “Mesmo seu nome (o nome da cidade) assume um som diferente em diferentes vizinhanças”, como escreveu Walter Benjamin.

O conto “Ruas de maio”, tal como os de *Folhas do vento norte*, apresenta um deslocamento por Santa Maria, mas se estrutura de modo distinto: pensada para ser lida num fôlego só, a narrativa se ergue numa caminhada que não se interrompe – o movimento é constante, e serpenteia desde a parte baixa da cidade, próxima ao Centro, em direção a um estádio de futebol localizado nas cercanias dos antigos bairros ferroviários, próximos à

Estação. Este é um movimento por assim dizer invertido: há tempos (desde a decadência do sistema ferroviário do Rio Grande do Sul, que atingiu Santa Maria com força), o deslocamento corriqueiro se dá no outro sentido, da “cidade antiga” para as áreas próximas ao centro “novo”, e não mais em direção aos morros e aos bairros ferroviários. O comércio se transportou de “lá para cá”, bem como os hotéis, o trânsito os passeios. Restaram, na região ferroviária, pensões baratas, albergues para moradores de rua, algumas lojas extremamente específicas (o conto menciona um comércio de pássaros e gaiolas) e divertimentos populares – como a partida de futebol que motiva o andar de “Ruas de maio”. A ligação entre “cidade antiga” e “cidade nova” pode se dar por um só caminho, linear e sem obstáculos, através da Avenida Rio Branco, mencionada no texto apenas como “Avenida”. Também esta passagem se modifica sem cessar no passado recente: sofreu o impacto da decadência dos bairros antigos, tentativas de revitalização, novos esquecimentos:

Desço a Avenida não pelo canteiro central, onde os bancos estão vazios, mas pela calçada da margem direita. Há alguns anos, os camelôs montavam dezenas de tendas por ali, mas disso não há nem sinal. Do outro lado da via há, penso que ainda exista, um café que abre milagrosamente aos domingos (...). Vejo que ainda está, esta sim, a loja que vende pássaros e espalha gaiolas pela calçada. (“Ruas de maio”).

Mas uma cidade também se modifica sem que tenhamos de trocar de endereço. As mesmas ruas, se tocadas por certos fenômenos, mostrarão ao caminhante outra roupagem, uma nova identidade. A avenida Rio do Branco, mencionada no conto, por exemplo, terá faces distintas se a percorremos de dia ou de noite – sua transformação não passa por uma mudança geográfica, visto que é possível permanecer no mesmo quarteirão, mas diz respeito ao horário, ou à luz. À noite, outros serão os objetivos dos que caminham por ali, outros os rostos, e também os atrativos. “Algumas luzes da rua se acendem, o céu começa a escurecer. Já há quem busque por diversão barata na Avenida e quem caminhe sem rumo, indiferente às decepções do futebol subterrâneo e do ocaso e do outono”, está escrito na última frase do conto. A caminhada já não seria a mesma do início da narrativa, quando o caminhante percebe a fumaça dos churrascos preparados no domingo, os açougues que começam a fechar as portas, o passo leve de quem anda pela rua no único dia de folga. Passaram-se umas poucas horas (o suficiente para a partida começar, o time local ser derrotado e a noite se apoderar do céu e da cidade) e a avenida Rio Branco já é outro lugar.

Não é segredo que o tempo impacta no espaço; se em poucas horas ele altera o que ocorre numa passagem da cidade, com o passar das décadas as mesmas placas de esquina

podem significar algo completamente distinto para a cidade em que estão instaladas. As ruas dos bairros ferroviários, pelas quais o caminhante precisa andar para chegar ao estádio, foram em outro tempo algumas das vias mais importantes para o comércio do lugar. Hoje, sua relevância, mencionada em “Ruas de maio”, é apenas pontual, e pode ser uma travessa inteiramente ignorada para boa parte dos moradores da cidade: “Já me vejo pisando os trilhos ao lado da Estação, e lembro que nesta madrugada ouvi um trem que chegava ou que partia (...). Na rua Sete, percebo alguma movimentação (...) A rua que antes já foi a terceira ou a quarta mais importante da cidade, e hoje ela importa quase que só para os habitantes desta região”. O tempo, no entanto, não é a única variável capaz de modificar a visão que o caminhante guarda de uma rua ou avenida. Em *Rua de mão única*, livro em que Benjamin reúne fragmentos de percepções urbanas, vemos que, para além das placas, a experiência afetiva aproxima ou distancia um bairro de outro, torna região luminosa um lugar até então invisível da cidade. As passagens urbanas, mesmo que gravadas no mapa, atravessam caminhos subjetivos:

Um bairro extremamente confuso, uma rede de ruas, que anos a fio eu evitava, tornou-se para mim, de um só lance, abarcável numa visão de conjunto, quando um dia uma pessoa amada se mudou para lá. Era como se em uma janela um projetor estivesse instalado e decompusse a região com feixes de luz. (BENJAMIN, 1995: 35).

A luz do dia ou da noite, a pessoa amada que troca de endereço, o tempo que passa e reorienta as prioridades econômicas do lugar: são deslocamentos mais ou menos visíveis, mas que exigem, todos eles, a atenção de quem anda pela rua. Compreender onde a cidade se modifica, onde se iguala, em que momento ela não é a mais a mesma *para si mesmo*, é um exercício que demanda um olhar sensível, resistente ao que é ofuscado. Para se enxergar mais ao fundo do que o nome das ruas e o número pintado em portas e paredes talvez seja necessário impor-se diante do cotidiano; tal como Onetti, atento ao que entrava em mutação dia a dia na sua Montevideu, impedir que a caminhada de todos os dias se transforme em cegueira, no olhar que não distingue mais os tons. Para Benjamin, o hábito pode fazer com que paisagens inteiras desapareçam do campo de visão – movimento que, em alguns casos, será mesmo inevitável. Ainda que o caminhante se esforce para não se desprender do que vê, a visão inaugural de uma aldeia está perdida de antemão no momento em que se contemplou a paisagem pela primeira vez:

Objetos perdidos. O que torna tão incomparável e tão irrecuperável a primeiríssima

visão de uma aldeia, de uma cidade na paisagem, é que nela a distância vibra na mais rigorosa ligação com a proximidade. O hábito ainda não fez sua obra. Uma vez que começamos a nos orientar, a paisagem de um só golpe desapareceu, como a fachada de uma casa quando entramos. Ainda não adquiriu uma preponderância através da investigação constante, transformada em hábito. Uma vez que começamos a nos orientar no local, aquela imagem primeira não pode nunca restabelecer-se. (BENJAMIN, 1995: 43).

O cotidiano se mostra mais forte do que a percepção e do que as imagens e que, ainda que seja preciso enfrentá-lo, sempre se perderá algo. A ideia de Benjamin já se debruça sobre uma cidade dita moderna: o pensador alemão testemunhou as mudanças que ocorriam em Paris, cidade que chamou de “capital do século XIX”, e esteve perto das ruas para compreender o que exatamente se transformava. Leu Baudelaire e viu que o *flâneur*, o caminhante que até então não se encaixava de todo nem na grande cidade, nem na classe burguesa, pouco a pouco “parte para o mercado”; entendeu quais foram as intenções do barão Haussmann, algumas décadas antes, quando o prefeito irrompeu no mapa de Paris com blocos de concreto e abriu avenidas, devastou bairros, fez “com que Paris se tornasse uma cidade estranha para os seus próprios moradores”. Com Haussmann, foi encurtada a distância entre a caserna e os bairros operários, as ruas se alargaram para que se dificultasse a formação de barricadas (que ainda assim chegariam). A Paris do tempo presente de Walter Benjamin, entretanto, já tinha outras ameaças: o fascismo estava nas ruas e, como escreveu Martín Kohan, era preciso pensar sobre a cidade sitiada desde uma sala de biblioteca; a caminhada era um ato de alto risco.

Se é certo que a Paris que Walter Benjamin leu e a que viveu são como que cidades distintas, com o passar do tempo o ritmo com o que o espaço urbano se modifica ficou ainda mais acelerado. Na atualidade, tempo em que as definições parecem obsoletas a cada volta do relógio, cidades são reinventadas e destroçadas em curtos períodos de tempo – algumas vezes, ao modo do barão Haussmann: muitas parecem igualmente estranhas para os seus próprios moradores. Perceber como o espaço urbano se modifica, oscila através do mapa e através do tempo: este é, aproximadamente, o anseio de Beatriz Sarlo em *La ciudad vista*, um livro de caminhadas. “Durante cuatro años recorrí la ciudad tratando de ver y de escuchar, pero sin apretar las teclas de ningún grabador. Llevaba, cuando llevaba algo, una libretita y una cámara digital, y tomaba centenares de fotografías” (SARLO, 2009: 10), escreve. A cidade em questão é Buenos Aires, uma das metrópoles latino-americanas que mais se modificou nas últimas décadas.

São muitos os fenômenos que, em tempos recentes, se inscreveram no território e na cultura bonaerenses: a aguda crise econômica e social do início do século XXI; um novo fluxo de imigração, desta vez não proveniente da Europa, mas de países vizinhos que se encontravam em condições estruturais ainda mais complicadas e de longínquas terras asiáticas; a série de políticas neoliberais que, visivelmente fracassadas, acabaram por criar novos bolsões de pobreza e afastar a população dos espaços públicos; a perda da identidade de bairros históricos (hoje há arranha-céus em San Telmo), entre outros movimentos que deixam marcas na geografia da cidade. A caminhada de Beatriz Sarlo, que se ocupa das mercadorias (o lugar dos *shoppings* e o dos ambulantes, os imigrantes que expõem seus produtos na praça) e da cultura urbana (placas escritas em coreano, letreiros em mandarim), encontrará pistas para a pesquisa em cada esquina: Buenos Aires é um ser cambiante, muda depressa e violentamente.

Ao caminhar por Buenos Aires, já na segunda década do século XXI, Beatriz Sarlo se deparou com uma cidade ainda mais distante dos seus moradores; uma cidade quase que em nada familiar, marcadamente dividida pelo movimento das suas distintas classes sociais e com refúgios em ambientes privados – ou em ambientes públicos gerenciados por iniciativas privadas, como é o caso dos *shoppings centers*. Para Sarlo, o *shopping* aparece no momento em que a cidade se converte em um lugar predominante inseguro e se multiplica conforme crescem as versões de um discurso centrado no medo e nos riscos de se sair à rua. Em *La ciudad vista*, escreve:

Última invención urbana del mercado, el *shopping* llegó en el momento en que se creyó que la ciudad se volvía insegura o, mejor dicho, en que la inseguridad, que fue siempre un tema urbano (...) se convirtió en una preocupación central: el miedo de la ciudad y el miedo en la ciudad, el éxodo a barrios cerrados, a enclaves que simulan aldeas, a suburbios bajo control, el abandono de los espacios abiertos a causa de sus acechanzas. A esta forma de enfrentar un conjunto de cambios, que sucedieron en todas las ciudades del mundo, el mercado le ofreció su creación: el *shopping*, un espacio público de gestión privada. (SARLO, 2009: 22).

Shoppings com corredores repletos de gente, ruas esvaziadas em muitos dos bairros; à noite, as regiões centrais podem passar horas como se fossem áreas desabitadas. Beatriz Sarlo escreve que o fenômeno aparece, sim, como resposta a uma insegurança que se dá nos planos real e do discurso, mas não apenas: estaria relacionado também à organização destes sistemas privados em contraposição a uma certa desordem inevitável que podemos encontrar no que está nas ruas. Isso vale mesmo para os percursos ancorados no consumo: nas calçadas, as

mesmas lojas que podem abrir suas portas nos *shoppings* estarão sujeitas a fatores nem sempre controláveis – há um tanto de casualidade e de circunstância (de imprevisibilidade) no que acontece nas ruas. A passagem dos pedestres e dos carros, o *estar alheio* dos que caminham sem intenção de compra, a chuva e o sol forte, uma ronda policial e uma manifestação política com suas faixas e cânticos: estar na rua é aceitar variáveis que, tão antigas como o surgimento das cidades modernas, hoje parecem difíceis de serem aceitas para muitos habitantes e consumidores. O *shopping*, com sua organização orientada para fins bem definidos, pode conter a enorme maioria destas variáveis, como argumenta Beatriz Sarlo: “los *shoppings* pueden ser recorridos sin que se los reconozca (...). Su cualidad es precisamente la opuesta: negarse a todo descubrimiento porque tal actividad significaría una pérdida de tiempo y una falla de funcionamiento” (SARLO, 2009: 22).

Como parte do mesmo fenômeno urbano, mas no sentido oposto, as estações de trem passam por processos de esvaziamento e de deterioração em vários níveis. E Buenos Aires é o lugar adequado para se tomar como exemplo. As estações de Retiro e Constitución, antes o ponto de partida para os principais deslocamentos de média distância na cidade e na província, e que serviram como espaços destinados à circulação de distintas classes sociais e ao comércio, hoje prestam serviços de péssima qualidade a uma população marginalizada que, inclusive, corre risco de vida ao se deslocar nesses trens. Sarlo escreve que “de lo que fue una idea de ciudad, quizás nunca del todo posible, queda muy poco: el transporte de los pobres, que no respeta las reglas que una vez se impusieron; ‘fuera de horario’ los trenes no son el progreso”. A cidade das imponentes estações ferroviárias e de um cotidiano vivido intensamente nas ruas, portanto, não se deixa mais reconhecer.

Em “Mapa da província”, um dos contos que integra este projeto e um dos últimos, cronologicamente, que escrevi, o protagonista passeia por uma Buenos Aires que parece uma cidade desconhecida. Conta que viaja para o lugar desde a infância, guiado por laços familiares, e que conhece suficientemente alguns pontos da capital argentina para evitar as ambiguidades do que é visto pela primeira vez: “se não corria os riscos que padecem os visitantes de primeira viagem, como o de se ver em regiões perigosas de maneira inesperada ou de ser enganado no câmbio sempre flutuante, também não podia contar com o deslumbramento das estreias, do que é inaugural e portanto sempre fresco”. Desta vez, está em Buenos Aires para participar de dois concertos musicais em cidades próximas (Lanús e La Plata), ainda que a permanência se prolongue para além do esperado: espera por compromissos que não se concretizam e aproveita o tempo livre, que é vasto, para caminhar por alguns dos bairros que o fazem recordar memórias de infância.

Pode-se dizer que o caminhante de “Mapa da província” está permanentemente deslocado do espaço pelo qual está disposto a percorrer. Por vezes, ele acaba preso no quarto de hotel, situado numa área lúgubre do bairro de Constitución, por conta das chuvas que inundam a Capital Federal; noutras, se desloca de metrô até o bairro de Palermo onde, agora a pé, se põe a observar um lugar que oscila entre a familiaridade e a estranheza. Entre tantas mudanças da paisagem urbana (ele cita o aumento de carros, de *shoppings*, o crescimento da pobreza, a diminuição de cinemas de rua), provoca conforto qualquer espécie de reconhecimento – como a imutabilidade dos jardins de Palermo, resistentes ao tempo e à modernização de Buenos Aires. Em meio a uma caminhada de passos lentos pela tarde de ar gelado, lê-se:

Em vinte anos, a cidade se transformou sem chance de retorno. Há imigrantes por todos os lados, alguns oriundos de países que antes não saberia sequer indicar no mapa, mais prédios do que casas em muitas das suas zonas, há menos cinemas e mais carros nas ruas, um shopping para cada oito quarteirões, a pobreza é visível e desafiadora e as crises que passaram por ali, e não foram poucas em vinte anos, deixaram marcas nas calçadas e nos muros. Nos bosques de Palermo, no entanto, percebia algo diferente. O Jardim Japonês seguia ali, com suas pontes de madeira e seus lagos de carpas bem alimentadas, no lugar de sempre. O Roseiral permanecia intacto e suas flores seguiam exalando um perfume que beirava o erótico, e que o ar frio do inverno espalhava por todo o parque. As mulheres que corriam para manter a forma física se pareciam, de algum modo, com as de antes, e o mesmo parecia valer para as placas que indicavam as distâncias e as esquinas de Palermo. Ali, nem tudo havia se modificado com o mesmo ímpeto, e esta conservação, real ou não, tinha o poder de confortá-lo durante o passeio. (“Mapa da província”).

O reconhecimento de uma partícula da cidade é um momento de aconchego que, a partir daí, não se repetirá na narrativa. Os desencontros com as pessoas que esperava encontrar em La Plata causam confusão, bem como o choque fugaz com uma mulher nas ruas de Núñez e o trajeto improvável que o taxista resolveu percorrer pelo sul de Buenos Aires. O sul de Buenos Aires evocado por Jorge Luis Borges na epígrafe, e que dá nome a um conto paradigmático do escritor. Em “El Sur”, publicado em *Ficciones*, Juan Dahlmann empreende uma viagem austral, a bordo de um trem, para encontrar-se, num estado impreciso entre o heroísmo e o devaneio, com o território mítico dos seus antepassados. O trem avança e, conforme deixa a cidade para trás e alcança o arrabalde, passa por um cenário que se modifica pouco a pouco: “viu casas de tijolo sem reboque, angulosas e compridas, olhando infinitamente os trens passarem; viu cavaleiros em caminho de terra, viu ravinas e lagoas e rebanhos; viu longas nuvens luminosas que pareciam de mármore, e todas essas coisas pareciam casuais, como sonhos da planície” (BORGES, 2007: 164). Enquanto “Sur” se

encerra com um duelo onírico num território quase rural ao sul da Capital, que poderíamos localizar no mapa como sendo Almirante Brown ou San Vicente, ou ainda mais abaixo, em “Mapa da província” o sul permanece na cidade de Buenos Aires: não ultrapassa o rio Riachuelo, fronteira entre cidade e conurbano:

No próximo capítulo, auxiliado pelos mapas (e pelo olhar de Franco Moretti sobre as cartografias), exploro a construção dos espaços narrativos nos contos “Andava a te buscar”, “Acevedo, poeta” e “Mapa da província”, textos que integram esta dissertação de Mestrado. Também estarão presentes algumas justificativas sobre a escolha de certos espaços nos três contos.

1.3 Quando a caminhada traça um mapa

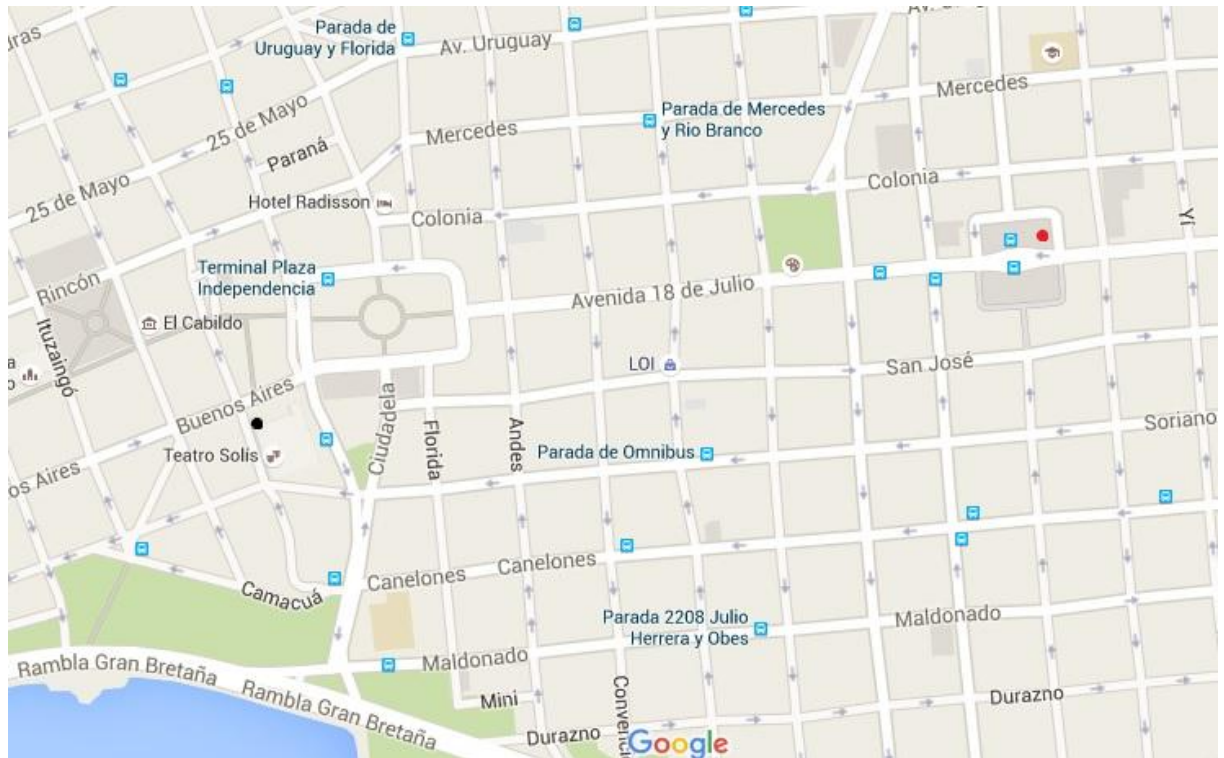
No conto “Andava a te buscar”, o protagonista e narrador, funcionário de uma editora, busca reencontrar pelas ruas de Montevidéu um homem que vende cartões-postais na noite da cidade. O vendedor guarda entre os seus papéis algumas páginas interessantes para a casa editorial em que trabalha e, na única vez em que foi visto, buscava clientes num café situado na rua Buenos Aires, em frente ao Teatro Solís. Naquela noite, havia vendido cartões que estampavam supostas frases de Julio Cortázar; mas o funcionário, cuja editora havia publicado a obra de Cortázar em Montevidéu, intui que aquelas linhas não pertencem à ficção do escritor argentino. Mesmo assim, resolve que no dia seguinte procurará os fragmentos na obra completa de Cortázar, bem como iniciar uma conversa com Antúñez, dono da casa editorial e grande conhecedor da literatura do Rio da Prata.

O narrador deixa, então, a Ciudad Vieja de Montevidéu, decide não ingressar no Teatro Solís, onde assistiria a uma peça. Estava impactado pela leitura dos papéis improváveis que recebeu do vendedor e volta para casa. No caminho, quase cogita procurar Antúñez naquela mesma hora, mas já estava tarde. Desloca-se, então, da zona mais antiga da cidade – quando dos seus primeiros anos, Montevidéu se limitava às quadras que hoje formam esse bairro – em direção ao Centro:

Embora uma curiosidade inexplicável quase tenha me levado à casa do velho Antúñez, por esses dias um homem mais morto do que vivo, atravessei sozinho a noite montevideana com os cartões na jaqueta. O caminho era o de sempre, o da volta para casa, e a procura daqueles trechos nos muitos livros de Cortázar ficariam para amanhã. Contornei a Plaza Independencia e fiz o trajeto inteiro pela avenida 18 de Julio. Aquela era uma noite estranhamente fria para a estação e havia poucas criaturas na rua. Alguns gaúchos falavam alto em frente à entrada de um hotel barato e, mais adiante, quase no encalço da Plaza Cagancha, três universitárias tomavam um mate tardio. Parece incrível como Montevidéu sabe se disfarçar de morta. Poucas horas antes, no fim da tarde, a mesma avenida estava sufocada por um ir e vir incessante de pedestres e veículos. Mas a verdade é que eu pensava pouco na cidade, ao menos de forma direta. (“Andava a te buscar”)

Não há, no conto, um desfecho espacial para a caminhada. O leitor é informado apenas que o protagonista caminha pela avenida 18 de Julio, a principal via do centro da cidade, e que vai além da Plaza Cagancha, situada seis quadras depois da Plaza Independencia, espécie de fronteira entre a Ciudad Vieja e o Centro. Se vive em um bairro próximo, como seria o caso de Cordón, poderia terminar o percurso a pé; por outro lado, centenas de montevideanos caminham pela avenida até a parada de ônibus correspondente à região da cidade em que vivem, e este pode também ser o caso do protagonista. No mapa abaixo, o pequeno círculo

preto à esquerda indica o Café Bacacay, na Ciudad Vieja, onde ocorre o primeiro encontro com o vendedor de cartões. À frente, encontra-se o Teatro Solís. O círculo vermelho, à direita do mapa, indica por sua vez a Plaza Cagancha, última referência geográfica da caminhada noturna do personagem:



Mapa 1: caminhada pela avenida 18 de Julio

Na sequência do conto, o narrador retorna ao bairro em busca do vendedor de cartões. Já havia pesquisado no acervo da editora e na obra de Cortázar: soube que os escritos não pertenciam ao escritor argentino. As horas de espera, entretanto, não culminam com o encontro:

Voltei ao Bacacay na noite seguinte, a de sexta-feira. Estava convencido por uma esperança cega. Escolhi a mesa que permitia uma observação quase completa dos arredores do café da esquina. Dali, eu poderia enxergar as duas ruas, a entrada do teatro e mesmo a movimentação anônima na distante Plaza Independencia. Esperei por mais de duas horas, entre cafés com conhaque e uma vontade enorme de desistir daquilo tudo. O copeiro e os dois velhos do dia anterior, que pareciam enraizados na mesma mesa, afirmaram não saber de nada. (“Andava a te buscar”)

O encontro não ocorrerá na Ciudad Vieja (o vendedor será visto no Estádio Centenário, longe dali, numa tarde de futebol), mas sobravam motivos para a insistência do

narrador com as ruas do antigo bairro – e não só pelo fato de que, no conto, o homem havia sido visto por ali. Em “Andava a te buscar”, um dos traços que constroem o narrador-personagem é a nostalgia. A própria busca do conto é a procura por uma literatura que foi reconhecida e vasta no passado, mas que, com o passar do tempo, tornou-se difusa e contestável (“dos últimos cinquenta, ou talvez cem livros que levamos para a rua, não há sequer um que possa despertar um sentimento parecido com o orgulho”, pode-se ler no conto). E, por sua vez, a Ciudad Vieja é o bairro que abriga o maior número de museus da capital uruguaia; nas suas ruas, e justamente nas vias próximas ao Teatro Solís, onde se ergue o pequeno centro da Montevideu antiga, ainda resistem antigos solares que pertenceram a políticos, presidentes da República, advogados e escritores.

Na rua Ituzaingó, nas imediações da Plaza Matriz, situada na extrema esquerda do mapa anterior, está localizado o Café Brasileiro, há décadas um lugar conhecido por reunir escritores e poetas. A passagem do vendedor de cartões pela região também se justifica pelo potencial turístico da Ciudad Vieja; hoje, o bairro ainda se divide entre a revitalização de algumas das suas ruas e o quase abandono da zona mais próxima ao porto. Tampouco é inteiramente casual que o encontro entre os dois homens aconteça nas arquibancadas do Estádio Centenário: situado no amplo Parque Batlle, o estádio pode abrigar até sessenta mil pessoas e é o maior do país. Para o Centenário convergem, todos os fins de semana, pessoas de todas as áreas de Montevideu e das mais variadas ocupações: amplitude suficiente para que o acaso possa florescer também na ficção.

Acevedo, o protagonista do conto “Acevedo, poeta”, se dedica a caminhar pelas ruas de Porto Alegre durante grande parte das tardes livres, que são muitas. Autor de uma extensa obra que alcançou alguns prêmios e leitores, mas capaz de render pouquíssimo dinheiro, Acevedo convive com a insônia e se divide, no calor do verão, entre o modesto apartamento em que vive, no Centro de Porto Alegre, e as longas caminhadas que leva adiante para preencher as horas das tardes. Homem solitário e ocioso, ele trata de se revezar na escolha dos caminhos, para que a rotina metódica não se transforme em cotidiano tedioso – assim, percorre a cidade a partir de quatro ou cinco trajetos distintos.

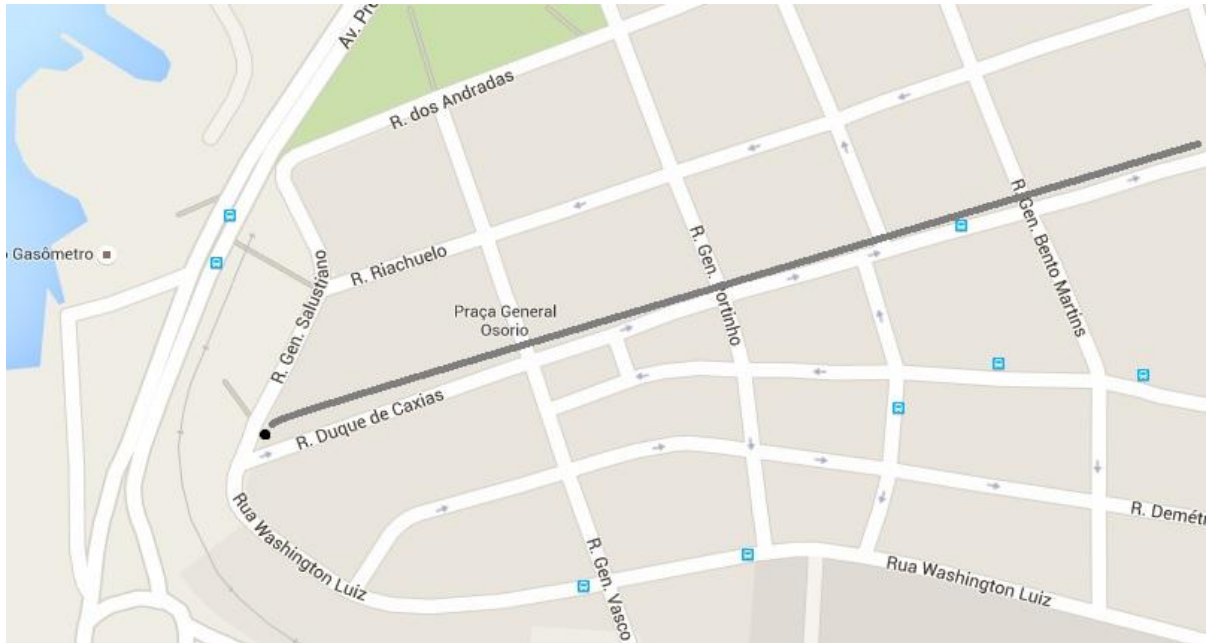
É em frente a uma padaria da rua Lima e Silva, quando a rua ainda pertence ao Centro de Porto Alegre, que Acevedo decide o itinerário da tarde. Vê-se, dali, diante de uma encruzilhada: pode sair em caminhada para o Mercado Público, para a Usina do Gasômetro, para a Cidade Baixa e o bairro Menino Deus. Está numa zona da cidade em que há destinos ao alcance da sola dos pés, e cada um destes pontos pode ser atingido em pouco mais de meia-

hora. Acevedo prefere que o percurso não se estenda por demais, visto que no verão a cidade é abafada e o sol, inclemente, mas tampouco que se esgote com velocidade, ou serão muitas as horas para se ocupar na sequência. Os trajetos já estão automatizados por Acevedo, mas a decisão ocorre sempre no mesmo momento:

(...) chega o instante que Acevedo se habituou a chamar, num nítido exagero verbal, ainda que com algum acerto pragmático, de encruzilhada: é o momento em que decide para onde, para qual direção, orientará os seus pés, pés protegidos por um par de sapatos pretos e bem-apresentados, tão quentes, inclusive, como o chapéu que mantém sobre a cabeça mesmo nos dias em que Porto Alegre parece amaldiçoar os seus habitantes com o sol. São poucas as escolhas de roteiro para a caminhada que sucede o café; Acevedo, via de regra, se demora alguns segundos entre quatro ou cinco trajetos possíveis, caminhos que intercala na sua rotina para não deixar que a repetição acabe por exauri-los, por transformá-los, também eles, em uma tarefa cansativa e monótona. Pode mudar bruscamente o sentido dos passos quase inconscientes de agora, por exemplo, e retornar ao Centro, ao coração do Centro, e percorrer as ruas próximas ao Mercado Público, costear o muro da avenida Mauá e quem sabe, se houver energia, dirigir-se até a Usina do Gasômetro; ou, num périplo alternativo, perseguir o mesmo destino, as chaminés que um dia geraram energia para esta cidade, mas alcançá-lo de maneira distinta – para tanto, também rumaria em direção ao Centro, mas o trajeto se daria todo, do início ao fim, pela rua Duque de Caxias, rua margeada por árvores e portanto por sombra, e por casas baixas que o agradam; também cogita, com menor vontade, não virar o passo na calçada da farmácia, mas seguir em frente, para a Cidade Baixa, gastar a sola dos sapatos negros no bairro boêmio, ainda que seja dia, e então prolongar a caminhada para o Menino Deus, este bairro que sempre reserva a imagem de velinhos tomando mate na calçada e gatos vadios a se esconder do sol forte debaixo dos carros estacionados na rua Marcílio Dias ou na Barão do Triunfo. (“Acevedo, poeta”)

Entre as possibilidades, o andarilho Acevedo decide se dirigir ao Gasômetro pela rua Duque de Caxias. Talvez o sol de janeiro tenha sido determinante na sua opção: se optasse por seguir pela rua Lima e Silva para a Cidade Baixa e então o Menino Deus, caminharia por quadras de prédios baixos, incapazes de reter a luz do sol, e a caminhada seria longa. Mais calor ainda sentiria se rumasse para o entorno do Mercado Público, onde as ruas são estreitas e passam, durante todo o dia, milhares de pessoas, sem cessar, gente que por vezes precisa se abrigar no ar-condicionado das grandes lojas para escapar momentaneamente da temperatura das calçadas. Acevedo escolhe percorrer a Duque de Caxias, via que desce sem se interromper até se aproximar da Usina do Gasômetro, e lá já será possível avistar o Rio Guaíba, como pode se ver pelo mapa abaixo. O problema é que caminha rápido demais, indiferente à paisagem, e deve ter apressado o passo mais do que o necessário. Chegou ao destino antes do previsto, com o sol ainda alto e com tempo de sobra pela frente. A saída é buscar um dos bares da região e contemplar a tão improvisada orla de Porto Alegre: “Acevedo, sem alternativa,

teve de sentar numa dessas mesas de plástico, repletas de propaganda de cerveja, normalmente mesas vermelhas ou amarelas, mesas de cores vibrantes, e pedir uma cerveja (...) para que assim o tempo passe um pouco mais depressa”.



Mapa 2: caminhada pela rua Duque de Caxias

Em “Acevedo, poeta”, a caminhada é o recurso possível, quem sabe o único, para se entrar em contato com a cidade quando se tem, como é o caso do poeta, pouco dinheiro e muito tempo livre. No conto, andar pela cidade também é exercício de reflexão e de recordação: por vezes, Acevedo caminha enquanto elabora um verso, ou repensa a utilização de uma ou outra palavra de um poema seu. Caminha enquanto relembra acontecimentos que se passaram na sua cidade de origem, situada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, e que pelo desfecho da narrativa pode-se saber que se trata de São Borja. É, também, o momento em que está aberto para os encontros e a casualidade. Em outra cena, ao andar pela Duque de Caxias, Acevedo vê uma mulher que pertence a outro tempo e a outro lugar: “andava (...) em direção ao Guaíba, quando se deparou, tal como se é surpreendido por uma assombração na madrugada, com uma mulher que não via desde que havia deixado em definitivo a fronteira”, lê-se no conto.

Para o protagonista, as paisagens do Centro devem ser até mesmo convidativas para a caminhada. Antes, Acevedo vivia no bairro Partenon, descrito no conto como a região mais cinzenta de Porto Alegre. Abrigado num edifício do Centro, mas sempre à deriva pelas ruas, o personagem se pergunta sobre o cotidiano dos seus pares, os poetas errantes que sobrevivem

em outras coordenadas do globo:

Pensa nos poetas catalães, que devem passar as tardes a andar pelas estações de metrô, aproveitando ao máximo as viagens que um único bilhete possibilita, e sempre ocupados com aquele idioma selvagem, algo agressivo, rebelde como os próprios habitantes que o manejam. Pensa nos poetas pobres e solitários da Inglaterra, mas como nunca observou com atenção um mapa da geografia de Londres a imagem é demasiado vaga e não se completa. Pensa nos poetas argentinos e estes sim consegue antever, um pouco mais parecidos com ele, sentados num banco de madeira da Plaza de Mayo, dentro de um trem com destino a La Plata, buscando descontos impossíveis nos mercados chineses do bairro de Almagro. (“Acevedo, poeta”).

Mas Acevedo é um homem resignado e simples, já não sonha mais com uma viagem para Buenos Aires, com lugares tão distantes. Toca-os no pensamento e está bem assim. Espera, apenas, por uma homenagem na sua São Borja natal; algo que recorde, aos seres que passam, a vida dedicada à poesia.

Em “Mapa da província”, a caminhada do personagem se dá numa oscilação constante entre realidade e irreabilidade. É sob essa condição que o espaço, no caso a Província de Buenos Aires, é construído na narrativa. Trata-se, também, de um conto em que os deslocamentos não são facilitados pelas circunstâncias, mas o contrário: o personagem é impedido de andar por conta das chuvas fortes que inundam a cidade, por compromissos não confirmados e por respostas que não chegam. Ainda assim, caminha, desloca-se, e permanece emaranhado na estranheza que toma conta da cidade e dos seus movimentos pelo bairro de Constitución, onde fica o hotel em que se hospedou. A viagem que estava prevista para durar uma semana já se prolonga por vinte dias.

Se, como foi visto no capítulo anterior, o andar do personagem em “Mapa da província” serve para que sejam constatadas as mudanças no ambiente urbano, na cidade que se modifica sem volta, é nos percursos por Buenos Aires que a atmosfera de estranhamento ocupa o seu lugar. As caminhadas em certos momentos ocorrem sem objetivo definido, como a maneira encontrada de preencher os dias livres na cidade, quando não precisa estar em lugares como Lanús e La Plata, onde se apresentará como músico. Quando a chuva oferece uma trégua, o personagem se aventura pelo mapa da Capital Federal. Força os passos e consegue ir longe:

Entre um compromisso e outro, e eram tão poucos e difusos os compromissos naquela viagem, tratava de caminhar pela cidade. Por vezes, todo o percurso era

feito a pé. Deixava o hotel e caminhava primeiro pelas quadras do bairro, depois atravessava a autopista, para então vencer as fronteiras internas do lugar e deparar-se com as mudanças na arquitetura, na estrutura das casas, no rosto dos habitantes. Caminhava por quarenta, cinquenta minutos sem parar, e logo já era a hora de descansar as pernas nalgum café, se havia pela volta, e quase sempre há um café a esperar o caminhante naquela cidade, e se não houvesse bastava mesmo um banco de praça, uma elevação na calçada. Era o formato de passeio mais exigente, e não só pelo que havia de esforço nos pés. O vento na rua era não menos que cortante e a manta e a boina já pareciam artifícios inúteis contra o frio que bagunçava cabelos e machucava os lábios. (“Mapa da província”).

Em Núñez, bairro ao norte de Buenos Aires, o personagem pensa enxergar entre os passantes um conhecido rosto feminino; percebe o engano e, ainda assim, passa as horas seguintes ao lado da desconhecida, num café da região. Em Palermo, onde caminhava com a família quando das suas primeiras viagens para a Argentina, ainda na infância, as recordações do passado saltam aos olhos e se misturam com as impressões de um bairro modificado pelo presente. Retorna de Lanús a bordo de um trem e permanece toda a viagem de olhos fechados: desperta com as luzes da chegada, e só então nota que viajou num vagão praticamente vazio e que não havia comprado nenhum bilhete para embarcar. Em La Plata, a estadia foi em vão. As pessoas que o esperariam não apareceram; a troca de correspondência revelou-se confusa e o concerto não existiu.

A oscilação, no conto, entre os dois planos, mantém-se até o último trajeto. O personagem havia voltado de La Plata e, na estação de Constitución, aceitou dividir um táxi com alguns estudantes que também esperavam por um carro. Até chegar ao hotel, entretanto, embarca em um périplo pouco justificado pela geografia da cidade. Em marcha lenta, o táxi se desloca pelos bairros do sul de Buenos Aires:

Os estudantes desceram antes, numa esquina de Boedo, quase em frente a um casarão azul que deveria servir como um pensionato. Então o carro contornou os bairros do sul, Pompeya, Barracas, Parque Patricios, num périplo que parecia longo demais para alcançar o destino indicado, o hotel da rua Humberto Primo. Mas faltavam-lhe força e motivação para questionar o motorista: a viagem se mostrava proveitosa, e o olhar se perdia nas ruas vazias da tarde desolada. Aquela era a cidade esquecida, a que o tempo e o progresso haviam deixado para trás. Deitado na soleira de uma porta, tal como uma esfinge do sul do mundo, um enorme gato branco observava a passagem dos automóveis com uma lenta oscilação da pupila, e parecia ser a única criatura a compreender a atmosfera daquele dia. (“Mapa da província”)

Boedo, Pompeya, Barracas, Parque Patricios, e então San Telmo. Trata-se de um percurso pouco provável para alguém que queira chegar de maneira objetiva no seu destino, embora não seja um recorrido injustificado: a viagem ocorre no extremo sul da cidade, quase

lugares frequentados pelos personagens, os deslocamentos, no enredo de determinados romances, pelas ruas da cidade, e os trajetos urbanos, ao longo do tempo da narrativa, no que diz respeito às ambições dos personagens de Balzac. Em resumo, Moretti busca mapear a movimentação do conjunto literário de Balzac sobre o *mapa real* da cidade de Paris. E o resultado é interessante: podem-se ver algumas repetições de recursos narrativos e a percepção do escritor sobre os bairros e as regiões da cidade, percepção que vai além de Balzac e se aproxima de um imaginário comum.

Pode-se ver que a chegada dos personagens a Paris tem como ponto inicial, na maior parte das vezes, o Quartier-Latin; que o deslocamento em direção ao que Moretti chama de “objetos de desejo” se dá na direção noroeste, para o Fauborg Saint-Germain e Saint-Honoré. Escreve Moretti que “o magnetismo do desejo *orienta* a cidade ao longo do eixo descrito anos atrás por Pierre Bordieu: da *rive gauche*, em direção à *colmeia* no noroeste. O desejo da juventude torna Paris *legível*, selecionando, do complicado sistema da cidade, um ponto de partida e um de chegada” (MORETTI, 2003: 105). Perceber a relação entre o movimento das narrativas e o mapa é, portanto, uma forma de *ler* a complexa realidade do ambiente urbano. Para Walter Benjamin, Balzac pôde estabelecer a “natureza mítica” do seu universo literário “graças a sua configuração topográfica específica”, graças a forma com que desenhou sobre o mapa de Paris:

A paisagem de sua mitologia é Paris. Paris, com seus dois ou três grandes banqueiros (...), Paris, com o grande médico Horace Bianchon, o empresário César Birotteau, suas quatro ou cinco *cocottes*, o usuário Gobseck, os pequenos grupos de advogados e soldados. Mas o ponto decisivo é que essas figuras sempre aparecem nas mesmas ruas, nas mesmas esquinas. Isso significa que a topografia delinea os traços disso, assim como de qualquer outro espaço mítico da tradição – e que ela pode até mesmo se tornar sua chave. (apud MORETTI, 2003: 97).

Se os romances buscam, como sustenta Moretti, reduzir o “caráter aleatório” do funcionamento das grandes cidades, numa tentativa de tornar estes ambientes cenários legíveis para o leitor, com Balzac isso também se modifica: com o escritor francês, esta apropriação ocorreria, mas de outra maneira. Balzac deixaria para trás o “binarismo” que caracterizaria até então o romance europeu, para introduzir na estrutura do romance um terceiro elemento. Para Moretti, esta nova engrenagem pode ser chamada de “figura da sobredeterminação social”, mas, em alguns dos livros de Balzac, o componente até então inédito é apontado como a própria cidade de Paris – cidade capaz de modificar percursos, fomentar ilusões, forçar caminhos até então impensados. Franco Moretti, no capítulo “Um

conto de duas cidades”, cita um representativo trecho de *Ilusões perdidas*: “entre Madam de Bargeton e Lucien, um desencantamento mútuo estava ocorrendo, cuja causa era Paris”.

Nos contos deste trabalho de dissertação de Mestrado, os espaços construídos também se afastam da casualidade e, assim espero, da evocação vazia. Mesmo quando não são articulados de maneira plenamente consciente, esses espaços carregam consigo uma ideia de cidade, uma forma de se ler e de se entender o espaço urbano. Mais do que isso, a escolha por uma ruela de Montevideú, a descrição de uma avenida de Porto Alegre e de um bairro de Buenos Aires estão a serviço da ficção: formam parte da engrenagem do texto literário, movimentam a trama ao mesmo tempo em que orientam o passo do personagem que se desloca pela cidade.

PAPÉIS MOLHADOS

“Sólo deseo escribir sobre las mujeres
de las pensiones del Distrito 5°
de una manera real y amable y honesta
para que cuando mi madre me lea
diga así es en realidad
y yo entonces pueda por fin reírme
y abrir las ventanas
y dejar entrar las pelucas
los colores”.

(Roberto Bolaño)

“Escribo
pienso
leo
traduzco veinte páginas
escucho las noticias
escribo
escribo
leo.
Dónde estás
dónde estás”.

(Idea Vilariño)

2.1 Andava a te buscar

Lo que mucha gente llama amar consiste en elegir a una mujer y casarse con ella. La eligen, te lo juro, los he visto. Como si se pudiese elegir en el amor, como si no fuera un rayo que te parte los huesos y te deja estaqueado en la mitad del patio. (...) Vos no elegís la lluvia que te va a calar hasta los huesos cuando salís de un concierto.

Julio Cortázar, Rayuela, capítulo 93.

Não é que a editora esteja em ruínas. Nós seguimos publicando. Não há mês em que dos nossos escritórios não saia ao menos uma capa nova para as coleções já existentes. Mas há anos o mercado editorial mudou, embora alguns dos funcionários mais antigos discordem inteiramente do fato e neguem até mesmo a ausência de novos grandes escritores. Para justificar a ideia, apontam para as estantes da editora, repletas de provas de prelo. A bem da verdade, muitos daqueles textos esperam por uma revisão há mais de dois anos, mas o revisor não vem porque todos nós sabemos que daquelas linhas não sairá nada. Eu vou ainda mais além dos meus companheiros: dos últimos cinquenta, ou talvez cem livros que levamos para a rua, não há sequer um que possa despertar um sentimento parecido com o orgulho.

Nem sempre foi assim aqui na casa, evidentemente. A nossa sede comprova um pouco disso: este sobrado, tão velho como o Prado, mas com a madeira restaurada, os janelões em perfeitas condições e as salas que ainda preservam as poltronas aristocráticas nas quais recebíamos os grandes narradores de um país que já passou. Quando iniciamos, por aqui havia pouca coisa, as imponentes casas de veraneio dos fazendeiros da região e as de inverno dos intelectuais da Capital. Passaram as décadas e Montevideú encontrou o Prado, definitivamente. Creio que será assim para sempre. Agora, como foi nos últimos vinte e tantos anos, há ônibus de todos os bairros da cidade para cá, e não apenas aos finais de semana, como no início de tudo. Nunca estivemos tão pouco isolados como agora. Mas os livros não chegam – os autores, sim, mas muitos deles não tardam mais do que vinte minutos aqui dentro e logo surge o anúncio pomposo e ultimamente automático de que “a sua obra por enquanto não encontra espaço dentro da nossa linha editorial”.

Mesmo os que negam a crise literária que o país atravessa podem ser flagrados rememorando o passado: é o que fazem no final de cada dia de expediente, dias que parecem se encerrar cada vez mais cedo. Rememoram, por exemplo, o surgimento de Mario Arregui, que saía do interior profundo do país para passar dias inteiros na editora. Arregui comentava a própria obra, sugeria os espaços em branco da próxima edição, as cores de capa e, mais do

que tudo, dissertava sobre a literatura alheia. Por horas, como se os livros dos outros importassem muito mais do que os próprios. E eu desconfio que para Arregui era assim mesmo. Ligávamos para Trinidad, no departamento de Flores, onde morava, no exato instante em que as páginas saíam das rotativas. E quem deixava em mãos a centena de livros que Arregui tinha direito era um funcionário da editora, o encarregado pelas viagens. Não dependíamos nem mesmo dos correios. Publicamos outros, e é como se tivéssemos publicado de fato todos. Não houve um grande escritor oriental que a nossa casa não tenha alcançado. Os ditos independentes, os polêmicos, os jovens orgulhosos, os já consagrados: em algum momento da vida eles rumaram até o Prado, sentaram-se à mesa em frente ao velho Antúñez, o nosso fundador, e deixaram a assinatura na última página do contrato. Ainda está tudo guardado aqui dentro.

Eu pensava um pouco nisso tudo quando, antes de uma peça qualquer que logo teria início no Teatro Solís, entrei no Café Bacacay e sentei em uma das mesas que dão para a rua Buenos Aires. Se lembro bem, passava um pouco das nove horas da noite. O público era o que tradicionalmente enche o recinto. Senhoras e senhores impecavelmente arrumados – à moda uruguaia – e que se despertavam com um café forte minutos antes do espetáculo. O estado de espírito fez com que meus olhos disparassem faíscas na direção de todos. Maldita seja esta cidade, capaz de abrigar mais de cem livrarias, dezenas de sebos, meia dúzia de editoras ávidas por palavras novas e nenhum escritor capaz de surgir, escrever, publicar e sacudir um meio que se encontra cada vez mais tedioso. Por que aquele rapaz de óculos, por exemplo, o chapéu quase encostado à janela, o café intacto no centro da mesa, o que veste roupas que o fazem envelhecer quase trinta anos, por que aquele rapaz não tira agora mesmo a caneta do bolso do paletó e escreve qualquer coisa decente em um guardanapo?

Faltavam poucos minutos para que os corredores do Solís se vissem repletos de montevidianos timidamente apressados e em busca de uma poltrona bem localizada. Os notívagos, portanto, investiam no último gole de cada xícara e já procuravam os pesos perdidos na carteira. Foi quando entrou, despercebido entre os que saíam e ingressavam no café, o vendedor de cartões com a sua maleta preta. O homem se aproximava das mesas próximas e, após cinco ou seis palavras pronunciadas em voz baixa e tom cordial, alcançava os cartões. Cartões que seguiam um padrão exato e inviolável: o papel era amarelado, dobrado ao meio; no alto da primeira página, um desenho feito à mão preenchia o espaço aproximado de um retângulo; abaixo, aparecia o trecho manuscrito de algum famoso livro da literatura latino-americana; entre o desenho e as citações, constava uma assinatura indecifrável – e nas

partes internas e no verso havia espaço livre para se escrever a quem se ama ou a quem se quer. Eram cartões possivelmente destinados a turistas, figuras raras em Montevideu no mês de setembro. Comprei três, talvez por ter simpatizado imediatamente com o homem e pelo fato dos desenhos terem me agradado. Em dois deles, os trechos eram de Julio Cortázar. Mas não reconheci na hora de que livro os fragmentos teriam saído.

Eu ainda não havia decidido se compareceria ou não ao teatro, e creio que foi a preguiça e a falta de ânimo daqueles dias que definiram a questão por mim. O fluxo de pessoas abandonando o café, atravessando a rua Bacacay e perseguindo as grandes portas do Solís me paralisaram na cadeira. Permaneci quase sozinho. A companhia distante me era dada por dois velhos que só tinham olhos para a edição do dia do *El País*. Demorei a notar que o vendedor e a sua maleta também haviam se perdido no momento em que a pequena multidão se dispersara, e foi a rápida lembrança daquele homem cortês que me fez mirar os cartões novamente. Eu havia lido a obra inteira de Cortázar. Eu havia publicado parte da obra de Cortázar no Uruguai. Eu havia recebido Cortázar – eu sei, já faz muito tempo – na velha casa da editora, no Prado. E não havia reconhecido nenhum dos excertos que constavam nos cartões. O primeiro, por algum motivo, me era familiar, mas não pude saber a que conto ou poema pertencia. Da *Rayuela*, não era. Dizia assim: “andávamos sem nos procurar, mas sabendo sempre que andávamos para nos encontrar”. O outro, ilustrado com uma aquarela admirável, era igualmente conciso: “como se fosse possível escolher no amor, como se amar não fosse um raio que quebra os ossos e nos deixa paralisados no meio do pátio”.

Embora uma curiosidade inexplicável quase tenha me levado à casa do velho Antúñez, por esses dias um homem mais morto do que vivo, atravessei sozinho a noite montevideana com os cartões na jaqueta. O caminho era o de sempre, o da volta para casa, e a procura daqueles trechos nos muitos livros de Cortázar ficariam para amanhã. Contornei a Plaza Independencia e fiz o trajeto inteiro pela avenida 18 de Julio. Aquela era uma noite estranhamente fria para a estação e havia poucas criaturas na rua. Alguns gaúchos falavam alto em frente à entrada de um hotel barato e, mais adiante, quase no encaço da Plaza Cagancha, três universitárias tomavam um mate tardio. Parece incrível como Montevideu sabe se disfarçar de morta. Poucas horas antes, no fim da tarde, a mesma avenida estava sufocada por um ir e vir incessante de pedestres e veículos. Mas a verdade é que eu pensava pouco na cidade, ao menos de forma direta. Pensava em meus problemas, na falta de escritores para a editora e nos que já tivemos. Por um momento, instante que seria julgado como o rompante mais nostálgico de um nostálgico editor, quase pensei que um país que teve

tantos escritores de talento nas últimas décadas nem precisava de novos narradores. Foi quando um dos cartões caiu do meu bolso e foi parar do outro lado da calçada.

Antúñez confirmou logo na manhã seguinte. Havia tempo e espaço na agenda para discutirmos a questão porque outra vez o trabalho era pouco. Aqueles trechos, que bem poderiam ser até mesmo versos de um poema incompleto, não pertenciam a Julio Cortázar. Não estavam em conto algum do *Bestiario*, do *Final del juego* ou do *Todos los fuegos el fuego*. E tampouco estaria na *Rayuela*, constatação que eu mesmo pude fazer na véspera. Antúñez, inclusive, foi mais enfático: “Julio Cortázar jamais escreveria algo tão dramático”. Todos os outros pensamos de forma distinta, embora de imediato tenhamos rido da acidez do nosso eterno chefe. Pensamos que, se não pertencesse à obra de Cortázar, então pertenceria a outro grande escritor. Porque sabíamos, todos os que trabalhávamos ali, que em nenhuma proposta de publicação que recebíamos diariamente havia algo da qualidade daquele “como se amar não fosse um raio que quebra os ossos e nos deixa paralisados no meio do pátio”. Talvez a desconfiança tenha surgido horas antes, ainda na noite anterior, durante a caminhada pelo centro da cidade. Mas enquanto Antúñez, os outros e eu olhamos outra vez para o até então inofensivo cartão, creio que a situação se definiu. Aqueles fragmentos que o homem da maleta negra confiava a grandes contistas e poetas eram, na verdade, trechos próprios, da autoria daquele artista desconhecido e nômade.

Desde então, busquei-o. Não contei nada a ninguém, já que as minhas certezas poderiam desabar de forma constrangedora a qualquer momento. Afinal, o vendedor de cartões poderia dizer que havia lido aquilo em algum lugar e simplesmente decidiu que seriam de Cortázar, um escritor que vende tão bem em Montevideu. Ou que eram trechos de um famoso livro de um jovem escritor norte-americano, que o vendedor havia traduzido há pouco (no alto das minhas divagações, o homem da maleta seria um renomado professor de inglês) e que houve engano ao assinar outro nome no cartão. Voltei ao Bacacay na noite seguinte, a de sexta-feira. Estava convencido por uma esperança cega. Escolhi a mesa que permitia uma observação quase completa dos arredores do café da esquina. Dali, eu poderia enxergar as duas ruas, a entrada do teatro e mesmo a movimentação anônima na distante Plaza Independencia. Esperei por mais de duas horas, entre cafés com conhaque e uma vontade enorme de desistir daquilo tudo. O copeiro e os dois velhos do dia anterior, que pareciam enraizados na mesma mesa, afirmaram não saber de nada. Disseram que se lembravam do homem, que ele já estivera ali quem sabe outras vezes. Mas que com eles o vendedor nunca havia trocado qualquer palavra.

Na extensão daquela torpe investida, abandonei o café com a ideia de que o encontraria onde quer que fosse. Daquela noite confusa, ainda lembro quatro bares em que permaneci por um quarto de hora, enquanto a desolação e o sono cresciam. Seja lá onde estivesse, havia que se resignar: aquele homem não transformaria a literatura do país e tampouco salvaria a editora. Entre bêbado e enraivecido, abandonei a peregrinação. De qualquer modo, na tarde de sábado o Peñarol jogava no Estádio Centenário e o melhor era me recolher em casa e esperar a partida. Se a minha memória não inventa de falhar agora, porque até aqui ela não me traiu sequer uma vez, eu comprei o meu ingresso quando faltava apenas meia-hora para o jogo. Entrei no estádio e vi o cenário que nunca vai deixar de me emocionar. As bandeiras em amarelo e negro, o cheiro do café e das tortas fritas, os cânticos da barra-brava na tribuna Amsterdam. E do outro lado, ofuscada pela nossa grandeza, estava a torcida adversária, a do Liverpool do bairro Belvedere. Atrás das faixas em azul e negro, os noventa loucos de sempre. Atrás das faixas que pela primeira vez me atraíam de verdade. E eu mal havia terminado de ler a que dizia “COMO SE FOSSE POSSÍVEL ESCOLHER NO AMOR – LIVERPOOL F.C.”, quando avistei, ao longe, o homem da maleta negra e corri para dar a volta inteira no estádio.

2.2 Papéis molhados

Eu trabalho num negócio pouco explorado aqui na cidade. Fica na rua Estados Unidos, quase esquina com Lima. Entre Constitución, San Telmo e Balvanera, a cem metros da avenida 9 de Julio. Discordo de que estejamos longe dos turistas. Não é um ponto ruim, a prova disso é que abri a loja há mais de dez anos, talvez a única que nasceu naqueles dias de pedradas e panelaços. E não é preciso que o balcão esteja rodeado por turistas, que os gringos parem de dois em dois minutos na frente da minha vitrine. Vender guarda-chuvas não é como vender alfajores ou discos de tango. O que os traz aqui é a necessidade, a impaciência da chuva que por vezes parece jamais abandonar Buenos Aires.

Recentemente, houve um agosto em que a chuva foi tão forte, e durou por tantos dias, que esquecemos as anunciações da primavera. Mas, entre tantos aguaceiros, houve um estranho domingo de sol. Domingo que contrariou os homens do tempo, a sabedoria dos padeiros. Os carros que vinham desde La Plata pareciam atordoados na metade da autopista. Aquela luz há tanto escondida quase cegava os que trafegavam pela cidade ainda molhada. Naquele dia, foram poucos os que saíram com o guarda-chuva em mãos. A claridade e o céu azul eram mais reais do que o noticiário inteiro.

Lembro esse domingo porque houve algo naquele sol que me fez pensar na minha loja, nos meus guarda-chuvas. Estava em San Telmo, como faço quase que diariamente, após contar os pesos do dia e chavear o portão. Passo, inevitavelmente, pela rua Bolívar. Não sei se pela força do cotidiano ou por casualidade geográfica, mas com o tempo este trajeto deu-me alguns amigos pelo caminho. Com um deles, travo a amizade mais estranha dos meus cinquenta anos. Nossas frases emperram, e emperraram sempre. Pouco sei sobre a vida dele, se tem filhos, se nasceu na Capital Federal, se leu boa parte dos livros que vende. Desde que eu passo por ali, vejo-o sentado na mesma cadeira, ao lado das estantes e afogado na fumaça dos cigarros que se repetem enquanto a tarde sobrevive.

Apenas sei que se se chama Gonzalo, que é livreiro e que há muitos anos mantém o sebo na Rua Bolívar. E que é um bom sujeito, daqueles que nos conquistam com uma palavra certa e muito de silêncio. Durante a semana, a pausa na caminhada é rápida; deixo meu cumprimento e, por vezes, um comentário qualquer sobre o governo, as greves, a política. E então sigo o meu caminho. Nos finais de semana, fico por mais tempo, nem que seja para ouvir a chuva, o bandoneón triste que transborda no ambiente e as frases mínimas, justas, de Gonzalo. Foi assim até a véspera do domingo de sol, em que ele, por raivoso e emburrado, não deve ter vendido sequer um exemplar comemorativo da revista *El Gráfico*.

Quando cheguei, o cenário já tinha aquele ar que têm as coisas quando estão a ponto de explodir. Ele havia colocado música brasileira na vitrola, truque grosseiro para fígar os turistas das cercanias. Muitos entraram, talvez pelo som, ou pela convidativa vitrine do lugar. Nenhum deles se esforçou a ponto de tentar um *buenas tardes* em espanhol, mas remexeram nas prateleiras. Eram ingênuos, qualquer pôster mofado de Gardel já servia para levantar suspiros. Apontavam o dedo para algum Macedonio Fernández, e creio que um deles se interessou por uma primeira edição de Roberto Arlt. Não compraram nada, evidentemente. Ali estavam para escutar um fiozinho do Rio de Janeiro e satisfazer a curiosidade que a figura gorda de Gonzalo suscitava.

Gonzalo desligou a vitrola quando o sétimo turista saiu. Havia amaldiçoado o sol alguns minutos antes; sentia saudade, imagino, do sábado anterior, repleto de goteiras, vento cortante e com o céu, como dizia a previsão do tempo, *desmejorando* sem parar. Não eram cinco da tarde quando avisou aos clientes restantes que não haveria nada mais. Que voltassem na segunda-feira, se quisessem. Quanto a mim, fui incluído no despejo. Gonzalo disse que precisava ficar sozinho, mas que apareceria na minha loja durante a semana. Compraria um guarda-chuva novo, de cabo de madeira, tão logo o sol se escondesse. E falou qualquer coisa sobre o desconhecimento humano em relação à poesia molhada. Como amigos, livreiros podem ser uma companhia silenciosa e inconstante; como clientes, entretanto, ainda guardam rompantes de consumo enlouquecido.

Tempos depois, Gonzalo apareceu na rua Estados Unidos. Havia voltado a chover. Observou os modelos expostos na vitrine antes de ultrapassar a porta. Naquela hora do dia a loja fica quase desabitada, ainda que, ao contrário dos livreiros, os vendedores de guarda-chuvas não impedimos a passagem de cliente algum. Gonzalo disse que queria o *paraguas* da promoção, o de trinta pesos. Mas eu sabia que diria mais. Nos minutos em que estávamos apenas na rota sonora dos pingos que estalavam no teto, eu esperava algum comentário sobre o último domingo. Ele tirou os pesos da carteira e, por fim, abriu a boca. Para dizer que, ao contrário do que parecia, os livreiros precisavam mais das chuvaradas do que os vendedores de guarda-chuva.

Não o questionei sobre a frase, mas tampouco entreguei o pacote, que aguardava fechado sobre o balcão. Gonzalo seguiu. Disse que dependia da chuva porque a poesia precisa da água. Não das tempestades ou inundações, mas ao menos de uma garoa que persiste por uma tarde inteira, ou de uma rua alagada que atrapalha a caminhada da manhã. Disse que

poeta algum pôde escrever sem se molhar um pouco. Que Roberto Bolaño, fodido e doente na Espanha, não escreveu “esperas que desapareça a angústia/ enquanto chove sobre a estranha estrada/ em que te encontras” para as gotas que caíam sobre um camping descoberto, mas para a água que inundou a sua vida inteira. E quando parecia que falaria mais, que me mostraria algo do que lia e pensava, Gonzalo apanhou o guarda-chuva, acenou um tímido *chau* e atravessou a rua em direção a Montserrat.

No dia seguinte, fui a Constitución e subi no trem que vai a La Plata. Eu viajava apenas para me encontrar com um distribuidor de guarda-chuvas automáticos, a solução encontrada por dois de cada três porteños que se protegem da chuva. No trem, vi a movimentação de sempre: vendedores de sanduíches, de livros infantis, de rádios movidos a pilha, de ingressos falsos para a próxima partida do Estudiantes; vi intérpretes improvisados que, antes e depois da curta canção, discursavam sobre as dificuldades de viver na Província de Buenos Aires, às vezes nas ruas, sem qualquer abrigo. Foi ao meu lado que se acomodou um sujeito incomum.

Ele estava quase que alheio aos ruídos internos e ao freio da locomotiva nas estações de Quilmes e Plátanos. Deveria ter vinte anos, pouco mais. O rosto permaneceu a viagem inteira colado à janela, desviando os olhos de tempos em tempos para o livro que levava em mãos. Era um livro de Mario Benedetti. Do escritor uruguaio, eu sabia pouco. Lembrava a novela em que um senhor, o personagem central, se apaixonava por uma mulher muito mais jovem que ele. Gonzalo havia comentado uma vez sobre essa história. Mas o livro que o rapaz tinha em mãos era de poesia, algo como uma antologia poética. Um livro de bolso, desses que estão à venda nas estações de trem, embora seja raro encontrar um leitor nos vagões que viajam para o sul.

Pude ler apenas um poema, não sei se completo ou se os versos continuavam na página seguinte. Lia o livro que descansava entre o rapaz e a janela, mas era como se ouvisse Gonzalo naquele último encontro. “Com rios, com sangue, com chuva, ou orvalho/ com vinho, com neve, com pranto/ os poemas costumam ser papel molhado”, eu li. Em La Plata, permaneci por pouco tempo. Não é simples para um vendedor de guarda-chuvas ser atingido assim, de pronto, pela poesia. Ainda mais quando sente que, enquanto vende estes automáticos, ou mesmo os mais clássicos, que ainda levam cabos de madeira, o que na verdade faz é impedir que a chuva atinja o que precisa atingir.

Há poucos dias, encontrei-me com Gonzalo na mesma rua Bolívar. Por casualidade, era um domingo ensolarado. No bairro, os turistas tocavam em tudo e compravam pouco. Gonzalo fumava, enfileirava cigarros que o nublavam ainda mais o humor. Mas ainda assim

resolvi contar sobre aqueles dias, a viagem a La Plata, sobre como impactou em mim aquela conversa que tivemos. E sobre as relações estranhas que pude encontrar naquele trem da linha General Roca entre os guarda-chuvas e a poesia. Gonzalo alcançou o troco para o cliente que saía, diminuiu o volume da vitrola. E mal tirou o cigarro da boca para propor que vendêssemos juntos os guarda-chuvas e os livros. Que afinal seria um aluguel a menos, que poderia soar curioso para os estrangeiros. Que eu trouxesse logo os meus guarda-chuvas da rua Estados Unidos.

2.3 Edifício Paris

A água que abastece os quase setenta apartamentos do Edifício Paris, esta elevação de concreto no centro da cidade, ainda era aquecida através de um sistema manual. Todos os dias (mais de uma vez por dia), o encarregado pela engrenagem enchia a antiga caldeira de lenha e colocava em funcionamento os aparelhos. Durante certo tempo, houve um funcionário contratado especificamente para esse serviço. Hoje, quem faz isso é o próprio porteiro do prédio, que ainda precisa atender aos caprichos dos vizinhos e estar às voltas com os andarilhos da região, cada vez mais numerosos.

Não só a administração do Edifício Paris era distinta em outro tempo, mas também o cenário do centro da cidade. Os inferninhos que hoje brotam em cada esquina eram apenas dois ou três há vinte anos, e tão inocentes que a classificação soaria agora como exagerada. Também o concreto ainda não havia esfarelado tanto, os prédios não haviam perdido a cor, não passavam tantos carros e não sentíamos tanto medo de caminhar pelas ruas depois das dez horas da noite. Ou, na verdade, tudo já funcionava exatamente assim, e apenas pensávamos mais em outras coisas e menos em nós mesmos e em nossas dúvidas e inseguranças.

Ernesto, porteiro durante a noite e a madrugada, sabe bem como estabelecer a comparação. Só foi trabalhar ali por indicação de um tio, que havia exercido o mesmo ofício na década passada. Todas as noites, mesmo as de feriados, mesmo a dos domingos, as noites de temporal, inclusive, ele assume a tarefa de guardião até a manhã seguinte. Boa parte do tempo é vencida em silêncio, basta aceitar os convites que nos lança o tédio. O trabalho consiste em apertar o botão que abre a porta de ferro, cuidar quem é o homem que chega, fazer uma ou duas perguntas para descobrir as intenções desta gente bem pouco criativa. Os intervalos não fogem, costumeiramente, do acesso às caldeiras e das rondas na garagem.

Vindo de uma cidadezinha do interior, Ernesto gosta de pensar que não é menos sentinela do que os quero-queros, estas aves que enxergam a noite passar sem pressa sobre o pampa. Com a rotina já ordenada na memória, os movimentos do porteiro se tornam mecânicos: ele deixa a portaria por uns minutos logo depois da meia-noite para conferir se há lenha suficiente para as próximas horas (são poucos os insones do prédio, e se sabe de cor em que apartamento cada um deles vive) e no meio da madrugada, perto das três se a noite é fria, às quatro se faz calor, sai do prédio e caminha até o estacionamento ao lado, que serve de garagem improvisada para o edifício que não conta com espaços subterrâneos para os motoristas.

Está há oito ou nove anos na mesma poltrona, que nunca foi reformada, assim como os

vidros são os mesmos e o letreiro com a graciosa caligrafia que apresenta à calçada a inscrição *Edifício Paris, 976* segue inalterado. Ernesto nunca precisou daquelas televisões portáteis que seus companheiros de profissão adotaram como peça valiosa para vencer o sono. Sempre se valeu do rádio, ainda que no momento esteja enojado com os noticiários. Não com as notícias cada vez piores que assolam os bairros com o medo dos assaltos e das mortes gratuitas. O problema maior é a repetição dos mesmos fatos, como se os radialistas sequer desconfiassem de que ainda há quem escute as emissoras durante horas a fio. Assim, algumas noites são feitas de silêncio e alguma atenção maior para os ruídos da rua.

Nas quartas-feiras e nos domingos, há o movimento dos torcedores que caminham para a estação de trem que fica a poucas quadras dali. Voltam duas ou três horas depois, e nem é preciso buscar a notícia do placar da partida: ela está escancarada nos olhos baixos, em caso de derrota, ou nas conversas em tom alto, se o dia foi de vitória. E quando houve empate? Muitos nem voltam para casa, buscam em outro lado o caminho que esteja à altura daquela noite, principalmente nas noites quentes de verão ou primavera. Mais recentemente, há também o barulho das garagens da outra quadra. Ruídos confusos, que interrompem a calma de Ernesto.

Numa madrugada de setembro, ouviu pela primeira vez os tiros que se tornaram frequentes. A poucos metros do edifício, montou-se um local de acerto de contas, como um ringue clandestino em que os crimes do centro da cidade eram solucionados em poucos minutos, no instante mais frio da noite. Dias depois, Ernesto se aproximou daquele lugar. A garagem se abria primeiramente na largura de um brete, não mais, mas logo se ampliava num pátio amplo, com cheiro de flor. Dois homens conversavam baixo, sentados em cadeiras de praia e, pelo que se podia ver naquele breu, cada um com uma arma em cima das pernas cruzadas. Foi o suficiente para que ele não saísse da portaria do prédio pelos dias seguintes.

É certo que sentiu grande vontade, mas não contou a ninguém sobre aquele descampado que dizia servir de abrigo para os carros. Calou-se mesmo para os moradores com que conversava habitualmente. De alguns, quatro ou cinco, gostava de verdade, sentia um carinho mais forte do que a simpatia do cotidiano. Por outros, sentia uma espécie de desprezo. Havia quem o tratasse mal, quem exigisse favores às seis horas da manhã (como levar o carrinho de supermercado até a porta do oitavo andar, para que assim a dona Tereza pudesse organizar o seu dia desde cedo) e havia quem votasse pela sua demissão nas reuniões de condomínio como forma de abater custos e diminuir a despesa mensal.

Com Carlos e Daniel, chegou a jogar futebol nos campos da Zona Sul em algumas tardes. Com Valter, que viva no segundo andar, ganhou certo dinheiro consertando

obviedades, como torneiras que respingavam de forma rebelde e canos que não conservavam a temperatura ideal para a água. Com Estela, que sorria tão docemente mesmo quando voltava embriagada das festas do Bom Fim, pensou que poderia ter alguma chance – espera que logo se tornou disparatada quando a moça se mudou para um condomínio fechado, onde a água era aquecida por um moderno sistema elétrico, e não por caldeiras construídas nos anos 1950. Caldeiras alimentadas apenas por ele, a única criatura que se mantinha sempre vigilante entre as cento e cinquenta almas daquela torre de concreto.

A caldeira funcionava assim: no início da manhã, ainda no turno de Ernesto, um caminhão descarregava os sacos de lenha num depósito situado nos fundos do edifício. O lugar funcionava apenas para isso, para guardar madeira nova e separar a madeira apodrecida. Ao longo do dia, o porteiro que estivesse em serviço caminharia em direção ao depósito, carregaria alguns quilos de lenha e ordenaria o material na caldeira. A fornalha logo alcançaria o calor e os gases necessários para, num sistema de tubulação, entregar água quente aos apartamentos do Edifício Paris. Foi assim até que, numa tarde de fim de ano, os condôminos decidissem pela aposentadoria daquele método que já se pensava arcaico.

A substituição do grande forno por um sistema elétrico, o fim dos recebimentos de lenha e a conseqüente mudança no quadro pessoal foram acordados na reunião de condomínio. A velha estrutura não seria demolida, destruí-la custaria mais caro do que deixar as máquinas às traças, como fizeram ao fim. A decisão mais surpreendente talvez tenha sido mesmo a demissão de Ernesto, ainda que poucos tenham pedido a palavra para questionar a necessidade daquilo. O porteiro noturno sairia porque, sem o trabalho de manejar a caldeira, seria possível contratar alguém ganhando menos, alguém mais moço, disposto a contribuir para o crescimento do condomínio. Quem sabe o funcionário de uma firma terceirizada. Lá pelas tantas, alguém argumentou que inclusive havia visto o Ernesto com os delinquentes do estacionamento da outra quadra, naquele pátio onde se encomendavam crimes.

Dois dias depois, o síndico, homem que passava as tardes a percorrer os corredores do edifício e fiscalizar se havia alguma lâmpada queimada, tratou de avisar o porteiro da demissão. Como justificativa, entregou a ata do encontro de moradores. Ernesto preferiu não ler. E ficou indignado quando o síndico avisou que ele não poderia sair agora, mas só quando se encerrasse aquela noite de expediente. Afinal, não daria tempo de contratar alguém para substituí-lo durante a madrugada. Aquela foi uma noite longa. O barulho da rua e dos carros parecia formar uma prolongada e triste canção, resistente ao sono, que perduraria nos ouvidos até a manhã seguinte. Manhã em que, sem se despedir de ninguém, juntou os seus pertences

na mesa da portaria (um boné que ganhou de brinde do supermercado, a revista que gostava de ler, o rádio a pilhas) e saiu a caminhar pelas vias do centro.

Quase nunca caminhava por ali, como fizera no primeiro e estranho dia de liberdade, ou de desemprego. Quando saía do Edifício Paris, se dirigia sem floreios para a parada de ônibus. As compras e as necessidades da rua eram todas feitas no bairro em que vivia. Numa tarde, havia ido ao cinema, mas faz tanto tempo que seria difícil recordar o filme, ainda que lembre ter pedido pipoca e uma água com gás. Com a carta de demissão nos bolsos, caminhou longa e calmamente pelo centro. Atravessou ruelas que antes só havia visto com o olhar apressado, sentou num banco de praça para observar o movimento dos passantes. Faltava muito para o almoço e já sentia fome. Pensou que esse era um sentimento perigoso, que sem o salário da portaria seria difícil encontrar comida todos os dias.

Depois de comprar um saco de amendoins por poucas moedas, alcançou por acaso uma das ruas principais do centro, onde em outros tempos ainda passava o rio. Viu músicos, mágicos, pedintes, gente que se virava como podia para arranjar a sobrevivência. E no instante seguinte descobriu o primeiro cego a vender bilhetes de loteria. Que maldade, pensou, que má é a cidade em que os cegos precisavam se atirar nas calçadas, gritar números que jamais sairiam, oferecer bilhetes vencidos. Foi a visão que mais o entristeceu: imaginou que daqueles papéis não poderia sair prêmio algum, apenas azares comprovados. Como num truque sem graça, avistou mais cegos com seus bilhetes por outras das esquinas da região. Foi quando notou que, a julgar pela demanda do trabalho, os cegos estavam naquele momento mais a salvo do que ele.

Adiou a volta para casa durante horas, até o instante em que decidiu embarcar num dos ônibus azuis, na parada mais próxima ao Edifício Paris. Pagou a passagem sabendo que era possivelmente a última vez que fazia aquele trajeto. Nem bem abriu a porta de casa, percebeu que resistiria por pouco tempo na cidade. Nem era tanto o desemprego que o angustiava, mas as imagens que tinha acumulado e que agora voltavam todas aos olhos. A cidade pode ser bela, reconhecia, mas passara tempo demais contemplando, sem notar, a sua mais face mais cinza. Em poucos minutos, acomodou o que tinha dentro da mala. As contas que ainda precisava pagar ficaram em cima da mesa e não lhe diziam mais respeito. Manteve, isso sim, a última ficha de ônibus na palma da mão, segurando-a firme para que não escapasse pela tarde de vento.

Desceu do ônibus na rodoviária e pensou que tinha tempo para tomar um café preto em algum dos bares da estação. Pediu a taça grande e folheou o jornal, hábito que havia abandonando nos últimos meses de profissão. Leu na manchete que o prefeito estava em

Brasília e, de lá, anunciava a construção do novo aeroporto da cidade. No caderno de classificados, viu que certa imobiliária oferecia apartamentos de três quartos no “confortável condomínio Edifício Paris, situado em elegante região do centro”. Desconfiou da propaganda e entendeu que era mesmo o momento de ir embora, de voltar para a fronteira por uns tempos e tirar dos olhos ao menos uma parte do que havia de cinza.

2.4 Ruas de maio

Saio de casa vestindo a camiseta, pouco depois das duas da tarde. Faz sol e o outono naquela hora abre mão do vento frio. As ruas estão quase vazias, como acontece normalmente aos domingos. Muitos ainda estão nos churrascos neste horário, e dá para sentir o cheiro da carne desde as calçadas. É assim nas casas do Centro e nos bairros que se erguem na medida em que se caminha pela Avenida. Mas eu ando devagar, com as mãos no bolso do casaco de lã. Primeiro pela Pantaleão, logo na Henrique Dias. Dali, já enxergo as costas da Catedral, que se apresenta neste estranho ângulo aos fundos do beco do Atlético. Então escolho a André Marques até a Vale Machado, a rua em que por quatro anos eu aguardava o ônibus, mas nos finais de semana ela mais parece uma passagem desabitada. De qualquer maneira, é por ali que eu alcanço a Avenida. Na primeira quadra, o único ruído é de uma igreja que celebra, sem cessar, cultos durante o dia todo. Mais adiante, algumas motos de entrega saem das pequenas garagens, com seus motoristas anestesiados pelo sono ou pela ressaca. Vejo o supermercado, fechado, o antiquário, fechado, dois ou três açougues que já se preparam para também eles fecharem outra vez as grades da entrada. Quem havia optado pelo churrasco já tinha comprado carne, de nada adianta permanecer em pé atrás do balcão depois das duas. Desço a Avenida não pelo canteiro central, onde os bancos estão vazios, mas pela calçada da margem direita. Há alguns anos, os camelôs montavam dezenas de tendas por ali, e disso não há nem sinal. Do outro lado da via, há, penso que ainda exista, um café que abre milagrosamente aos domingos, e era um refúgio repetido, mas necessário, quando eu vivia nesta cidade. Vejo que ainda está lá, esta sim, a loja que vende pássaros e espalha gaiolas pela calçada. Quando venço a segunda quadra, uma moto diminui a velocidade e o motoqueiro me pergunta onde fica o estádio, sem tirar o capacete. É o perigo de partidas assim, eu penso, gente que nunca foi a um jogo e agora que chega a fase boa resolve aparecer. Mas informo corretamente, indico onde deve começar a rua Sete e o caminho que se deve fazer até o estádio. É errado culpar os torcedores de ocasião pelas derrotas, eu sei, mas ainda assim vejo como uma circunstância de azar. Com estádio cheio, as coisas não costumam dar tão certo. A mesma cena se repete na altura do Hotel Samara, onde se hospeda o livreiro argentino de quem eu já devo ter comprado uns cinquenta e cinco livros. Mas o segundo torcedor pelo menos vestia a mesma camiseta que eu, deve ter se preparado melhor para a partida. Quase pedi uma carona, mas o dia estava feito para as caminhadas, quem sabe até a esmo, por aí. Em outros anos, os domingos eram de largos e demorados percursos a pé. Minhas companhias sempre estiveram um pouco longe do Centro, e eu inevitavelmente ao lado do Parque. Ao longo do tempo,

decorei cada padaria ou armazém que abriu, fechou e deu lugar a qualquer outra coisa no trecho que começa na Astrogildo e termina lá perto dos quartéis da Borges de Medeiros. É um percurso bonito: se passa pelo Calçadão, pela Praça dos Bombeiros, a esquina com a Visconde de Pelotas, e então me falta pouco. Mas agora eu estou caminhando para outro lado, já me vejo pisando os trilhos da Estação, e lembro que nesta madrugada ouvi um trem que chegava ou que partia, e que me acordou por alguns instantes. Na rua Sete, percebo alguma movimentação, ainda que tenha saído cedo demais de casa. Algumas camisetas, alguns carros a mais na rua estreita, a rua que antes já foi a terceira ou a quarta mais importante da cidade, e hoje ela importa quase que só para os habitantes desta região. Na rádio, alguém comenta algo sobre ingressos esgotados, mas eu sei que é mentira. A duas quadras do estádio, compro o meu por dez reais. O portão de ferro está aberto e muita gente já enfrenta as britas e adentra o pátio. Chego sozinho, por lá devo encontrar algum amigo ou conhecido, e depois chegará o meu pai. Falta ainda uma hora para o jogo, que eu vejo passar em um par de conversas, no contorno quase sem pensar que faço por todo o limite das arquibancadas. E logo já está tudo no lugar, todos aí, duas mil pessoas num dia de céu azul e de um sol que não nos queima, só nos beija, e as coisas começam bem para logo se desmoronarem em poucos minutos. Fizemos o primeiro, levamos dois, arrastamos o resto do jogo para levar a função para a marca do pênalti. O nosso craque, camisa dez nas costas, anos e anos de Segunda Divisão e de uma magia ignorada pelos que não conhecem estes campos, pega a bola primeiro e com ela arrasta as redes para trás. Saímos na frente, mas outra vez eles não se intimidam e então não perdoam o nosso erro. Ganham, levam as chances para lá, colocam o estádio outra vez em silêncio. Ninguém arrisca uma vaia, ainda bem. Subitamente mudos, saímos pelo mesmo portão para fazer o caminho inverso, de volta para casa. Desta vez, vou embora de carro. No rádio, o técnico ou o presidente agradece aos que lá estiveram, valoriza o empenho dos jogadores, recorda as dificuldades financeiras e aponta que o próximo ano pode ser diferente. Para mim não é uma conversa nova, mas eu sempre acredito. Algumas luzes da rua se acendem, o céu começa a escurecer. Já há quem busque por diversão barata na Avenida e quem caminhe sem rumo, indiferente às decepções do futebol subterrâneo e do ocaso e do outono.

2.5 Fechar os olhos

Não por acaso, conhecia a chácara como se pode conhecer a geografia das próprias mãos. Se fechasse os olhos, pensava, conseguiria dizer com clareza onde estava o caramanchão, em que momento a grama se abria para o campo de futebol, a quantos metros do portão de entrada se situava o galpão e, depois dele, a garagem. Poderia, sem grande esforço, apontar o pedaço de terra que dava início ao barranco, ponto em que a serra anunciava a sua queda. Mas olhos fechados e noite escura são duas situações diferentes, e não é toda a confiança que sobrevive sem perdas horas depois do crepúsculo.

O conhecimento daquele espaço remontava à infância. Nos anos amarelos, corria pela grama como se aquela fosse a planície infinita, tão longe que pareciam estar os muros brancos, os plátanos que costeavam a piscina, os arbustos de um verde pálido e as demais árvores que demorou muito tempo para saber a que espécie pertenciam. Era lá, a pouco mais de quarenta minutos de carro da cidade, que aconteciam os mais longos churrascos da infância, sempre alongados por um pouco mais de vinho, um pouco mais de conversa, minutos a mais de fogo e de comida. Não foram poucas as vezes em que decidiram pernoitar e, assim, evitar o enfrentamento com as pontes que ganham em perigo nas madrugadas. Numa tarde qualquer, na adolescência, se viu num dos primeiros saltos reais para a juventude – ou para o que na época acreditava ser a idade adulta. A partida de futebol havia sido interrompida por um fato qualquer (a vontade de beber água da torneira ao lado do campo, o cansaço nas pernas, quem sabe a provocação de alguém) quando, ao tirar o rosto de dentro da camiseta encharcada, viu dois amigos trocarem socos perto de uma das goleiras. Deixou de rir daquelas agressões improvisadas quando um deles, o mais magro e estranho entre os dois, se deixou apanhar e depois de minutos de inércia desatou a correr por uma estreita trilha do mato que vai dar na chácara vizinha, onde passava as noites na casa de algum parente distante. Nunca mais foi visto por ali.

Foi também naquele lugar que se entregou ao pranto numa noite de tempestade em que os raios pareciam cair todos muito próximos da sua cabeça. Teve medo de morrer antes do anoitecer, e de que ninguém pudesse encontrá-lo naqueles matagais para o sul da chácara. As trovoadas só pararam de atormentar o céu quando uma chuva diluviana o deixou com as meias como que recém-saídas de um banho de mar, e com a boca numa mistura de águas da chuva e do choro, ou de dois rios distintos. Quando voltou já estava escuro e o tímido sol do início do dia havia se perdido atrás de um dos morros, mas era dezembro e as luzes falsas que anunciavam o natal o ajudaram a encontrar a casa onde estavam os demais, a casa azul de madeira que parecia minúscula perto dos dois sobrados da propriedade.

Sob aquela lua da serra o destino lhe entregou o sexo, num outono em que quase todos estavam na cidade e as casas ficaram vazias para os seus habitantes; que aprendeu a montar de

verdade, com o esforço que é andar a galope num território repleto de relevos, pouco habitual para uma região mais conhecida pelas áreas planas; que descobriu para o que serve o dinheiro, qual é a consequência de um trago, como se escapa de uma briga mais dura e quão inquietante pode ser atravessar as madrugadas sozinho. Ao menos na sua época, ao contrário do que passava no tempo dos tios, já havia luz elétrica na maioria dos cômodos. O que permanecia para mais além das gerações era o ruído dos grilos e os outros sons que a noite esconde e parece soltar da sua teia no momento mais agitado do sonho dos homens.

Em todo o caso, ele nunca pensou que pudesse um dia estar na chácara não como um sobrinho de passagem, mas como um morador daquelas lonjuras. Não que a ideia o ofendesse: é que imaginava o seu futuro na cidade, no emprego que fosse. Mas o trabalho, qualquer trabalho, demorou tanto para chegar que os tios ofereceram numa manhã de sábado, os três homens sentados na mesa de uma das casas, quem sabe não vens trabalhar aqui, há muito o que orientar para os peões e os caseiros, o serviço anda devagar e deve ficar mais difícil daqui a poucas semanas. Teriam como lhe pagar alguma quantia, e um dos quartos da casinha azul estava vazio, como que à espera de alguém que sempre passou por ali e nunca lembrou de ficar. Ouviu a proposta em silêncio, bebendo o mate sem pressa, mas desde as primeiras palavras sabia que aquilo, mais do que uma ideia, era uma ordem que ele não teria como recusar ou adiar. Assentiu, disse que voltaria com as malas e as coisas que precisava para o trabalho dentro de uns poucos dias.

O terreno pertencia aos seus familiares há muitos anos. Não se sabe bem em que situação, até porque os grandes acontecimentos sempre pareceram enevoados, senão estranhos, nos negócios da família, mas num fim de semana o irmão mais velho do seu avô, um homem que tinha perdido as tão renomadas estâncias que mantinha há décadas no interior do Uruguai, levou a todos para a chácara com a intenção de apresentá-la com pompa – ele era só uma criança, mas se lembrava de alguns instantes daquela solenidade. O velho indicava com o dedo onde queria construir cada coisa, e cada um dos seus planos se transformou em verdade ao longo do tempo. Mesmo os luxos saíram da língua e do papel: a quadra de tênis está lá, tão inútil quanto real, e a piscina tem a exótica profundidade de quatro metros que havia sido prometida na infância.

Desde os tempos mais remotos do lugar, o maior estranhamento se deu com os vizinhos. Aquela subida dos morros teve sempre outras propriedades, algumas até maiores do que a chácara, mas a relação com os homens das proximidades nunca foi cordial. Don Evaristo, que por anos passara tardes de inverno na chácara, jogando carta e bebendo vinho, desapareceu da mesma forma com que os azes sumiam da sua mão na canastra. Há sete ou oito anos que o seu carro verde não é visto adentrando o pórtico da entrada. Os filhos do seu Miguel, que plantava qualquer coisa num pedaço de relevo ruim, quase encravado na

montanha, dedicaram a adolescência a tomar banho de piscina e a cortejar as mulheres da vizinhança, mas depois que foram expulsos (ele nunca entendeu como aquela briga cheia de uma silenciosa violência aconteceu) não voltaram mais. E assim os visitantes rarearam e nos dias de hoje são quase todos do mesmo sangue, com a exceção dos funcionários e de uns poucos remanescentes do povoado.

No começo de um verão particularmente quente, a chácara ficou deserta por quase vinte dias. Mesmo os dois tios, que passavam os dias de semana na propriedade com suas esposas e os filhos, deixaram o local e rumaram para a cidade. O portão foi fechado com dois cadeados, as luzes se apagaram, os caseiros foram orientados a passar uns dias de folga em algum outro lado. Ele não ouviu nenhuma explicação sobre o tema, mas recorda que foi pouco depois da morte de um dos funcionários – que, se bem lembrava, nos últimos tempos havia se ocupado da jardinagem. Além dos plátanos, havia jardins, pomares e hortas espalhados pela chácara. João Pedro, era assim que ele se chamava?, teria sido atingido por um raio quando os patrões caminhavam por perto, no caminho que leva às canchas de bocha. Um dos filhos disse na época ter ouvido um estrondo – um barulho que já conhecia, mas que não sabia relacionar a nada – e depois ter escutado, na varanda, a notícia sobre a morte do peão. Quem estava na chácara naquela tarde cumpriu com os trâmites no posto policial do povoado e horas depois já estava na cidade, tendo deixado os portões e entradas devidamente lacrados.

Foi no mesmo ano em que Alberto, o tio que mais se envolvia nas questões práticas do lugar, como a orientação dos trabalhadores, a questão do dinheiro, as contratações e demissões e a data de cada festa, resolveu alterar algumas das normas do lugarejo. Eram ordens contraditórias, de modo que não era possível creditar as mudanças a uma suposta crise financeira, por exemplo. Ele recorda de dois dos comunicados: a partir de agora, a piscina ficaria cheia e limpa inclusive no inverno, mesmo durante as noites. Por outro lado, a iluminação da chácara – havia luminárias em cada caminho de terra ou grama, e pequenos postes de luz ao lado das casas e das outras edificações, como o galpão e a garagem – seria desligada sempre a partir das nove horas da noite. Temos tudo nas nossas casas, e mais do que nunca me parece perigoso ficar caminhando por aí depois que o sol se apaga, deve ter dito o tio num dos seus discursos sóbrios para os poucos moradores e visitantes que estavam na chácara.

Dois dias depois da manhã em que aceitou o acordo, ele estava de volta ao lugar. Desembarcou da caminhonete que o pai lhe emprestou para a nova fase da vida com duas malas que, por dentro, traziam basicamente roupas de frio e uns poucos apetrechos materiais. Coisas para não se ver perdido no trabalho e para se manter sozinho naquelas terras. A tarde descia aos sobressaltos quando percorreu o curto caminho que separa a casinha azul, em que viveria pelos próximos meses, e o sobrado de tijolos à vista em que morava Alberto. O

crepúsculo já dificultava o alcance da visão, mas a iluminação da chácara mostrava com precisão os elementos do caminho: as flores de cada jardim, como que tímidas ao frio, as marcas do cascalho na grama, os bichos que voavam ao redor das lâmpadas, a água parada da piscina que não via um banhista há dias e era possível que permanecesse em solidão até o final do inverno. Durante a curta caminhada, de não mais do que cinco minutos, não se encontrou com ninguém e tampouco avistou qualquer pessoa. Todo o lugar era tocado pelo silêncio.

O tio Alberto estava sentado na frente da casa, com o olhar perdido nas páginas de um jornal que deveria folhear há horas. A edição era de ao menos três dias atrás. Parecia sozinho no sobrado, e só ergueu os olhos do papel quando o rapaz parou, quieto, na sua frente. Estou aqui com todas as minhas coisas e já posso começar, ouviu o recém-chegado dizer. O homem tirou os óculos do rosto e o convidou para sentar. Disse que nada do que o esperava poderia o surpreender: conheces tão bem este lugar como eu, falou. E burocraticamente elencou tarefas e horários, como um patrão sem tempo para elaborar uma cartilha bem escrita ao seu empregado: pela manhã, pouco antes das oito, passar de lugar em lugar, onde as coisas acontecem, e ver se os peões estão trabalhando corretamente; por volta das dez e meia, organizar a compra do rancho que virá do povoado à tarde; no final do turno, ver se o que foi cortado de lenha será suficiente para o restante do dia. E então virá o almoço, a sesta, para então recomeçar com quase o mesmo circuito, dando alguma atenção para os cavalos, a piscina, o estado das coisas. O estado das coisas era o mais importante. Mais adiante teremos mudanças, falou o velho antes de se levantar da cadeira e deixar o jornal à mercê do vento que esparramou umas quantas páginas pela varanda.

Deixou a casa do tio e caminhou a esmo pela propriedade. Estranhou outra vez a ausência dos funcionários, parecia cedo demais para que estivessem todos recolhidos no pavilhão dos trabalhadores. Julio, o irmão de Alberto, deveria estar na cidade. Notou que o campo de futebol estava embarrado; as chuvas dos últimos dias e as chuteiras de alguém haviam deixado marcas fundas na grama. Do pomar, vinham sons de pássaros, cantos que jamais conseguiria distinguir. Mas eram soluços tristes, constantes, que não silenciavam nem com a chegada da noite. Andou mais alguns metros e viu, ao longe, as luzes que vinham do pavilhão. Então os homens estavam por lá e devem ter sido liberados mais cedo do serviço. Se sim, estavam quietos. Perto do galpão antigo, de uma madeira nunca pintada, os gatos subiam e desciam em pedaços de tábuas, em materiais que não servem mais para nada. A noite o encontrou quando voltava para a casa azul; a verdade é que antes já havia noite, mas só a notou de forma plena quando as lâmpadas se apagaram de um rompante. Não havia caído a luz ou faltado eletricidade: eram nove horas, momento em que a chácara ficava totalmente às escuras.

Não sentia medo da noite desde o fim da infância, mas foi tomado por um sentimento

impreciso. Então o caminhar fez-se trôpego, o passo perdeu a confiança e ele tratou de usar as mãos para sair de perto das árvores e se aproximar da casa. A mão direita roçou num espinheiro e ele sentiu que um dedo sangrava, mas decidiu não parar e acelerar o ritmo da caminhada. Metros depois, foi surpreendido por um barulho de água que corre e pensou que estava longe demais das piscinas para sentir qualquer som como aquele. Além do mais, ninguém se banharia numa noite fria e sem lua como esta. Lembrou então da velha fonte que a avó mandara construir no passado, cercada de arbustos labirínticos, território por onde raras vezes caminhava. Como havia chegado ali? De qualquer maneira, a segurança de saber por onde andava o reconfortou o coração. Desvencilhou-se daquela vegetação e pouco depois avistou, imersas no ocaso, as tábuas da casa azul que o aguardava para a primeira noite da nova vida.

Só voltou a pensar naquela sensação confusa do entardecer quando tratava de passar o café preto, na manhã seguinte. Teve um sono limpo, sem quebras ou espaço para pesadelos. Acordara antes da hora, sentia-se disposto. Passava pouco das sete e o dia, embora um pouco nublado, deveria se iluminar ainda antes do meio-dia. Não era difícil lembrar das mecânicas tarefas que o tio o destinara, e logo sairia de casa para cumpri-las com paciência e algum esmero. Por via das dúvidas, cobriu-se com um casaco pesado, daqueles que interrompem até mesmo as rufadas do vento sul. A manhã passou depressa, a tarde foi abreviada por uma sesta mais longa do que o normal. Por volta das seis da tarde, instante em que o crepúsculo passa a se adonar do céu, as obrigações já estavam todas cumpridas. Disse para os funcionários que retornassem amanhã, aos caseiros avisou que já podiam se esquentar no pavilhão. Havia bastante lenha para eles, os patrões não deveriam voltar para passar a noite na chácara. Julio havia telefonado durante o dia: teve de viajar a Posadas, ficaria uns dias longe de tudo. Que não o procurassem. Alberto provavelmente estava resolvendo os seus assuntos na cidade, ou admirando o tempo passar no bar em que os ricos do povoado se encontram com frequência.

Ligou o rádio e ouviu sem atenção as notícias que vinham da Capital. Nada de muito novo para aquela noite. Havia cumprido apenas o primeiro dia de trabalho e já se questionava sobre algumas coisas. Será que as noites seriam lentas demais no campo? Os tios o repreenderiam se, certas vezes, buscasse a companhia de alguma das mulheres com quem saía na cidade? Como tinha todo o tempo do mundo, preparou o solitário jantar com esmero. Picou a cebola e os tomates em pequenas lascas em cima da tábua de madeira, lavou as panelas que há tempos pareciam estar sem uso. Tratou de cortar a carne que havia buscado no dia anterior e aprontar o fogão para a função do arroz. E depois da janta, o que faria sem televisão, sem vontade alguma de ler, sem ter com quem conversar? Admitiu até a hipótese de procurar os caseiros que andavam solteiros e propor um trago de cachaça, ou pelo menos convidá-los para compartilhar duas ou três cervejas. Mas era o primeiro dia, e não queria dar a entender que se

entediaria assim tão fácil. O sonho, afinal, poderia chegar rápido e livrá-lo daquela espera indefinida e da angústia que começava a incomodar e preencher os cômodos da casinha de madeira.

Comia a refeição sem grande prazer quando escutou o barulho de um carro que se aproximava da chácara. O automóvel deveria andar um pouco longe, pois os sons não eram fáceis de se distinguir. Com o rádio ligado e muito perto dos seus ouvidos, os ruídos se confundiam e se perdiam no ar. Pouco depois, pensou ter escutado o abrir e fechar de um portão e, por fim, algum movimento para os lados da garagem. Deveria ser Alberto, que voltou para dormir no sobrado com Angélica, a sua mulher. Limpou a boca com o guardanapo e sentiu preguiça de lavar os pratos. Era tão pouca coisa, pensou, esta louça fica para amanhã de manhã. Esticou-se na cama, ainda com a luz acesa, e percebeu que o sono demoraria a chegar. Vasculhou a mochila em busca de algo minimamente interessante e só se deparou com bolachas, uma muda de roupa, um livrinho de Georges Simenon que um amigo lhe havia emprestado há algumas semanas. Em cima da mesa, o jornal de ontem já parecia de outro mundo. Como ainda não era tão tarde, decidiu atravessar a chácara e encontrar Alberto, trocar um pouco de conversa. Desde que chegara para ficar, pouco havia falado com o tio, que parecia mais distante do que antes.

O relógio de parede marcava dez horas quase em ponto e então recordou que as luzes de fora estavam já apagadas: de imediato, voltou à cabeça o acontecimento da noite passada, os batimentos acelerados que o pegaram de surpresa atrás da fonte de água. Riu do que havia acontecido e, com o cachecol no pescoço, fechou a casa e se pôs a caminhar. Afinal, conhecia aqueles lugares mesmo de olhos fechados, tal como sabia de cor as linhas da própria mão: a mão que na mesma hora do dia anterior havia sangrado quando roçou num espinheiro. Desceu os três degraus da casa azul e começou a andar pelo caminho de terra rodeado por plátanos, a rota que, se percorrida até o fim, deixa o visitante quase que no lado oposto da propriedade. Desta vez, o céu estava um pouco mais claro, viam-se algumas estrelas e o halo de uma lua ainda coberta por nuvens. Os passos eram rápidos e firmes, assim estaria em poucos minutos na porta do sobrado. À sua frente, no entanto, logo estava a entrada da garagem, às escuras e aparentemente vazia, e não o caminho de terra que havia tomado ao sair de casa.

Tentou permanecer tranquilo e caminhar como antes. Aguçou os ouvidos, queria saber se estava longe do bosque em que os pássaros nunca dormem. Minutos depois, escutou o barulho de água. A fonte outra vez? Ou agora era alguém na piscina? Tateando, buscou a resposta que não apareceu. Os seus dedos tocaram a casca de uma árvore velha que não pôde identificar. Em nenhum momento enxergou as luzes do pavilhão. Pediu calma para si mesmo como fizera ontem, mas o coração já não obedecia. O passo, antes decidido, agora era frouxo, assustado. Quase caiu num pequeno monte de britas, e machucou novamente as mãos ao tentar se apoiar no chão. Sentia-se perdido no momento em que viu certa claridade do céu

num reflexo – eram os vidros do sobrado, enfim. Aproximou-se, bateu à porta, esperou em vão. Não havia ninguém por lá. E os barulhos do carro, e a chegada de Alberto? Tomado pelo medo, desatou a correr, tentou gritar, teve a voz sufocada pelo escuro. O seu corpo bateu em folhas, em galhos de plantas, quase se feriu ao esbarrar num poste de concreto. Manteve a fuga e notou de súbito que seu corpo desabava. A dor na perna era intensa. Estava caído num dos barrancos que margeiam a chácara, na descida da serra, bruscamente iluminado pela lua.

2.6 Luz amarela sobre a cidade

Os quadros pareciam fora de lugar e se poderia dizer que tinham inclusive adquirido outras formas. A sala parecia mais ampla do que nunca, com espaço para mais móveis, com tantos vazios que até então não pudera notar. Isso por causa do estranho ângulo com que via as coisas – não de maneira metafórica, mas porque enxergava o apartamento desde o chão, deitada no tapete macio e branco. Pela janela, a lua logo escaparia dos contornos de madeira, deixando-a a sós com o céu escuro, quase sem estrelas, que via sem entusiasmo e sem força.

Estava deitada há horas, desde o início do entardecer, sempre com o computador ligado e com o celular por perto. Mas não esperava mais, naquela altura do dia o que havia de esperança havia se consumido com o tempo do relógio. Esperava por uma mensagem que não chegara, por uma visita que jamais viria, como tantas pessoas naquele domingo que não se desgrudava do céu. Era uma noite comprida, que parecia presa no tempo, mesmo que uns quantos esperneassem para que passasse de uma vez por todas. Ela não: para tanto, não havia ânimo. Era antes o desejo de alguém à beira de estar resignado do que a angústia de qualquer indignação.

Talvez fosse o dia menos recomendado possível para que alguém a deixasse assim, atirada no tapete da própria casa. Porque os domingos na esquina entre as ruas Wilson Ferreira Aldunate e San José, entre o Centro e o bairro Sul de Montevideo, são tão silenciosos que é possível ficar por quase uma hora sem ouvir uma conversa na rua, a buzina de um carro que passa, o apito ao longe de um guarda de trânsito que precisa trabalhar mesmo quando a população inteira da cidade está em outra parte, ou em completo repouso, como se espera dos domingos. Ainda mais de onde estava, no quinto andar de um prédio em que as lâmpadas desligadas denunciavam a condição de apartamentos desabitados.

Visto da rua, a única luz daquele edifício de esquina vinha justamente da sala em que ela estava deitada no chão, ou no tapete. A luz amarela e fraca que sai pela janela sem grande alcance, como as suas limitadíssimas energias naquele meio de noite em que as coisas se consumaram na tristeza e depois na decepção, em mais um pouco de espera e enfim na desistência. A luz amarela que não mostra muito mais do que a cortina bordada, de cor clara, e uns poucos livros da prateleira mais alta da estante de madeira. Mais do que isso não é possível enxergar, nem se alguém estivesse na mesma altura da janela do quinto andar e exatamente em frente, do outro lado da avenida San José.

O que havia feito do dia, para estar naquela posição que denunciava uma noite sem

volta, sem qualquer saída? Pela manhã, acordou tarde e almoçou num bar de italianos a poucas quadras de casa. Pôde reconhecer nas mesas a sua volta os poucos vizinhos do bairro que não haviam viajado naquela semana de prolongados feriados, de ruas sem gente. Comeu tão distraída que, depois de pagar a conta, se alguém a abordasse na rua, a cumprimentasse e então indagasse sobre o cardápio, sobre o gosto de cada alimento do seu prato, ela não saberia bem o que dizer. Não havia percebido o sabor de quase nada. Que havia tomado duas taças de vinho tinto, isso sim, lembraria de contar ao interlocutor.

A tarde passou com uma tentativa de autoengano que, como costumam ser estes intentos, terminou em fracasso. Desde a noite anterior sabia que ele poderia aparecer naquele dia, depois de largas ausências e viagens. O contato, antes explosões diárias de mensagens e recados, em que qualquer novidade banal ganhava um interesse de vida, minguava com o passar dos dias, até ganhar a forma de um silêncio que parecia angustiar apenas uma das partes envolvidas. Ainda assim, sem notícias e sem ter sido procurada, sabia que à noite ele já estaria na cidade, e que havia, quem sabe, alguma chance de buscá-la.

Como pretexto, pensou para si mesma que havia que deixar a casa em ordem. E a partir deste momento varreu os cômodos, acomodou móveis, colocou fora almoços que há tempos esperavam por alguma desesperada receita na geladeira, trocou uma lâmpada. E, num mesmo processo, tratou de carregar o celular e de deixá-lo sempre perto da janela, onde não haveria nenhum risco de ficar sem sinal; tratou de se mostrar ‘disponível’ nas redes sociais de conversação, e de manter a luz do ambiente sempre ligada, a única luz que pode ser vista desde a rua. Fez o que poderia ser feito para o caso de ser procurada, dentre as ações por assim dizer indiretas – sabia que, se ligasse para ele, num rompante, as chances poderiam ruir no mesmo momento.

E então esperou, primeiro acompanhada por um tedioso programa de televisão, depois pelo jornal do dia, com os seus cadernos tão grandes como desinteressantes, cadernos típicos de um domingo. Mas não seria com objetividade ou com informações sobre conflitos diplomáticos que a tarde passaria mais rápido. Aproximou-se das estantes de madeira, tratou de acomodar alguns dos livros que nitidamente se encontravam fora de lugar. E, num gesto quase instintivo, levou o livro de poemas de Juana de Ibarbourou para a mesa da sala.

Agosto agrio y ceñudo, de albas heladas y lentas. De amor dormido o ausente y de quemadas violetas; Agosto, neblina y sombra. Agosto, esperanza muerta. Siento en el alma tu espada, ¡tu puñal de helado acero!

Me pesa como la piedra, aquel ensueño de Enero.

Agosto de violetas queimadas, ela não poderia estar mais de acordo com Juana. Agosto, neblina e sombra, como o céu que mirava pela janela nos últimos dias. É verdade que sentiu-se mais triste com o poema aberto sobre a mesa, mas, ainda assim, mais verdadeira. Deixou-o ao lado de duas folhas amarelas e murchas, que talvez não sobrevivessem àquele mês de ventos indomáveis, que derruba expectativas sem cerimônia, que interrompe o inverno e deixa a todos como que pensando em tudo, numa reflexão que mais atordoa a cabeça do que resolve os problemas com lucidez. Agora, ao menos, havia uma companhia sincera: os tantos amores que Juana de Ibarbourou levava para os versos.

Por meia-hora, esteve às voltas com os poemas. Pôde notar que havia escrito um para cada mês do calendário, e que os melancólicos eram dedicados aos tempos de frio, como junho, julho e agosto. Com o calor, o pessimismo e a dor da poetisa pareciam amenizados pela luz do sol, pensou. Espiou pela janela em direção à rambla: de lá chegava um vento fresco, de direção e sentido errantes, e que logo invadiria os corredores do edifício para permanecer por umas quantas horas. Talvez tenha sido quando percebeu efetivamente que ele não chegaria, mesmo que ainda houvesse tempo para o milagre.

Não havia se deitado no tapete; caíra ali. Há tempos, nestas semanas de solidão e de poucos recados, que uma angústia havia se instalado no peito, como se ali repousasse um pedacinho de ferro, não mais do que uma esfera, ou uma bala alojada que não a ferisse de súbito, mas fosse contaminando pouco a pouco a serenidade e as forças. Quase se envergonhava de creditar uma sensação tão ruim ao amor ou à saudade, mas naquela relação havia, sobre isso já tinha entendido, espaço para tudo; para o que machucava de maneira discreta, para as esperanças mais vãs, para delírios de paixão que não eram mais do que brisas frescas no mais infernal dos verões. E a bala ou a pequena esfera de ferro, depois de tentativas várias, enfim a haviam derrubado, fizeram com que deitasse rendida no tapete que havia comprado há um par de anos numa loja turca do bairro Cordon, a poucas quadras de onde estava.

Mas aos poucos, em contato quase direto com o chão, o que era uma angústia profunda acalmara, perdera força. Teve como consequências algumas lágrimas breves e o posterior cansaço, que a fizera adormecer no tapete por quase duas horas. Acordou assustada, talvez na expectativa inconsciente de que, se dormisse, poderia perder algo: a batida na porta,

a ligação no celular. Algo que revirasse os tecidos daquela noite. E nem bem reabrir os olhos pôde perceber que o cenário estava intacto. O celular perto da janela com o seu protetor de tela festivo, sem chamadas ou mensagens registradas, o computador no estado de hibernação e com os programas já dormentes no sistema, a porta intocada, ou atingida apenas pelos cupins insones. E o prédio às escuras, com a exceção da sua luz amarela e morta.

Estava outra vez sentada à mesa, depois de lavar o rosto e esfregar os olhos que sofreram algum dano com o sono estranho e as lágrimas de antes. Afastou com as duas mãos o livro de Juana de Ibarborou, balançou com delicadeza o caule de uma das flores amarelas. Pensava que dormir a aliviara de alguma tristeza, mas agora faltaria sono para atravessar a madrugada. Naquela metade de noite, alguns ruídos finalmente tinham chegado à rua. Ouviu passageiros desembarcarem de um táxi, algum apito de navio no cais, ao longe, do outro lado da enseada. E alguma conversa no terminal de ônibus que ficava na esquina seguinte.

No terminal, três motoristas aguardavam pelos ônibus que logo sairiam pelas ruas de Montevideo, a julgar pelo motor já ligado e por uns poucos passageiros que esperavam na volta, sentados em muretas. Os homens conversavam em voz alta, e um deles, gordo e de jaqueta enorme, que tapava boa parte das calças e mesmo a palma das mãos, tomava conta do diálogo. Era o que conduzia os assuntos, o que se arriscava nas piadas e escolhia os interlocutores de acordo com a história da vez. Quando ria, as gargalhadas ecoavam longe, iam parar quase na Avenida 18 de Julio, e podiam ser percebidas no quinto andar do prédio da esquina, onde uma mulher se escorava no parapeito da sacada.

Os ruídos a animaram de alguma maneira. Protegida por uma cidade que por vezes sentia como tão sua e em outras como uma terra estrangeira e distante, agora percebia nos barulhos urbanos qualquer indício de conforto. Não estava tão sozinha, afinal. Logo se dirigiu à sacada, tratou de estender o olhar para os demais prédios do bairro, em direção ao sul. Tratava de encontrar pontos de luz na noite de domingo, de distinguir seres acordados no que restava do domingo. Ao buscar os pontos iluminados, as provas de vida no meio da noite, lembrou de um trecho de *Sobre heróis e tumbas* em que Alejandra, a criatura de Ernesto Sabato, também se dedicava a buscar ilhas de luz no escuro.

De imediato buscou o livro na estante. Não foi difícil encontrar a página, marcada por uma pequena dobra numa de suas orelhas. “Olhe a luz na janela, naquela casinha - comentou Alejandra, apontando com a mão. - Eu sempre fico seduzida por essas luzes na noite: será uma mulher prestes a ter um filho? Alguém que morre? Ou talvez seja um estudante pobre lendo Marx. Como o mundo é misterioso. Só as pessoas superficiais não veem. Você conversa

com o guarda da esquina, faz com que ele se sinta em confiança e logo descobre que ele também é um mistério”, leu. Se o poema de Juana de Ibarbourou a levava uma coincidência triste, o trecho de Ernesto Sabato fez com que um tímido sorriso se abrisse em seu rosto.

Vestiu um casaco quente sem consultar o espelho, e instantes depois estava no antigo elevador, de grades manuais como corresponde aos prédios de cinquenta anos atrás, descendo em direção ao térreo. O primeiro vento da rua pôde renovar o rosto, deixá-la alerta. Esperou por pouco tempo, entrou no primeiro ônibus que deixou o terminal. Quando perguntou o trajeto, ouviu do cobrador: onde queres descer? E ruborizou quando teve de dizer que não desceria em lado algum, que daria a volta inteira com o ônibus, aquela volta era só para ver um pouco da cidade e sair de casa. Mesmo calado, o homem deixou escapar um leve riso de escárnio para o motorista. Viajaria até as proximidades do aeroporto, e aquela função deveria levar ao menos uma hora, apesar dos bairros estarem ainda esvaziados.

Viu o letreiro em neon de pizzarias com quatro ou cinco mesas ocupadas; viu os moradores de rua procurando o refúgio das marquises, viu o prédio da Prefeitura às escuras, o Parque mal iluminado, com alguns andarilhos debaixo de árvores que desapareciam na escuridão. Passou por ônibus que levavam os passageiros até o Prado, outros que não passariam da curva de Maroñas. Viu um casal que não se esforçou em nada para disfarçar a briga que travavam, já nas proximidades de Carrasco; e quase ouviu o rapaz, em plena rua, dizer para a namorada que não havia nada pior do que discutir daquela maneira no final da noite de domingo. Viu que os táxis estavam andando mais rápido do que o costume, com pressa para buscar as pessoas que chegavam por aquelas horas na rodoviária, de volta à cidade depois do feriado que enfim estava acabando.

O ônibus ficou parado por poucos minutos no aeroporto. Entraram apenas duas pessoas: uma mulher que tinha o rosto inchado por algum choro recente, quem sabe as lágrimas de uma despedida que ocorrera há poucos minutos, e um homem idoso, de volumosos cabelos brancos e sóbria bengala na mão direita, sem qualquer rastro de emoção nos olhos ou na boca. Observando a rua e as pessoas, quase esqueceu da espera e do próprio drama, justamente o que a haviam feito sair de casa e entrar no primeiro ônibus que passasse pela rua San José. É certo que o movimento a fizera esquecer disso por alguns instantes, mas e quando chegasse outra vez em casa? O apartamento que parecia agora tão grande, espaçoso demais, com o perturbador tapete no qual caíra no sono, a esperava outra vez.

Não foi sem desolação que se viu novamente no centro da sala de casa, com os quadros de sempre pendurados na parede, a janela sem lua, o céu sem cor, os dois livros

atirados sobre a mesa. O sono permanecia distante, e o celular e o computador a avisaram sem pena de que ninguém a havia buscado. Numa prateleira quase escondida, entre a parede pintada de verde e a estante de livros, buscou com o olhar os antigos discos. Entre uma coletânea de sambas brasileiros e de arranhados exemplares do jazz norte-americano, encontrou os discos de Astor Piazzolla. Eram os tangos que a perseguiram implacavelmente durante toda a vida, e que há tempos não tirava da caixa. Havia sobre as capas uma visível camada de pó.

Recordou que na adolescência o acordeão de Astor tinha força suficiente para derrubar as paredes do seu quarto, num método que não deixava de ser contraditório: aniquilava a melancolia de quem ouvia com a sintonia de instrumentos tristíssimos dos que tocavam. Em dias de serenidade, aquelas canções a levavam a um estado eufórico, e não poucas vezes dançou tango pela casa com passos livres ao lado de companheiros imaginários. Quis acreditar mais uma vez na força daquele disco: Oblivion. Agora, além da fraca luz amarela, também um som de acordeão escapava pela janela do apartamento, na esquina entre as ruas San José e Wilson Ferreira Aldunate, entre o Centro e o bairro Sul de Montevideo.

2.7 Como um sonho acordado

Os garçons do Café Orquídea mal sabiam para onde apontar os olhos naquela tarde que parecia parada no tempo, imersa em modorra. Alguns escolhiam como referência o rodar automático da hélice dos ventiladores; outros, a tábua de uma mesa vazia. Miguel resistia um pouco mais ao tédio e abanava o próprio rosto, sentado atrás do balcão. Naquela hora da tarde, os clientes passam longe do café. Lisboa está em outro lugar, a vida da cidade também. Por ali ficam os quatro garçons, o gerente que cochila, os sons perdidos do salão à espera de que algo aconteça e então o tempo volte a caminhar.

Miguel sente sono, dormiu pouco. Não fosse a sorte de ter encontrado uma condução logo que saiu à rua, teria chegado tarde outra vez ao Café Orquídea. Escapou pelo acaso ou pela sorte, se é que são variáveis distintas. E agora poderia até recuperar um pouco da energia, fechar os olhos, debruçar-se sobre a madeira quente do balcão. Mas se dormisse este sono estranho dos lugares públicos, de desgastados e rasos minutos, pensa que acordaria ainda mais cansado e que o restante da tarde seria um martírio, até que o último cliente saísse, depois de esgotar uma xícara de café com leite ou um copo de cerveja, para só então partir para aquele começo de noite em Lisboa, quando o fado do Bairro Alto convida a todos para que cheguem um pouco mais tarde em suas casas.

Por mais tentador que seja a possibilidade do fado em dias assim, trata-se de um programa por agora inviável para Miguel. O garçom até passará ao lado de alguns dos bares, mas talvez nem consiga espiar os rostos pelas janelas. Três vezes por semana, depois de deixar o café, Miguel recolhe no quarto dos fundos do Orquídea o estojo com o violão, arruma o cabelo no espelho ao mesmo tempo em que lava o rosto e sai para cantar e tocar algumas notas no transporte público. Às vezes nos ônibus, outras no metrô, raramente nos bondes que ainda trafegam nalguns bairros da capital. E então ganhará um dinheiro, moedas, notas, um sorriso de criança e quem sabe de mulher, e verá o cansaço no rosto dos que voltam para casa depois de uma jornada bem pouco musical e que só querem uma cama e um travesseiro, e não escutar um músico urbano que tenta ampliar os seus rendimentos mensais interpretando as canções de Fausto Bordalo Dias nas conduções lisboetas.

Há alguns meses que as moedas do transporte público engordam o menor dos compartimentos da carteira de Miguel. Foi a saída para aliviar o drama dos meses que não fechavam, do pagamento cada vez mais apertado do aluguel na pensão Coimbra-Madri. Em frente a Praça da Figueira, o prédio da pensão está algo decadente: a pintura já perdeu a cor há tempos, algumas das letras do velho letreiro caíram com alguma chuva ou vento forte (o

“B” de Coimbra e o “I” de Madri, ao menos até agora) e, na parte alta, na verdade quase um sótão, onde se situam os quartos mais baratos da pensão, já cresce uma vegetação selvagem que pode ser vista desde a rua. É para lá que Miguel retorna, tarde da noite, depois de cantar no ônibus ou nos vagões do metrô, com ou sem dinheiro, e é na improvisada recepção que deixa as sofridas notas de Euro no dia trinta de cada mês.

Com a estranheza da vegetação (plantas com energia suficiente para resistir ao cimento e à dureza dos tijolos), acostumou-se depressa. Ele nem nota mais as ramificações verdes quando senta em frente à pequena mesa retangular do seu quarto, esparrama um mapa topográfico de Lisboa sobre a superfície e estuda mais uma vez as linhas de ônibus da capital para assim não se perder ou não tomar caminhos equivocados toda vez que suporta as curvas, as ladeiras, a incompreensão de alguns dos motoristas e o próprio cansaço para terminar as três canções que consegue anunciar e finalizar em cada um dos seus trajetos. A rotina na pensão é agradável na maior parte do tempo, talvez por passar tão pouco ali: está sempre na rua ou no trabalho, e não lhe caberia mal o carimbo de andarilho.

É num momento inexato, próximo das quatro horas da tarde, que o Café Orquídea se desprende da inércia e os quatro garçons precisam abandonar os seus devaneios. O saguão volta à vida, as mesas se ocupam, o barulho do ventilador se confunde finalmente com o das conversas. É então é preciso mexer um pouco as pernas, servir uma garrafa de cerveja gelada para o senhor Pereira, um café fraco para o senhor Domingos, por favor, mostrar a bandeja de chás para as senhoras da Alfama, ainda que elas sempre escolham os mesmos pacotes com as mesmas ervas. Não é um trabalho ruim, por nada. Muito porque há lugar também para as conversas. Com Antonio, que com os seus jornais pode atualizar os trabalhadores do Orquídea sobre o que acontece em Moscou e em São Paulo, e com os simpáticos e fugazes clientes que chegam, brindam-lhe o sorriso e algumas palavras, tomam em silêncio o café e desaparecem por dez ou doze semanas. E também com Marta, que por vezes passa de bicicleta pela calçada e abana para ele por trás das vidraças. Ela tem cabelos amarelos e não perde o equilíbrio ao se aproximar do Café Orquídea.

Na pensão Coimbra-Madri, os hóspedes se encontram a cada café da manhã; afinal, não são tantos assim. Entre vinte e cinco e trinta homens e mulheres com poucos vínculos com a cidade, com pouco dinheiro, com poucas alternativas para a moradia. Entre eles, Miguel, Marta e Antonio. Servem-se de leite, café, pão, algum doce, e sentam-se à mesa para comer com pressa (caso dos que saem para trabalhar pela manhã) ou para passar a manteiga numa fatia de bolo como quem desenha um minucioso e infinito mapa (caso dos

que tem as tardes e as noites e os próximos dias sem ocupações definidas). Marta, ao menos por enquanto, pertence ao segundo grupo. Vive num dos quartos altos, no dito sótão, ou pedaço de selva, como aquele último piso é conhecido pelos mais ácidos moradores do lugar, e passa a maior parte do dia no quarto. Está ocupada com a tradução de poemas de Fernando Pessoa para o italiano e voltou há poucos meses para a cidade em que nasceu.

O trabalho de tradução nem sempre acontece com a agilidade que ela espera. Às vezes o céu de Portugal afasta os olhos de Marta dos versos de Bernardo Soares, noutros dias o idioma estrangeiro lhe escapa e a tarde passa veloz, num sopro. A saída é andar de bicicleta pelas ruas de Lisboa, quem sabe parar por uns momentos no Café Orquídea. Mas não em dias de tanto calor, como o de hoje. Os ventiladores de lá não dão conta e a cena em que os garçons estão quase a dormir nos balcões a deprime um tanto. Mais tarde, quem sabe, quando as mesas voltarem a receber os clientes de sempre. Quando Antonio, que a salva do tédio durante tantas vezes, estiver por lá, e estender a conversa pelo menos até o ponto em que a cerveja permanecer gelada no seu casco de plástico. Com Antonio há companheirismo é diálogo; mesmo que ele seja da geração da Revolução dos Cravos e ela da geração do desemprego e da crise europeia.

Por enquanto tenta seguir o trabalho: folheia com vigor o dicionário Zingarelli, reescreve as transposições, busca o mais alto alcance da rigidez. Ainda que a Praça da Figueira, vista desde o alto, com os seus homenzinhos em miniatura, a gruta que se abre na entrada da estação de metrô, pareça às vezes tão mais sedutora do que qualquer literatura... Com o rosto afundado nos poemas, Marta se entregou ao sono sem perceber. Teve os sonhos que se sonha quando o descanso é breve, como imaginar um telefone tocando sem saber se o ruído está no plano real ou no onírico, e que chovia lá fora com força suficiente para molhar as páginas abertas do livro, inviabilizando os próximos passos da tradução. Quando despertou, horas mais tarde, o sol ainda iluminava Lisboa e a Praça da Figueira, e na tela arranhada do telefone não havia sinal algum de que fora procurada no entretempo. Fechou o livro: não há tradução possível com a cabeça tomada pelo sono. Pouco depois já estava caminhando pela praça, ao lado das figuras que há pouco observava desde o seu improvisado pedestal.

Marta caminhou pelo contorno da praça até a Rua dos Sapateiros, na qual dobrou à esquerda. Era um trajeto regido não por uma programação ou por um mapa, mas pela inércia que estas situações de pós-sono acabam por provocar. Quadras depois, viu-se em frente ao Café Orquídea, como se durante todo o tempo estivesse a caminhar conscientemente para lá. Mirava a vidraça por alguns segundos vazios, até o instante em

que Antonio abriu a porta com um sorriso de curiosidade. “Estava a te enxergar daqui de dentro, mas me parece mais confortável te convidar para que sentes. Assim não precisas contemplar um vidro sujo”, ouviu-o dizer. O Orquídea já havia despertado do seu torpor (ao que parece, todos em Lisboa em algum momento se desligam do mundo e só têm olhos para dentro) e esperava o grande movimento diário, o do encerramento dos serviços do Rossio. Logo viriam os carteiros, os funcionários das confeitarias, os tediosos empregados dos estacionamento que multiplicaram nos últimos anos – e então o café precisaria ser passado e servido com outro ritmo, a tempo de que todos tomem os seus goles sem chance de perder o ônibus ou o trem para cada bairro.

“Como estão as tuas traduções? Eu estava lendo no café, hoje cheguei cedo demais. E encontrei no jornal um ensaio sobre o tempo em que Pessoa viveu na Índia. Era a fase mais espiritualizada do poeta. Há quem diga que esteve mergulhado no ocultismo. Sabias disso?”, começou Antonio. Marta havia lido qualquer coisa sobre Fernando Pessoa e a Índia, sobre Goa, o pedaço de país em que a língua portuguesa ainda está vigente, mas disso lembrava pouco. Como que respondendo a uma pergunta que nunca existiu, disse que a tarde passou quase em branco. “Hoje a tradução esbarrou no sono, nas pessoas que caminhavam sob o sol na Praça da Figueira”, ela falou. “A Praça da Figueira”, resgatou ele. “Demorei poucos dias, desde que me mudei para a pensão Coimbra-Madri, para perceber que a Praça da Figueira é quase um exílio de lisboetas dentro de Lisboa. Ali estão os desterrados: os que nasceram aqui (como eu e tu, como Miguel) e que estão nesta cidade sem mais vínculos, sem raízes. Como estrangeiros na sua própria cidade natal.”

“Por que a Praça da Figueira?”, continuou Antonio. “Não sei, talvez sejam os ares do Rossio, não tem tanto a ver com a geografia. Mas é uma teoria infalível. Basta caminhar uns minutos por ali, estar disposto a se demorar num banco. Encontrarás desempregados e homens a perambular, mulheres que tentaram algo melhor em Berlim e voltaram, mas não encontraram o que antes tinham ao retornar. Não é à toa que se manifeste contra a Europa e a *troika* na Praça da Figueira”, empolgava-se. Marta não escondeu um riso breve: na parede do Café Orquídea, muito perto da mesa em que os dois estavam, um cartaz da Juventude Comunista convocava a todos para um ato contra as medidas de austeridade do governo português, contra os cortes de salário e a continuidade no bloco europeu: no pé da folha amarela, a chamada: sábado próximo, às oito horas da noite, na Praça da Figueira. Apontou o cartaz para Antonio, que não pareceu surpreso. Exibiu o sorriso que tirava da manga às vezes, o de experiente frequentador dos espaços da rua. Marta agora perdoaria a si mesma por ter deixado Fernando Pessoa de lado, este homem que então havia se voltado para o

espírito na Índia: encontrara com Antonio ao menos a conversa que a faria preencher a tarde.

Os meios e fins de tarde de Antonio eram ocupados pela permanência nos cafés dos bairros centrais. Mudava frequentemente de mesa, de roda e de conversa, mas ficava por horas nos amplos salões. A maior parte deste período se destinava ao Orquídea desde que ficara sem emprego. Em algum momento, Antonio deixou de procurar trabalho. As filas o desgastavam, as recusas dos patrões mais ainda. Às vezes encontrava algumas jornadas temporárias; foi mensageiro em hotéis, garçom em restaurantes. Mas julgava não ter mais idade para entregar jornais e atravessar as madrugadas atrás de um balcão, por exemplo. Os café davam alguma serenidade para as suas tardes. Ali estavam os companheiros de antes e os amigos que fizeram na nova fase da vida. E eram os lugares onde ainda se discutia a política de Portugal. No fim da tarde, quando deixou a mesa para sentar-se com o senhor Pereira, entregou a página com o artigo sobre Pessoa para Marta.

O expediente teve fim mais cedo do que o previsto e Miguel parecia não ter energias para embarcar no transporte público com o violão e as canções. Não se tratava de cansaço físico, desta vez, mas nem o próprio saberia definir bem o seu desânimo. Chovia fino em Lisboa, e decidiu retornar diretamente para a pensão. Na molhada Praça da Figueira, uns poucos se escondiam dos pingos na boca da estação de metrô. Eram raros os passantes, o céu fechado espantara os turistas. Os hóspedes estavam na sala aberta do térreo da Coimbra-Madri, onde ficavam as mesas para as refeições. Gente que esperava a noite passar e ouvia com pouca atenção as músicas brasileiras que escapavam pelo rádio. O casal que habitava há anos o quarto 403 fazia palavras-cruzadas numa das pontas da mesa, num exercício paciente e lento. Era assim até o anoitecer, quando subiam as escadas para passar a noite no quarto andar. Ao lado, três turistas jovens, talvez da Hungria, cortavam vegetais para preparar um jantar improvisado. Marta lia num canto, Antonio olhava a chuva pela janela e parecia estar em outro lugar.

Miguel abriu a porta de entrada da pensão e pareceu despertar Antonio dos seus pensamentos. “Amigo, amanhã o primeiro-ministro vai fazer um discurso na assembleia e deve anunciar mais umas quantas medidas para acabar com os nossos. Estamos preparando alguma coisa, quem sabe uns gritos. Não sei se queres vir conosco”, disse quando pôde desviar os olhos da chuva. Há tempos tentavam se organizar e Antonio era hábil para fazer do cenário da pensão um exemplo da realidade do país. Porque ali se comprovavam as tristonhas estatísticas: um a cada três adultos não encontra sequer empregos temporários,

um a cada dois jovens não alcança um trabalho que lhe pague o salário-mínimo. Convencidos da crise todos estavam, por acreditar em Antonio ou na própria carteira. Era tão visível que faltava dinheiro e tranquilidade aos portugueses que estavam todos como que monotemáticos; faltavam moedas para almoçar como antes, e durante o reduzido almoço comentavam sobre a crise.

Foi tão breve como poderosa a chuva que desceu sobre Lisboa naquela noite de abril. Limpou as praças e as ruas estreitas, fez nascer ondas estranhas no Tejo. Mas Miguel e Marta esperaram um pouco, a água perdeu força e os dois saíram a passear, desta vez para o lado oposto do Café Orquídea, na direção do Castelo de São Jorge. Era preciso desviar das poças que a tormenta criou em poucos minutos, e portanto andavam num passo torto, sempre interrompido. Miguel teve de explicar que não foi cantar para os passageiros da linha vermelha do metrô porque estava cansado, sem saber exatamente do quê. Marta não escondeu que seus poemas ficaram todos pela metade, que os dias andavam tão enevoados que por vezes nem os versos de Pessoa iluminavam. “Penso em ir embora por uns tempos”, ela pôde dizer.

Viajar custava algum dinheiro, mas viver em Portugal também, e até hoje não há editores que pagam por versos que ficam pela metade ou que apenas começam ou que terminam molhados por uma chuva (de sonho) que entra pela janela da pensão Coimbra-Madri e estraga as últimas páginas, ela dizia. Miguel achou graça dos editores com que sonhava Marta e admirou um pouco mais o seu trabalho no café, já que não dependia tanto assim de dicionários ou de inspirações, bastava estar com o corpo sadio e a mente mais ou menos tranquila para servir o café com normalidade, pegar a cerveja gelada que estava esperando pelo senhor Pereira, anunciar na cozinha que era preciso preparar dois omeletes para logo, que os forasteiros que chegaram estavam com fome e com os guardanapos já grudados no pescoço. Ele sabia que para Marta não servia o trabalho no café; ela era mais difícil que ele, e ele entendia que nem para todo mundo era tarefa simples subir num bonde e cantar uns versos de “O barco vai de saída” e convencer os passageiros de que merecia uns trocados para terminar a música. Mas sobre isso de Marta partir para longe, ainda que só por uns tempos, não conseguia disfarçar a tristeza.

O dia do ato era um 25 de abril, como foi num 25 de abril de décadas atrás que Portugal despertou com flores nas ruas e teve fim o sono salazarista de quarenta anos, mas mesmo essas recordações pareciam escapar neste tempo de esquecimentos. O primeiro-ministro começava na assembleia um burocrático monólogo, pedia paciência para a Europa, mas não para os portugueses, quando desceu pelas galerias lotadas de gente o coro forte de

“Grândola, Vila Morena”, a canção que havia embalado a revolta dos cravos. Das caixas de som do parlamento, pediu-se silêncio e respeito aos representantes, mas as vozes passaram por cima também dos avisos e cantou-se a canção toda, os seus vinte e quatro versos, com maior fervor quando era o instante de cantar “o povo é quem mais ordena”. Antonio estava orgulhoso da mobilização que levaram adiante e não disfarçava, em pé numa das primeiras fileiras. Miguel se encontrava mais atrás, temendo ser filmado e visto na televisão pelos proprietários do Café Orquídea; Marta mostrava um brilho nos olhos e esquecia por algumas horas a ideia da viagem.

2.8 Ruas de dezembro

Em algumas cidades do interior, quando se observa o ângulo de uma rua que sobe, quase todas as vezes uma ladeira formada por paralelepípedos, o que se vê no topo desta rua é o fim da cidade. Enxerga-se o céu, se a inclinação for de fato grande, ou o campo, paisagem que demonstra o limite do concreto, metros adiante. Em cidades muito pequenas, localidades limitadas a poucas quadras residenciais no centro e subúrbios discretos, essas visões podem surgir mesmo na praça principal, desde que haja suficiente relevo para o efeito acontecer.

Mas não é assim nesta cidade, ao menos não costuma acontecer desta maneira. Por aqui, quatro ou cinco bairros populosos preenchem toda a área central, e a periferia não é feita de planícies verdes, mas de prédios velhos e altos, de casas que se acotovelam umas nas outras e se parecem com uma casa só, larga e comprida, e não mais com uma sequência disforme de moradias, como de fato se constitui. Resta ver o céu, tela azul que nos surpreende no topo de alguma subida, quando a cidade se encontra num estado de modorra ou de quietude e as proporções quase que se modificam.

Vinte e quatro de dezembro, seis e meia da manhã: é véspera de natal, mas ele caminha (caminha com frio, o vento do amanhecer o atacou desprevenido, com pouca roupa a proteger o corpo magro) com a expressão de quem ignora por completo a situação do calendário. Volta para casa, precisa voltar para casa, a companhia da madrugada, das últimas várias madrugadas, madrugadas de sonho, ele diria, viajou no primeiro ônibus da manhã, minutos antes. Caminha com certa imprecisão; o frio faz com que tente se movimentar depressa, mas o sono o atrapalha, desequilibra um pouco as suas pernas. O passo sai torto, ele oscila pelas calçadas. De longe, poderia ser confundido com um bêbado que ruma sem destino e ainda não encontrou nenhum lugar para deitar os braços e então anda, anda indefinidamente pela calçada.

Ele dormiu por apenas três horas. Das três da manhã até o instante em que precisa, às pressas, juntar os dois livros do chão, vestir-se, ajudá-la com as malas e descer as escadas, do quarto andar até o térreo. Faz isso em pouquíssimos minutos e ainda se concede o excesso de lavar o rosto e escovar os dentes, de se aquecer num abraço longo. O resto de uma garrafa de vinho (cabernet sauvignon uruguaio, treze reais no mercado da Avenida) e duas taças ficam pelo quarto, e por lá terão de esperar durante vários dias até que alguém abra a porta e retire a garrafa e as taças para a pia da cozinha.

O ritmo da cidade ainda é lento; caminha cedo demais e ainda falta tempo para o comércio abrir, para os carros se encherem de gente. Trata-se, também, de um dia atípico, mas

ele não sabe ao certo se no vinte e quatro de dezembro há maior agitação ou se as pessoas dormem até mais tarde, num descanso de feriado que se antecipa. Vê os primeiros movimentos, o espreguiçar-se de uma cidade sonolenta. Faxineiras varrem o chão da relojoaria, chegam os primeiros empregados na farmácia e se esforçam para descer as grades de ferro. Sob a marquise de um hotel, fuma e examina o rosto dos raros passantes um homem de roupas escuras e traços de quem veio de longe, talvez imaginando-se invisível em meio à fumaça do cigarro.

Na altura de uma esquina, algumas quadras adiante, a visão, o fenômeno óptico dos ângulos e das ladeiras, o alcança. Vai atravessar a rua, olha para os dois lados para evitar o possível encontro com um carro que chega em alta velocidade e oferece perigo, mas não se depara com automóvel algum: se depara com o céu, e aquele céu atordoado. Um céu ainda borrado, fruto cansado da batalha entre noite e dia, de um roxo que vai se tornando cada vez mais azul, espera (melhor seria dizer *descansa*, pois parece exausto) no alto de uma rua de paralelepípedos.

Para lá, para onde enxerga, a cidade é baixa, não crescem prédios e não aparecem os parques, não há nem mesmo uma torre de igreja a cortar a visão. O céu assume a profundidade do ângulo e indica que ali, espaços depois, termina uma parte desta cidade. Ele segue caminhando, precisa andar por mais quinze ou vinte minutos para chegar em casa e então dormir um pouco mais. Acordará por volta do meio-dia, com o telefone que toca, e na ligação simulará a voz de quem despertou cedo para ler um romance de Juan José Saer e tomar mate na sacada, enquanto a luz do dia se acomoda acima de todos aqueles lugares.

2.9 Acevedo, poeta

Acevedo frequenta a padaria todos os dias, quase sempre no mesmo horário, depois de almoçar qualquer coisa que encontra na prateleira do apartamento; cebolas que sobraram de uma janta, alguma carne que ainda está em condições de servir de alimento e sopa pronta quando é inverno, o que não se aplica neste caso, visto que estamos em janeiro e na cidade de Porto Alegre. A padaria é ponto obrigatório na passagem, na caminhada que se desliza, preguiçosa e um tanto a esmo pelos bairros centrais, menos pelo gosto do que é preparado ali do que pelo preço do café e dos salgados. É um dos raros lugares do Centro em que o café passado é servido a um real, e ainda pode ser acompanhado por um salgado de frango (dois reais), por um pastel de carne (um e cinquenta) ou por um quibe apimentado (dois e cinquenta). Apesar do calor, do sol forte que afugenta os pedestres dos caminhos iluminados, ele mantém na cabeça, mesmo no ambiente abafado da padaria, o chapéu preto e de tecido pouco fresco. Procura, sempre que possível, uma mesa distante da rua e prefere a que é colocada ao lado da prateleira das revistas e dos jornais, onde repousam exemplares, por vezes já vencidos, de dias atrás, do Correio do Povo e do Diário Gaúcho. Jornais que Acevedo não lê: aliás, não lê as notícias da sua cidade, como tampouco assiste à televisão, há muito tempo, e não sente a mínima falta desta espécie de informação.

A padaria abre de segunda-feira a sábado e recebe o poeta Acevedo sempre que está em funcionamento. Normalmente por poucos minutos, menos de meia-hora, tempo suficiente para que se tome o café passado sem pressa e sem os riscos de se queimar a língua, e de se ingerir o salgado ou o pastel sem que as mordidas pareçam desmedidas ou ansiosas. Acevedo não tem razões para deixar o local esbaforido, palavra que alguns clientes do lugar utilizam no dia a dia e que Acevedo escuta e registra. Quando toma o café preto, a verdade é que ainda se encontra num estágio lento da percepção, próximo da letargia, e não há mistérios nesta condição, para além do calor próximo dos trinta graus que é costumeiro das primeiras horas da tarde nos meses do verão: ocorre que Acevedo acorda tarde, bastante tarde, e que almoça com a sonolência ainda presente no corpo, nos movimentos lentos, nas ideias ainda incipientes, no ânimo difuso para as tarefas práticas do dia que começa. Naquele dia, uma terça-feira de janeiro, havia deixado a cama, os lençóis molhados de suor, depois que o relógio da sala havia apontado meio-dia; despertou cansado, fruto repetido das noites mal dormidas, e chegou à padaria depois de esquentar uma panela da véspera, mistura de arroz com legumes, e comer o produto improvisado, que não passou de uma temperatura morna. A

insônia aparece com frequência; é mais presente em sua vida que a visita dos amigos e a inspiração que pode render versos para publicações.

Esgotada a xícara de café, Acevedo então deixa o dinheiro no caixa, que a senhora magra e curiosa recolhe, ela que se perguntou tanto sobre as origens e as ocupações daquele sujeito e que só descobriu algo depois de interrogar outros frequentadores do lugar, visto que não encontrou coragem para questionar diretamente Acevedo. O poeta, depois de pagar a conta, sai para a calçada da rua Lima e Silva, no ponto em que a rua ainda pertence ao Centro, e não a Cidade Baixa, onde a rua ganhará fama, para a caminhada tão necessária para pôr a tarde em movimento. Sabe, há anos ele sabe muito bem disso, que a insônia, e conseqüentemente os horários que a insônia impõe à sua rotina, acabam por dificultar o seu rendimento, atrapalhar aquelas que poderiam ser horas frutíferas de trabalho e estudo, de planos construídos para um novo livro, ou mesmo para desenvolver uma nova forma de encontrar dinheiro e facilitar as coisas, e que se revelam na prática horas um tanto perdidas, rarefeitas num tempo que corre depressa e deixa as aspirações para trás. A insônia modifica o tempo, absorve um tanto do seu dia. Faz com que já acorde cansado, que perca as forças com enorme velocidade, e ainda assim não encontrou uma saída, um método que funcione e faça com que durma pouco depois de apagar a luz e se deitar na cama de madeira que o também poeta Gonçalves, seu amigo desde a época em que bebiam vinho argentino lado a lado num bar de uma cidade fronteira, próximo à estação rodoviária, arranhou para ele no outono passado.

Acevedo enxerga uma farmácia logo após cruzar a avenida Perimetral, avenida que não existia quando pisou em Porto Alegre pela primeira vez, há décadas, numa visita rápida a um tio que morava nas imediações da avenida Farrapos e que trabalhava nos galpões da antiga zona industrial, ainda que, a bem da verdade, aquela não parecesse Porto Alegre, ao menos não a Porto Alegre de agora, cidades que, de tão distintas, parecem duas localidades fincadas em regiões muito distantes do mapa. Pensa que a mulher que o atende no lugar é bonita, pergunta o preço do remédio para a dor de cabeça (outra das conseqüências da insônia, tão corriqueira que já beira o costume, e por isso o angustia menos), tateia os bolsos em busca de moedas suficientes para a compra e sai para a rua com um lamento visível no rosto que, ao menos naquela hora, é um tanto sombrio. Lamenta ter gastado tanto dinheiro nos primeiros passos da tarde, já que havia deixado algumas notas, pequenas, é certo, na padaria, e agora são as moedas que ficam na gaveta da farmácia. A compra, Acevedo sabe, é imprescindível para seguir adiante: se bem a dor de cabeça aparece quase todos os dias, tão pontual como os programas que ainda escuta na Rádio Guaíba (Acevedo se pergunta se mais alguém ainda

lamenta o fim da Guaíba FM, emissora secundária da mesma rede e que, durante toda a programação, veiculava músicas instrumentais, de outra época), o remédio impede que ela permaneça atordoando o seu corpo até a chegada da noite, quando o calor enfim aceita a trégua e as pontadas no crânio aliviam em intensidade.

Cumpridos os rituais do almoço, do café e da farmácia, chega o instante que Acevedo se habituou a chamar, num nítido exagero verbal, ainda que com algum acerto pragmático, de encruzilhada: é o momento em que decide para onde, para qual direção, orientará os seus pés, pés protegidos por um par de sapatos pretos e bem-apresentados, tão quentes, inclusive, como o chapéu que mantém sobre a cabeça mesmo nos dias em que Porto Alegre parece amaldiçoar os seus habitantes com o sol. São poucas as escolhas de roteiro para a caminhada que sucede o café; Acevedo, via de regra, se demora alguns segundos entre quatro ou cinco trajetos possíveis, caminhos que intercala na sua rotina para não deixar que a repetição acabe por exauri-los, por transformá-los, também eles, em uma tarefa cansativa e monótona. Pode mudar bruscamente o sentido dos passos quase inconscientes de agora, por exemplo, e retornar ao Centro, ao coração do Centro, e percorrer as ruas próximas ao Mercado Público, costear o muro da avenida Mauá e quem sabe, se houver energia, dirigir-se até a Usina do Gasômetro; ou, num périplo alternativo, perseguir o mesmo destino, as chaminés que um dia geraram energia para esta cidade, mas alcançá-lo de maneira distinta – para tanto, também rumaria em direção ao Centro, mas o trajeto se daria todo, do início ao fim, pela rua Duque de Caxias, rua margeada por árvores e portanto por sombra, e por casas baixas que o agradam; também cogita, com menor vontade, não virar o passo na calçada da farmácia, mas seguir em frente, para a Cidade Baixa, gastar a sola dos sapatos negros no bairro boêmio, ainda que seja dia, e então prolongar a caminhada para o Menino Deus, este bairro que sempre reserva a imagem de velinhos tomando mate na calçada e gatos vadios a se esconder do sol forte debaixo dos carros estacionados na rua Marcílio Dias ou na Barão do Triunfo.

Escolhe o caminho da Duque de Caxias, e sabe que esta caminhada ele já realizou dezenas de vezes, nas mais variadas situações do seu humor: atravessou as quadras com versos florescendo na cabeça, a encontrar rimas enquanto a cidade descia na direção do rio, assim como caminhou por ali para espantar tristezas que doíam com força e pareciam não se desgrudar no peito. Lembra uma vez, numa tarde que encontra semelhança na temperatura, mesmo que o ano já estivesse mais avançado, pois era, digamos, maio, e poderia mesmo ser, visto que a maio creditam o famigerado veranico, andava pela rua Duque de Caxias, em direção ao Guaíba, quando se deparou, tal como se é surpreendido por uma assombração na madrugada, com uma mulher que não via desde que havia deixado em definitivo a fronteira,

uma mulher com quem se entregara com alguma paixão e muita irresponsabilidade pouco depois da experiência celibatária no internato católico da cidade. Encontrou-a ali, no meio caminho entre a Praça da Matriz e as águas do rio, à primeira vista tão perdida como ele, que, para os demais, nunca caminha com algum objetivo específico, anda por andar, como dizem por aí nos bares. Conversaram, naquela tarde de sol, por pouquíssimos minutos; nada mais sabiam um sobre a vida do outro, ela desconhecia o seu ofício de poeta, ele ignorava as pretensões da moça do interior numa rua do Centro de Porto Alegre. Recordou essa história, não mais do que uma anedota imprevisível como tantas que a memória, arredia e independente, nos traz à mente, e de imediato lamentou ter pensado nisso; lamentou porque, enquanto recordava, caminhou sem dar qualquer atenção à paisagem, e sem notar já havia descido seis, sete quadras, e já se enxergava com alguma clareza as águas esverdeadas e sujas do Guaíba. Era muito cedo para estar ali, caminhara rápido demais. O que fazer com o resto da tarde, ainda tão longo no horizonte? Acevedo, sem alternativa, teve de sentar numa dessas mesas de plástico, repletas de propaganda de cerveja, normalmente mesas vermelhas ou amarelas, mesas de cores vibrantes, e pedir uma cerveja (uma cerveja barata, das comuns, que ainda saem por seis reais, e pode-se apostar que Acevedo escolheu uma Brahma) para que assim o tempo passe um pouco mais depressa.

O ar da madrugada não se movia e as partículas paradas, todas elas quentes, pareciam impregnar a totalidade do quarto. Arranjado às pressas na última semana, o ventilador, impotente objeto a girar no chão, não dava conta do abafamento nem se aproximado ao máximo das pernas de Acevedo. No teto, parte da fauna de Porto Alegre se debatia: mariposas, mosquitos, duas ou três aranhas. Mais abaixo, formigas caminhavam atrás de migalhas e restos de comida, e sem dúvida alguma barata se movia, às escondidas, entre os móveis da cozinha. O verão atrai os bichos, o verão é um ímã mais do que potente para a insônia fixar as suas patas e não largar as noites de Acevedo. Já passava das duas da madrugada e o sono, mais uma vez, permanecia distante, fluindo desorganizadamente por recordações antigas (o cavalo que um tio lhe mostrara, certa vez, nos campos da família, em São Borja) por compromissos burocráticos do dia seguinte (descobrir se pode adiar um pouco mais o pagamento da conta de luz de dezembro), por visões estranhas, que acredita se tratar do pórtico de um sonho que chega, visões que não se concretizam, e que permanecem, estranhas, no contexto da vigília. Quando a insônia chega e se estabelece com autoridade, a

solução mais lúcida é aceitá-la com resignação e espantar o desespero que pode tornar a noite uma tragédia lenta e que se estende até a manhã seguinte, para se desgrudar na direção do sono não quando fizer a maior força possível para tanto, mas quando a insônia, senhora das circunstâncias e das madrugadas, desistir daquele corpo e rumar, possivelmente pela janela, para outro aposento decadente dos bairros centrais da cidade.

Naquela noite, às voltas com o ventilador insuficiente, com o ruído enlouquecedor dos mosquitos, com os besouros que, embora não enxergasse ou ouvisse, pressentia caminhar ao redor do travesseiro, Acevedo lembrou, depois de muitos meses, os versos de um poema que se tornou canção, versos que o acalmam, quase provocam orgulho, e então, como num movimento mágico, lançam-no ao sono. Acevedo escreveu três ou quatro linhas num pedaço de papel antes de largar a caneta de tinta azul em cima da caixa de papelão que acomodou ao lado da cama e enfim adormecer. Acevedo escreveu, ao longo de quase trinta anos de literatura, centenas de versos como estes. Alguns mais inspirados, muitos visivelmente piores, mas, ainda assim, fiéis a um tema (os amores perdidos, as cidades e o imaginário da fronteira, as pontes e os rios) e a um estilo. Foi o suficiente para encher uns quantos livros de poesia, para ser incluído em um par de antologias regionais, ganhar dois prêmios municipais, viajar para feiras do livro do interior, ministrar algumas palestras em escolas e em bibliotecas, ser lembrado, ou ao menos citado, por alguns pesquisadores da Literatura e criticado por articulistas de jornais, mas não foi, nem de longe, o suficiente para ganhar dinheiro. O dinheiro, e melhor seria dizer a falta dele, o atordoia possivelmente mais do que a insônia, mais do que a dor de cabeça, mais do que os trajetos que o tempo livre das tardes o obriga a repetir; quem sabe mais do que os mosquitos e o calor, mais do que o besouro e as formigas. Poderia dizer, ampliando o raciocínio e sem flertar com o exagero, que é também o dinheiro a causa dos animais que o visitam nas madrugadas e das noites atravessadas em claro.

Os que mantivemos alguma proximidade com Acevedo podemos dizer, não sei bem se com alívio ou com tristeza, que a situação financeira já foi pior e mais constrangedora. Acevedo viveu por quatro ou cinco anos num apartamento do bairro Partenon, talvez o mais cinza dos bairros de Porto Alegre, num estado que despertava a compaixão mesmo de desconhecidos. Comia uma refeição por dia, por volta das três horas da tarde, e depois mantinha alguma energia no corpo com pedaços de pão e um pouco de leite. Estava inteiramente sem recursos e dependia da caridade de amigos, que lhe destinavam móveis, doações em dinheiro, roupas para o frio e carinhosas cartas. Mas mesmo os amigos mais pacientes têm períodos de distância e de esquecimento, e nestas épocas Acevedo se via a sós com seus fantasmas, as lembranças da fronteira e uma poesia escrita num compasso frenético

e, a partir deste momento, despreocupada com a qualidade e o cuidado dos versos. Eram sonetos apaixonados, com um quê de enfermidade, por vezes com rimas muito fracas e noutras com falhas no que diz respeito à norma culta que, há alguns anos, não poderiam, jamais, serem creditadas à caneta de Acevedo. Estava de certo modo contaminado por aquele ambiente tão pouco propenso à poesia. O Partenon de hoje é feito de supermercados genéricos, de farmácias de prateleiras lacunares, ferragens oxidadas, galpões de oficinas mecânicas, praças desprovidas de árvores e contentes com seus paupérrimos arbustos. Em outra época, e o detalhe não pode ser mencionado sem ironia, o bairro mantinha ambições distintas: chegou a sediar encontros de poetas e intelectuais que, pouco depois, formariam a Sociedade Partenon Literário. Por aquelas quadras, que nunca mais visitei desde a mudança de Acevedo, não se nota qualquer sinal destes versos, dos tempos de um Partenon sensível às letras; devem ter se perdido em meio à fumaça dos ônibus que transitam sem parar, dia e noite, madrugada adentro, pelo concreto tristonho da avenida Bento Gonçalves.

Alguma dignidade se aproximou de Acevedo quando alguns poetas, em parte companheiros da fronteira oeste e outros que conhecera na etapa de Porto Alegre, escreveram para pessoas de algum trânsito e importância no meio político e cultural. Assinaram em conjunto uma carta entre séria e emotiva, que descrevia sem pudor a situação de pobreza vivida por Acevedo, sem deixar de lembrar a contribuição literária já levada adiante por ele; fragmentos dos seus melhores poemas apareciam no documento, bem como os certificados dos seus prêmios e as provas de que seguia trabalhando, de que escrevia quase que diariamente, em meio ao pó do bairro Partenon e às dificuldades da vida prática. A resposta levou semanas para chegar e, ao final, agradou aos que se mobilizaram: um veterano diretor de teatro agendou para Acevedo algumas palestras em escolas da Região Metropolitana, em troca de um dinheiro fixo. Desde então, foi possível estabelecer uma lenta transformação: umas poucas roupas novas no armário, cédulas suficientes para almoço e janta, a mudança do Partenon para o Centro da cidade, justamente para o apartamento que abriga os insetos e os animais complicados de se identificar, mas que se parece quase que com um palácio em comparação com o teto que Acevedo habitava anteriormente. Acevedo cumpriu, um a um, os compromissos que assumiu. Esteve em todas as escolas, comentou os seus livros, discorreu sobre os poetas gaúchos que admirava. Notou, em dois ou três alunos, um brilho nos olhos que nalgum momento da vida poderá significar a atração pela poesia. Libertou-se do bairro gris e desde então passou a caminhar outra vez pelo Centro, muitas tardes em direção ao rio, pela rua Duque de Caxias, e a guardar algum dinheiro na carteira para a cerveja, para o quibe apimentado da padaria que frequenta em todos os inícios de tarde.

É uma tarde de quinta-feira, tarde fresca quando levamos em conta as imposições do verão, e o céu parece a Acevedo pesado demais para impedir a chegada da chuva. A chuva virá da fronteira com a Argentina ou com o Uruguai?, se pergunta o poeta enquanto espera o café com leite (desta vez, excepcionalmente, pediu com leite; talvez se sentisse um pouco fraco na ocasião) na padaria de todas as tardes. Lá na fronteira, pensa, as pessoas distinguem com maior clareza os indícios de chuva e os anúncios de temporal. Na fronteira as pessoas prestam mais atenção no céu. Deve ser porque em Porto Alegre o céu está tapado por boa parte dos prédios, de modo que o olhar não alcança, ao menos não com plenitude, o estado das nuvens e o que elas querem dizer aos humanos que caminham torpemente aqui embaixo. O café demora um pouco mais do que o habitual para ser servido; a padaria recebe, observa rapidamente, um número maior de clientes nesta quinta-feira. Alguns almoçam ali, é oferecido um prato-feito que varia durante a semana e que neste dia se anuncia como bife à milanesa, arroz, feijão, legumes, salada de alface e tomate. O prato custa nove reais e as pessoas parecem satisfeitas com o que comem, percebe Acevedo pela expressão facial dos que ocupam as mesas próximas ao revisteiro. Como precisa esperar pelo pedido, decide examinar as edições. Há exemplares do Diário Gaúcho e do Correio do Povo, e uma revista Veja aparentemente rasgada nos cantos. Escolhe o Correio, talvez por tradição: é o jornal que a sua família sempre comprou e, se não se engana, já foi objeto de assinatura por parte do seu pai. Mas tudo isso é distante demais de Porto Alegre, de janeiro, deste verão, do Acevedo que folheia as páginas do jornal e parece um tanto incrédulo com as manchetes. A pré-temporada do Grêmio na Serra Gaúcha. Um atentado na França. Protestos contra a população muçulmana em Paris. Corte de gastos públicos a mando do novo governador. O café chega a tempo, salva-o daquelas páginas desinteressantes. Toma em silêncio e recorda que, há duas noites, havia lembrado os versos de um poema que foi convertido em canção. Escreve no guardanapo, para ver se consegue recompor de maneira literal a continuação. Não tem certeza se não trocou a ordem do segundo e do terceiro verso.

Acevedo está outra vez como a boiar pelas ruas; flanando, como diriam os franceses, os melhores do mundo para ressignificar a vulgaridade do cotidiano. Acevedo pensa nos seus pares; não nos amigos de Porto Alegre, mas em todos os poetas solitários e pobres do mundo. Pensa nos poetas catalães, que devem passar as tardes a andar pelas estações de metrô, aproveitando ao máximo as viagens que um único bilhete possibilita, e sempre ocupados com

aquele idioma selvagem, algo agressivo, rebelde como os próprios habitantes que o manejam. Pensa nos poetas pobres e solitários da Inglaterra, mas como nunca observou com atenção um mapa da geografia de Londres a imagem é demasiado vaga e não se completa. Pensa nos poetas argentinos e estes sim consegue antever, um pouco mais parecidos com ele, sentados num banco de madeira da Plaza de Mayo, dentro de um trem com destino a La Plata, buscando descontos impossíveis nos mercados chineses do bairro de Almagro. Pensa que Buenos Aires é uma cidade interessante para se andar e se escrever, para os que têm muito tempo livre e pouco dinheiro. Mas ele não pode deixar Porto Alegre, depende da pensão e dos serviços públicos do sul do Brasil. Acevedo pensa no que aspiram estes poetas todos, os pobres e solitários poetas do mundo. Alguns certamente desejam prestígio e dinheiro, alguma poltrona nas academias internacionais, prêmios e publicações mil. Acevedo já desejou tudo isso também, e de maneira certamente ingênua. Mas hoje pensa de forma distinta. Hoje, se pudesse escolher um destino, algo que compensasse a vida dura que levou e que, ao mesmo tempo, significasse reconhecimento e honra, escolheria uma placa: uma placa com seu nome na ponte que liga São Borja a Santo Tomé, a Puente de la Integración, como a nomearam quando da inauguração e que reaparece de tanto em tanto na sua memória. Poderia ser, pensa, uma plaquinha pequena, de fundo verde e letras em cor negra, visível para os carros que passam, com a breve inscrição: “aqui nasceu e escreveu T. de Acevedo, poeta”.

2.10 Mapa da província

“Vio casas de ladrillo sin revocar, esquinadas y largas, infinitamente mirando pasar los trenes; vio jinetes en los terrosos caminos; vio zanjas y lagunas y hacienda; vio largas nubes luminosas que parecían de mármol, y todas estas cosas eran casuales, como sueños de la llanura.”
(Borges, El Sur).

Veio de longe, ou ao menos assim pareceu no momento, o ruído responsável para que saísse do sono e despertasse de golpe. Era um som distante o suficiente para provocar a imprecisão da sua origem: poderia ser o apito agudo de um trem que chegava ou saía de Constitución ou o barulho do motor de um dos tantos ônibus que cruzavam, dia e noite, pela avenida. Cogitou até mesmo ter vindo do porto, como o alerta de um barco prestes a atracar no sul da cidade, mas este dificilmente teria força suficiente para chegar, em meio a tantos outros sons, até ali. O fato é que acordou confuso e tateou ao redor da cama de hotel para buscar alguma orientação. E percebeu, ao olhar pela janela, que ainda entrava no quarto alguma luz natural, resquício do dia que caía. Então adormecera à tarde, e ainda havia uma noite inteira por viver.

Na penumbra, tratou de escapar dos lençóis, de enxergar onde estavam as suas poucas coisas. A luz fraca do entardecer sempre o incomodou e mais ainda em situações como esta: quando o sono confunde o pensamento e por breves momentos mesmo as informações mais simples parecem inexatas: onde está, que horas são, o que acontecia no instante em que foi derrubado pelo cansaço e perdeu a tarde na cama. O movimento ininterrupto no corredor do terceiro andar acentuava esta sensação; alguns hóspedes conversavam em voz alta, imigrantes que passavam apenas uma ou duas noites por ali, quem sabe representantes comerciais de minúsculas empresas, ou gente à procura de um trabalho temporário nesta cidade. Para eles, possivelmente bolivianos, o tempo passa entre palavras compartilhadas com o recepcionista e alguma xícara de café. Não fosse as conversas do fim de tarde, seriam como fantasmas errantes a rodar pelo sobrado da rua Humberto Primo.

A água da torneira jogada no rosto, na barba por fazer e nos olhos ainda adormecidos foi o primeiro passo para voltar à vigília. Ao acender o interruptor, tranquilizou-se: a desordem era pouca, dormira sem bagunçar as roupas que se acomodavam numa ordem particular ao redor da mala. A calefação estava ligada e, controlada por um mecanismo central, desde a recepção, distribuía pelos apartamentos um ar morno que amenizava o frio de

agosto. A televisão alertou-o, através de um relógio colocado num dos cantos da tela, que eram seis e trinta e cinco da tarde. O termômetro televisivo, disposto ao lado do relógio, marcava onze graus. Buscou os óculos em cima da mesa de madeira e enxergou o isqueiro azul, visão capaz de confundir-lo um tanto mais num fim de tarde que parecia pouco propício para a comodidade e a precisão.

Estava na cidade há vinte dias. A viagem estava prevista para durar uma semana e se prolongava de modo inevitável. O mesmo se passava com o dinheiro: havia se preparado para gastar pouco e há dias a carteira esvaziava de maneira perigosa. Com o hotel, não encontrou problemas. O turismo de inverno decepcionava, e de qualquer maneira os visitantes estrangeiros costumavam procurar outras ruas, outros bairros, outros hotéis. Os que paravam por ali e batiam com o nó dos dedos na porta de vidro da entrada estavam, na maior parte das vezes, perdidos e atrás de informações, de modo que o quarto permanecia disponível indefinidamente. Não era sua primeira vez no lugar, o que causava uma sensação ambígua: se não corria os riscos que padecem os visitantes de primeira viagem, como o de se ver em regiões perigosas de maneira inesperada ou de ser enganado no câmbio sempre flutuante, também não podia contar com o deslumbramento das estreias, do que é inaugural e portanto sempre fresco. A Avenida de Mayo encantava, sim, mas era um encanto conhecido, e o mesmo poderia dizer dos bosques de Palermo ou dos paralelepípedos de San Telmo.

O primeiro contato com a cidade se deu na infância. Por três ou quatro vezes, sempre durante as férias de inverno, embarcavam os cinco membros da família e, três horas depois, já estavam preocupados com a aterrissagem em Ezeiza. A viagem previa sempre o mesmo objetivo: visitar o padrinho, que também era seu tio e que havia se acomodado por lá depois de se envolver em algum negócio ligado a roupas de grife e vinhos finos. Nestas viagens, caminhavam pelos mesmos lugares, os mesmos bairros, e foi assim que algumas regiões da cidade ficaram gravadas como que num mapa mental. Decorou o número e o itinerário de algumas linhas de ônibus, e com o tempo descobriu o que havia entre um e outro ponto conhecidos, o que vem a ser o resto, os bairros e avenidas faltantes, de uma das maiores cidades do continente.

Três semanas antes, quando desembarcou pela última vez no aeroporto de Ezeiza, manta no pescoço e La Nación nas mãos, as expectativas eram outras, em comparação com aquele tempo já distante. Havia um concerto marcado para Lanús, quatro dias depois outro concerto marcado para La Plata, e assim poderia se despedir outra vez da cidade, tão logo recebesse o dinheiro que combinara com um dos produtores do lugar. Estava a trabalho, tinha

compromissos pontuais e logo precisaria estar de volta. E teria sido assim, logo abandonaria novamente aquela cidade sempre relacionada, para ele, ao que é efêmero, ao que logo desvanece, se as circunstâncias não houvessem dilatado tanto o tempo e ele fosse obrigado a permanecer. Foi assim que o sono se desorganizou e o despertar, numa das vezes, se deu no final da tarde, quando os corredores do hotel anunciavam uma noite que acabava de começar.

Entre um compromisso e outro, e eram tão poucos e difusos os compromissos naquela viagem, tratava de caminhar pela cidade. Por vezes, todo o percurso era feito a pé. Deixava o hotel e caminhava primeiro pelas quadras do bairro, depois atravessava a autopista, para então vencer as fronteiras internas do lugar e deparar-se com as mudanças na arquitetura, na estrutura das casas, no rosto dos habitantes. Caminhava por quarenta, cinquenta minutos sem parar, e logo já era a hora de descansar as pernas nalgum café, se havia pela volta, e quase sempre há um café a esperar o caminhante naquela cidade, e se não houvesse bastava mesmo um banco de praça, uma elevação na calçada. Era o formato de passeio mais exigente, e não só pelo que havia de esforço nos pés. O vento na rua era não menos que cortante e a manta e a boina já pareciam artifícios inúteis contra o frio que bagunçava cabelos e machucava os lábios.

Quando o ar gelado vencida a batalha interna, travada sempre na escadaria do hotel, em direção à porta de entrada, o caminho escolhido era percorrido por baixo do solo, através do metrô. A caminhada, desta maneira, se resumia às pontas do passeio: até a estação localizada na avenida e, meia hora e dez estações depois, quando era o momento de subir os degraus que o levariam outra vez à superfície. Na linha D, identificada pela cor verde, embarcava na 9 de Julio e passava por Tribunales, Callao, Facultad de Medicina, Pueyrredón, Agüero, Bulnes, Scalabrini Ortiz (neste momento já se sentia algo enjoado, com vontade de descer), Plaza Italia e por fim Palermo. Descia na estação Palermo não por acaso, ainda que o acaso possa ser, muitas vezes, a única bússola possível para o viajante perdido, mas porque era por ali que caminhava vinte anos antes, nos tempos em que os parques do bairro pareciam florestas e o barulho dos trens o prenúncio de um terremoto. Caminhava por Palermo guiado pelo tio que havia escolhido o bairro para viver e às vezes de mãos dadas com a irmã, se a lembrança não se perde nas tantas folhinhas de calendário que ficaram para trás.

Em vinte anos, a cidade se transformou sem chance de retorno. Há imigrantes por todos os lados, alguns oriundos de países que antes não saberia sequer indicar no mapa, mais prédios do que casas em muitas das suas zonas, há menos cinemas e mais carros nas ruas, um shopping para cada oito quarteirões, a pobreza é visível e desafiadora e as crises que passaram

por ali, e não foram poucas em vinte anos, deixaram marcas nas calçadas e nos muros. Nos bosques de Palermo, no entanto, percebia algo diferente. O Jardim Japonês seguia ali, com suas pontes de madeira e seus lagos de carpas bem alimentadas, no lugar de sempre. O Roseiral permanecia intacto e suas flores seguiam exalando um perfume que beirava o erótico, e que o ar frio do inverno espalhava por todo o parque. As mulheres que corriam para manter a forma física se pareciam, de algum modo, com as de antes, e o mesmo parecia valer para as placas que indicavam as distâncias e as esquinas de Palermo. Ali, nem tudo havia se modificado com o mesmo ímpeto, e esta conservação, real ou não, tinha o poder de confortá-lo durante o passeio.

Quanto a Lanús, cidade localizada imediatamente ao sul de onde estava, não sabia dizer se havia mudado ou não. Antes daquela noite de quarta-feira, nunca havia pisado por lá. Entrou no Teatro Municipal quando o dia nublado se modificava, nas suas últimas luzes, para encontrar uma noite fechada. Os demais músicos se organizavam no palco, afinavam os instrumentos, espalhavam sons. As luzes eram acesas nas bilheterias, o letreiro da parte externa também se iluminava. Ele era o único estrangeiro, havia sido convidado há pouco mais de um mês. O combinado apontava que era preciso procurar uma mulher chamada Alicia, mas não havia ninguém com este nome por ali. Ainda assim, alguém havia anotado o nome dele, sabiam que fazia parte do concerto. Havia o seu violão e outros dois à disposição.

Cinquenta cadeiras, não mais do que isso, estavam ocupadas no momento em que as cortinas foram abertas. Minutos depois, ao menos outras quinze foram preenchidas. Aquele era um teatro de província e os assentos vazios não constrangiam os músicos. Os homens e mulheres sentados ali pareciam, para ele, personagens de Horacio Quiroga ou de Felisberto Hernández. O próprio Felisberto, escritor e pianista em recitais crepusculares de cidades do interior, já deveria, em algum momento da sua peregrinação pelo sul do mundo, ter feito um par de notas voarem pelo Teatro Municipal de Lanús. Ele pensava um pouco nisso enquanto balançava as cordas e se mantinha concentrado em situações estrangeiras, como imaginar os personagens de Felisberto Hernández, para não frear a espontaneidade do movimento das mãos, que agiam independentemente de qualquer coordenada mental. As pessoas aplaudiam pela última vez os músicos, alguns já se apressavam para recolocar os casacos e sair para a rua, e ele pensava que o cheiro daquele palco lembrava o de um quarto fechado e que as luzes utilizadas no concerto lembravam as luminárias da praça principal de qualquer cidade argentina com menos de cem mil habitantes.

Com o fim do concerto, os violões e violinos em descanso não deram lugar a muitas

vozes e o silêncio, pouco a pouco, pôde se acomodar no teatro. Ele perguntou sobre o próximo evento, marcado para La Plata, e lhe disseram de maneira imprecisa que seria avisado, que a data ainda não havia sido confirmada de todo. Não está de todo fechado, disseram, e portanto precisaria esperar mais uns dias. Em seguida, ouviu que nenhum dos músicos voltaria para a cidade naquela noite; dormiriam em outros lugares da província ou mesmo num hotel de Lanús. Deixou o teatro às escuras e, num táxi, alcançou a estação de trem. A estação de Lanús, coberta pela neblina, mais parecia uma catedral abandonada naquela hora. Na plataforma em frente, alguns trens chegavam, mas não havia sinal de algum que partisse em breve no outro sentido. Um vagão quase vazio se aproximou da estação vinte e cinco minutos depois, e ele pôde fazer o caminho de volta sentado e de olhos fechados. Quando abriu os olhos e enxergou as luzes da cidade, minutos mais tarde, percebeu que havia feito a viagem sem comprar o bilhete e que ninguém havia se aproximado para cobrar a passagem.

Numa tarde, tarde posterior ao concerto de Lanús, pensou que teria de ficar no quarto do hotel durante o restante de dia. Chovia com força e paciência e a rua inundava depressa, primeiro nas proximidades do meio-fio, logo na porta dos estabelecimentos e então o próprio asfalto estava submerso, questão de dois ou três centímetros, naquela água cinzenta. O abajur da cabeceira da cama iluminava a cena, que se borrava quando o farol de um carro rebatia a sua lâmpada na água e atingia os vidros da janela. Quando o reflexo atingia as suas lentes, a paisagem chuvosa por um momento se escondia numa projeção amarela. Em instantes, a chuva voltava a dominar o espaço: escondia os sobrados do outro lado da rua e impedia que qualquer ruído pudesse ser ouvido com clareza em meio àquele bater da água.

O aguaceiro arrefeceu horas depois e uma tela cinza, de um nublado consistente, fixou-se no céu. Durante duas, três horas, choveu na cidade o que se esperava para toda a semana. Ele aproveitou a trégua e, sem buscar na gaveta o mapa do metrô, desceu para a rua. Andava de maneira automática, como que levado por um instinto ou por uma indicação abstrata. Como se estivesse parado numa estação ferroviária, a ver o relógio redondo funcionar, até o momento em que um homem mais velho que ele se aproxima e decide: senhor, entre neste trem, ele sai em dez minutos. Pensava nisso, no automatismo dos gestos e do itinerário, quando desceu mais uma vez na Plaza Italia e começou a caminhar na direção norte. Desta vez, ignorava os parques de Palermo e a comodidade do Jardim Japonês. Passou pela Biblioteca Nacional (ali, pensou em parar: imaginou que uma tarde cinza em meio a um acervo interminável de livros e documentos só alcançado a partir de longas escadarias

passaria depressa e sem dor) e seguiu adiante.

Estava em Núñez, de modo que havia caminhado por um bom tempo, no momento em que a engrenagem curiosa que guiava aqueles passos aparentemente travou; titubeou numa esquina, não sabia mais se continuaria rumo ao norte (a cidade terminava não muito depois de onde estava) ou se, na encruzilhada, deveria tomar o acesso da esquerda. No cruzamento, vindo em sua direção, viu quem imaginou ser uma menina da sua juventude. Aproximou-se e, ainda em dúvida, ele que não fumava perguntou se ela tinha fogo. Em troca, recebeu uma resposta em espanhol que afastava a possibilidade de reconhecimento e um isqueiro branco. Ainda assim, e como estavam em frente às janelas envidraçadas de um bar do norte, convidou-a para entrar. Só voltou ao hotel da rua Humberto Primo horas depois, quando a chuva e depois o céu nublado pareciam ter atravessado a cidade sem deixar rastros. Restava um céu escuro, sem estrelas, e ruas de poucas luzes. Aquele era um domingo.

Em Adrogué, uma vez, num daqueles invernos da infância, hospedaram-se todos num hotel da parte baixa da cidade. Era um casarão antigo, de pé direito muito alto e de peças amplas, construído num período de pujança que vinte anos atrás já parecia remoto e quase absurdo. Lembrava a conversa entre os hóspedes no café da manhã (sempre os mesmos, quatro homens e duas mulheres), o fato de não haver malas nos quartos, mas sim um punhado de roupas organizadas em gavetas ou em cima de pequenas mesas, e de que o café era feito, tarde após tarde, pelo próprio tio, que caminhava com desenvoltura pela cozinha compartilhada do edifício. Demorou duas noites para perceber que aquele não era um hotel, ao menos não como os que estava habituado a frequentar quando viajava com os pais, mas algo muito parecido com uma pensão, e que portanto as coisas se haviam modificado muito no que dizia respeito ao tio e à venda dos seus vinhos.

Recordou o hotel de Adrogué, de nome genérico para a época (chamava-se Vitória, ou Odeon), na manhã em que chegou com seus pertences e um violão ao hotel de La Plata. Não que houvesse maior semelhança. O atual era um hotel moderno, com elevadores e câmeras, com funcionários que falavam inglês e gerentes que manejavam três idiomas. O café era servido na recepção e saía de uma máquina padronizada, e no seu comando estava um homem de avental bordô, e não o seu tio às voltas com uma xícara que transbordava depois de colocar ali a segunda colher de açúcar. Estava em La Plata sem notícias, obedecendo a comunicados ambíguos que, se não ofereciam destino ou datas precisas, obrigavam-no a se deslocar. A viagem não era longa. O trem que sai de Constitución alcança La Plata em pouco mais de uma hora, ainda que, na estação, poderia jurar que a locomotiva havia perdido os sentidos básicos

de orientação. Ele imaginou ter visto, minutos depois da partida, as avenidas e flores de Núñez, mas logo o jornal pôde distrai-lo e a dúvida se dissipou.

Em La Plata uma rua pode se chamar Rua 3 e uma avenida, Avenida 17. Pode-se passear pelo Bulevar 8 e estacionar um carro na Diagonal 92. Dizem que La Plata é uma cidade planejada, erguida a partir de uma organização matemática, e que basta um cálculo simples para se descobrir em que avenida certa rua desembocará na esquina seguinte. A ele, entretanto, La Plata pareceu não um quadrado perfeito de trinta e oito quadras de largura por outras trinta e oito de altura, mas um labirinto diabólico que confunde o visitante a ponto de fazê-lo rodar, a esmo e por horas, à procura de uma rua que se esconde em meio a uma equação e só será encontrada por casualidade, tempos depois. Visitou o Teatro Argentino de La Plata e consultou, de forma minuciosa, a sua programação. Não havia sinal de que algum recital de cordas poderia acontecer por lá. Permaneceu no hotel da Diagonal 41 (entre as Avenidas 10 e 24) por mais dois dias, e não recebeu nenhuma informação sobre como proceder. Pouco depois, agarraria um trem na estação central de La Plata, de volta à Constitución.

Ainda era dia, mas se sentia cansado para fazer o trajeto a pé, da estação ao hotel. O primeiro taxista se recusou a levá-lo. A viagem, de oito ou nove quadras, não interessava, e o homem se limitou a dizer que esperasse. Os motoristas que aguardavam na sequência da fila tampouco reagiram e pareciam à espera do que o homem da ponta decidisse fazer com o passageiro. A indefinição permaneceria se, de um dos portões, não chegasse um grupo de estudantes. Eram brasileiros e estavam retornando de uma cidade próxima. Trocaram palavras suficientes para que o taxista os colocasse para dentro do carro e, antes de fechar a porta da frente, a do motorista, o homem se lembrou do passageiro que desembarcara de La Plata: disse para que entrasse no veículo, iriam todos mais ou menos para o mesmo lado.

A cidade parecia imersa na tarde, que por sua vez estava como que parada no tempo. O céu, inteiramente cinza, poderia tanto pertencer a um começo de manhã como a um ponto qualquer na proximidade do crepúsculo. O relógio do carro apontava para as quatro horas. Os estudantes desceram antes, numa esquina de Boedo, quase em frente a um casarão azul que deveria servir como um pensionato. Então o carro contornou os bairros do sul, Pompeya, Barracas, Parque Patricios, num périplo que parecia longo demais para alcançar o destino indicado, o hotel da rua Humberto Primo. Mas faltavam-lhe força e motivação para questionar o motorista: a viagem se mostrava proveitosa, e o olhar se perdia nas ruas vazias da tarde desolada. Aquela era a cidade esquecida, a que o tempo e o progresso haviam deixado para

trás. Deitado na soleira de uma porta, tal como uma esfinge do sul do mundo, um enorme gato branco observava a passagem dos automóveis com uma lenta oscilação da pupila, e parecia ser a única criatura a compreender a atmosfera daquele dia. Em algum momento, o carro cruzou a autopista e se deteve em frente ao hotel. Não recorda ter separado as cédulas de dinheiro para entregar ao taxista, e tampouco os passos que dera para subir a escadaria. Em poucos instantes já dormia, dominado por um torpor. Acordaria horas depois, sem saber se era dia ou noite, e se havia despertado por conta do ruído de um ônibus ou do apito de um trem, ou mesmo se o que havia rompido a barreira do sono tinha sido o atracar de um barco no porto.

2.11 Avenida Salgado Filho

Sabrina viu aquele apartamento pela primeira vez numa ocasião regida apenas pelo acaso. Estava num edifício do outro lado da rua, onde fica um dos depósitos da loja, e em meio às caixas e a falta de tempo olhou pela janela. No prédio em frente, encontrou outras janelas igualmente abertas. A abertura mostrava de uma só vez um ambiente estranho: cômodos amplos, erguidos sobre um piso antigo e ainda bem pintado, paredes com escaiolas e uns quantos quadros, e uma aparência de apartamento vazio, desabitado. Três ou quatro móveis inúteis e nenhum sinal de que alguém caminhava por aquele lugar. Logo teve de voltar os olhos para o depósito, para as caixas e o material a se procurar, e a visão do apartamento se perdeu como se perdem do olhar tantas visões cotidianas do centro da cidade.

Aquele apartamento chamava a atenção mais do que nada pelo contraste. Estava situado em uma rua decrépita, talvez a mais insalubre de todo o centro. Morar ali deveria ser um inferno, e todos os que podem costumam evitar. Entre os vizinhos, restam uns poucos desempregados e estudantes que chegam do interior sem saber nada da cidade, e que devem pensar que todos os lugares são assim, que o insuportável barulho dos ônibus, quase ininterrupto, dia e noite, existe sempre, em qualquer bairro, e que os episódios que flutuam na madrugada são inevitáveis e está bem assim. Mas não é verdade: a Salgado Filho é a pior passagem do centro da cidade, a mais difícil de se viver, e o aluguel barato que as imobiliárias oferecem por ali não é uma tentação, mas um aviso de que algo não vai bem na região. Mas ainda assim há quem não entenda.

Espalhadas pelos dois lados da rua (na verdade, trata-se de uma estreita avenida), quinze ou vinte paradas de ônibus fazem dali uma estação de desembarque para os trabalhadores de todo o centro. Também funciona como ponto de partida: da Salgado Filho saem as conduções para o sul da cidade, das cinco horas da manhã até depois da meia-noite. O movimento não afugentou, ainda assim, e alguém diria até mesmo que contribui para, a presença de estacionamentos clandestinos, fixados em terrenos baldios, que vendem algo mais do que uma vaga para os carros, e de bares que na verdade merecem a alcunha, hoje banalizada, de inferninhos, bares que funcionam quase sem fechar, e que servem doses de cachaça barata e diabólica para quem erra pela cidade durante a noite. Em três ou quatro prédios, dizem que nos mais antigos e altos, funcionam, de maneira fragmentada, melancólicos prostíbulos, mobiliados com colchões mofados e espelhos marcados por um par de rachaduras.

Sabrina trabalha na Salgado Filho há três anos; não nos estacionamentos, nem nos

inferninhos e tampouco nos apartamentos destinados à prostituição. Há outra forma de comércio na rua, evidentemente. Desde os primeiros minutos da manhã, abrem as portas pela avenida umas quantas lancherias comuns, lugares para se tomar um café rápido antes do trabalho, beber uma vitamina, comer uma torrada ou um pastel. Sabrina trabalha numa das lancherias, a Meio-Dia, que, apesar do nome desprezioso e diríamos também que equivocado, abre para o público exatamente às seis horas da manhã. Para os funcionários o início do trabalho começa antes, quando quase todos dormem, e às cinco e pouco da manhã, de segunda a sexta-feira, Sabrina já está às voltas com o balcão e a cozinha e as caixas e as frutas da lancheria Meio-Dia, fundada na década de 1990 por um português que hoje vive em Viamão e que pouco aparece no lugar, deixando as atribuições imediatas para o gerente.

Nos últimos meses, Sabrina deixou a cozinha para trabalhar no caixa, e por vezes já se arrisca em tarefas por assim dizer de bastidores, como coordenar a chegada dos alimentos, o horário dos outros funcionários, a conexão com o depósito que funciona na mesma rua, no décimo primeiro andar de um prédio com elevadores em que a porta ainda funciona com uma grade que precisa ser fechada e aberta manualmente. As salas deste prédio abrigam os mais diversos ofícios: no terceiro andar, uma ótica conserta óculos quebrados e vende lentes mesmo sem receita; dois pisos acima, uma nutricionista maneja as consultas, não mais do que cinco ou seis por dia, com um banner repleto de imagens de melancias e melões disposto na parede do único cômodo; no oitavo andar, um psicólogo convence os pacientes, num consultório desprovido de sequer um livro, que o suicídio é um capricho e que a impotência sexual sempre terá cura; logo acima, inúmeras caixas protegem os guarda-chuvas que, imediatamente após o primeiro pingo d'água, irão para a rua ao preço de dez reais; e no décimo primeiro piso, por fim, sem qualquer indicação na porta, já que não se trata de algo aberto ao público, temos o depósito da lancheria Meio-Dia.

Sabrina desce do ônibus, está acompanhada de mais dez ou doze passageiros. Às cinco e dez da manhã, Porto Alegre está coberta por uma escuridão quase que total, ao mesmo tempo em que os postes de luz amarela mostram que uma neblina baixa se choca com a arquitetura dos prédios. Os passageiros descem do ônibus e em instantes se perdem pela Salgado Filho; não há rumos comuns, cada um é dono do seu próprio passo. Há quem se encaminhe para a fila de outro ônibus, transporte que talvez demore para chegar, mas ela vai andar diretamente até a lancheria Meio-Dia, já iluminada por uma das suas lâmpadas interiores. Ronaldo já está por lá e começa os trabalhos para que o lugar abra as portas uma hora depois. Não há muito serviço nos primeiros momentos, até porque a multidão só

desembarca no centro por volta das sete horas. Para os que madrugam radicalmente, a lancheria prepara o que há de mais fácil e estará bem assim, porque os andarilhos da madrugada estão acostumados com bem pouco, e basta servir o café quente que não haverá nenhuma manifestação de ódio ou rebeldia. Naquela manhã, Sabrina escuta música nos fones de ouvido e parece mais sonolenta do que o normal; dormiu só quatro horas, na véspera se demorou muito em frente a televisão.

Ronaldo a cumprimenta, estala dois beijos no rosto. Tecem, há tempos, o diálogo dos que chegam primeiro, e formam esta conversa com frases breves, entrecortadas. O chão já está limpo, bem como os banheiros; a parte da limpeza é toda feita na véspera, quando do fim do expediente. Meia hora depois, o português ligará, como de costume. A ligação só falhou três vezes nos últimos tempos; na primeira, quando ele estava hospitalizado por conta de uma bronquite aguda; na segunda, quando viajou para rever a família que ainda vive nos Açores; e na terceira quando despertou tarde demais de um trago fora de época, fruto de um reencontro com amigos de outra década. De modo que o português ligará para ver se Ronaldo chegou, se Sabrina chegou, se estão preparando as coisas, se chove ou se o tempo está aberto, se o dia que chega promete algo de bom para eles. E logo será o momento de ligar o computador do caixa, ajeitar as moedas que servirão de troco, levantar as grades de ferro e ligar o letreiro luminoso que pisca: Meio-Dia, Meio-Dia, Meio-Dia. Instantes depois o primeiro freguês entrará. Naquela manhã, o primeiro cliente foi Anísio.

- De intervalo, seu Anísio?

- Ainda não, mas tá parado. Só fugi um pouquinho. Vou voltar pra lá agora, mas me alcança um café, por favor.

- Todo mundo dormindo ainda.

- Só nós que não, né. Mas daqui a pouco alguém chega. Parece que hoje de noite vai estar quase lotado, deve ter alguma coisa por aí.

Anísio trabalha no Hotel Savoy, a três quadras da lancheria. Algumas vezes por dia, escapa da recepção do Savoy para passar na Meio-Dia; menos pelo café do que pela caminhada, mesmo quando a rua está vazia. Eu preciso de um ar, lá dentro tem um cheiro de antigo, de coisa fechada, mesmo com a janela aberta, ele costuma dizer. Anísio nasceu em Uruguaiana e veio a Porto Alegre pela primeira vez aos vinte e cinco anos. Pegou o trem, fez a baldeação em Santa Maria e desembarcou no centro da Capital num dia nublado. Olhou a subida da Borges, passeou pelo porto, comprou revistas na Rua da Praia, gostou do que viu. E

deixou na mesa de um bar da rua Andrade Neves, onde virou a noite bebendo vinho, o bilhete que o levaria de volta à fronteira. Agora ganha a vida anotando, ainda com caneta, o registro de cada hóspede que chega no Hotel Savoy. Antes, foi chaveiro e funcionário de uma tabacaria na Cidade Baixa. Foi para Sabrina que disse que o hotel deveria ficar quase lotado naquela noite. Nenhum dos dois sabia o que havia de diferente em Porto Alegre; ao menos além daquela neblina estranha, quase fantasmagórica, que se misturava às últimas horas de escuridão.

A manhã passou rápido e a Meio-Dia vendeu mais pastéis de carne do que sanduíches, desta vez. Ronaldo contabilizou ter passado cinquenta e quatro cafés, a um real cada. Ela saiu para o intervalo do almoço e escolheu o caminho das galerias, o seu preferido, para caminhar por algum tempo. Para Sabrina, as galerias fechadas, passagens que ligam uma rua a outra, têm algo de encantamento. Ela não sabe muito bem o que é, mas caminha sempre que pode pela passagem entre as ruas Andrade Neves e Andradas, a antiga Rua 24 horas, que oferece também, como um labirinto em miniatura, uma saída à esquerda para a avenida Borges de Medeiros, saída que só se mostra quando se está dentro da galeria. Também causam o mesmo efeito a galeria Chaves, na Andradas, e que se prolonga para os fundos, para os lados, e que conta com três ou quatro andares, e uma ou outra passagem menor das ruelas do centro, caminhos já catalogados por Sabrina em outras andanças.

Feito o trajeto pela Rua 24 horas, naquele início de tarde ela pensou que poderia estender o passeio. Então foi até o depósito da Meio-Dia para observar, através dos vidros do décimo primeiro piso, o apartamento do outro lado da avenida. Estava como antes: iluminado pela luz natural que entrava pelas janelas, limpo e ao mesmo tempo desabitado. Pensou que os quadros fixados nas paredes eram obras de arte vindas da Europa, e que nunca vira na sua frente algo parecido. Desta vez, também reparou num lustre, singelo e amarelado, que pendia do teto. O cômodo que enxergava era, por certo, a sala, mas talvez não a única sala do apartamento, visto que o conforto parecia se estender também aos ambientes contíguos, com muito espaço. Sabrina entendia que era estranho que aquele lugar estivesse ali, como que imaculado em meio à fumaça dos ônibus que bufavam sem parar pela avenida e ao cheiro de comida barata que se desprendia das lancherias e das carrocinhas de rua. Antes de sair, também reparou que o tapete era felpudo e branco. O tapete ideal para acomodar gatos de raça, quem sabe.

Dias depois, Sabrina caminhava outra vez pela passagem da Rua 24 horas. No café da galeria, situado entre um salão de beleza e um afiador de lâminas e facas, Anísio ocupava uma

mesa. Chovia forte lá fora, e a passagem coberta passava a abrigar não só os frequentadores diários, como também os que se escondiam da água. Sabrina tinha um guarda-chuva, mas poucos minutos para a conversa. Com Anísio, trocava frases curtas e despreziosas, mas às vezes, sem perceber, começava uma história. Naquele dia, contou sobre o apartamento, sobre o encanto que causava nela a visão de uma peça como que dourada no deserto que era a Salgado Filho. Anísio respondeu, e Sabrina não entendeu ao certo se brincava ou não, que tinha sido um bom chaveiro e que não seria problema abrir qualquer porta daquela rua, ainda mais de um apartamento vazio. Com os porteiros, era muito fácil de se arranjar. Isso se ela quisesse mesmo conhecer.

De volta ao caixa da Meio-Dia, Sabrina viu passar depressa uma tarde de poucos clientes e de piso sempre úmido, de salgados que esfriavam no balcão e de ônibus que tardavam quinze minutos apenas para deixar a rua e escapar para o seu destino. Quando chove, o centro de Porto Alegre funciona de maneira lenta e ansiosa. Os guarda-chuvas se amontoam nas saídas do Mercado Público, os taxistas sobem ruas que, conforme as normas de trânsito, só descem, o copo de café dos que caminham para além das marquises se enche, pouco a pouco, com gotas d'água que literalmente caem do céu. Logo ela teria de se aventurar neste centro, esperar numa parada de ônibus, esperar, quem sabe, não na fila do primeiro ônibus, que lotaria depressa, mas por uma segunda condução, que ainda estaria a caminho dali. Foi quando pensou, num rompante que até então não havia tido, que poderia aproveitar a justificativa do caos no trânsito e passar a noite no apartamento vazio. Para tanto, rumou ao Hotel Savoy.

Anísio, sentado na poltrona da recepção do Savoy, conversava com dois hóspedes que haviam chegado há pouco. Ainda pingava água dos seus casacos.

- Não, não é perigoso se hospedar aqui. É só não caminhar muito à noite, não passar por baixo do viaduto. Vocês podem jantar no Naval, no Mercado Público. E amanhã, durante o dia, fazer passeios mais longos. Temos os mapas aqui no hotel. Da janela do quarto se enxerga toda a parte baixa da cidade.

Anísio convenceu os dois, que já subiam com as suas malas pelo elevador do hotel. Nas cadeiras da recepção, uma senhora dividia o olhar entre a televisão, que mostrava um telejornal, e a chuva, que persistia a molhar a rua. Logo houve tempo para conversar com Sabrina. Ao que parece, Anísio estava acostumado a pedidos estranhos; deve ter ouvido uns quantos desde que chegou à cidade. Escutou Sabrina com atenção e em instantes já se pôs em

movimento: visitaria um chaveiro, antigo amigo, que trabalha sem cessar numa das salas que se acotovelam debaixo do viaduto da Borges de Medeiros. Depois, iria até o edifício em questão para sondar o porteiro: ver se era do tipo distraído, que permitiria com alguma lábria a entrada de um desconhecido com uma pequena maleta, ou se seria preciso corrompê-lo de alguma forma.

Para tanto, Sabrina precisaria esperar na recepção do hotel, fazer o seu serviço por ao menos meia-hora. Era fácil: um mapa do Hotel Savoy, desenhado à mão, mostrava naquele dia quais eram os quartos vagos; ao lado, uma tabela indicava os valores. E em cima da mesa estavam os formulários que cada hóspede precisaria preencher depois do pagamento. E a princípio, completou Anísio, quem estava por chegar naquele dia já havia se instalado em cada um dos quartos. Os papéis do hotel e o mapa improvisado que o recepcionista havia traçado com caneta preta fizeram com que ela se distraísse durante a espera. Em nenhum momento pensou que cometeria algo parecido com um delito; a entrada naquele apartamento aparecia para ela como que pertencendo ao âmbito do desejo, e de um desejo que, para além do permitido ou do proibido, era mais do que nada inevitável. Quando Anísio voltou, nem bem havia pisado no saguão do Hotel Savoy e já balançava uma chave na mão.

Ele lhe dera as coordenadas: havia conversado com o porteiro, dito que uma amiga entraria no apartamento, e as chaves tinham sido testadas. O lugar estava em ordem, e ele tampouco entendia como Sarina pôde encontrar aquele lugar. Era diferente de todos os imóveis da rua. Ela desceu as duas quadras que separavam o hotel do edifício de número 145 da Salgado Filho em menos de cinco minutos. Cumprimentou, após passar pela primeira porta, o funcionário e um dos moradores que saía, e esboçou um sorriso sem culpa. O elevador subiu por dez andares antes que enfim abrisse a porta. A entrada dava para uma cozinha, e logo depois seguiam a sala que havia visto do outro lado da rua, um cômodo menor, contornado por estantes vazias, dois quartos amplos, um banheiro. A poeira dava indícios de que nas últimas semanas ninguém havia estado por ali. Reparou primeiro nos quadros: eram paisagens coloridas, de cores borradas, e ela distinguia castelos e plantações.

O proprietário não havia cortado a luz do apartamento, e na sala e nos quartos havia lâmpadas. Não no banheiro: às escuras, tomou pela primeira vez um banho num chuveiro a gás. Depois, ainda nua, se aproximou das janelas da sala e entendeu que desta vez era bom que ninguém a esperasse em casa. Olhou para o outro lado da rua, para onde ficava o depósito da Meio-Dia, e então para baixo, para as duas pistas da Salgado Filho. E percebeu, após caminhar por três anos naquele lugar, que vistas de cima eram bonitas e bem verdes as árvores (figueiras, ela pensou) que cortavam a avenida ao meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Santa Maria, Porto Alegre, Montevideu, Buenos Aires, Lisboa. Ao fim deste trabalho de dissertação de Mestrado, espero que os onze contos e os três ensaios aqui presentes tenham oferecido ao leitor uma imagem viva dessas cidades, uma possibilidade de caminhada ou de espera, de encontro e de descoberta. Ensaio e contos, aqui, foram pensados não como dois processos distantes, mas como consequências de um mesmo olhar e de uma mesma preocupação: tal como a ideia de “vasos comunicantes”, que Octavio Paz postulou em *O arco e a lira*, quis que a reflexão ensaística e a criação ficcional estivessem em profundo contato, que não as separassem nem sequer a linguagem e a liberdade da forma. Ao pensar sobre as cidades de Juan Carlos Onetti no capítulo “Cartografias literárias do sul do mundo”, orientei-me pelo mesmo impulso de dar sentido às ideias que, por vezes, estão embaralhadas e dispersas na imensidão do espaço urbano, e que esperam por uma tentativa de organização. Tal intento, aqui, se dá pela linguagem.

Penso, também, que este seja um momento oportuno para me deter ligeiramente sobre o processo de criação dos contos deste projeto. Os dois primeiros contos, “Andava a te buscar” e “Papéis molhados”, foram os únicos a surgir antes do ingresso no Mestrado em Letras – Escrita Criativa. Ambos foram reescritos no ano de 2014. Quando “Andava a te buscar” já se encontrava pronto, o título custava a chegar: as quatro palavras só se encadearam há poucos dias, num momento impreciso da noite em que as preocupações se misturam com a falta de sono e, nesse processo confuso, surgem soluções para problemas do passado sobre os quais já estávamos resignados. Penso que é a melhor solução para o texto. “Papéis molhados”, por sua vez, sempre se chamou assim e dá o nome ao conjunto de contos. A chuva que cai sobre Buenos Aires no relato é um elemento que se repete em outros dos contos deste projeto.

“Edifício Paris” foi escrito nos primeiros meses de 2014 e, a quem interessar, informo que há um prédio que se chama assim na rua Marechal Floriano Peixoto, entre as ruas Jerônimo Coelho e Duque de Caxias, no centro de Porto Alegre. Não tenho, no entanto, qualquer informação sobre os níveis de melancolia de nenhum dos trabalhadores do edifício. Ernesto, o protagonista, pode ser qualquer um dos andarilhos do centro da Capital, gente que, em momentos de pouco otimismo, cogita se deslocar até a Estação Rodoviária e pegar o primeiro ônibus de volta para a cidade de origem. Para lograr uma descrição minimamente fiel de como seria o funcionamento das caldeiras do Edifício Paris, tive que folhear alguns textos sobre o tema.

Por sua vez, “Ruas de maio” e “Ruas de dezembro” são contos de caminhada, de deslocamentos solitários pela cidade de Santa Maria. No primeiro caso, o trajeto se dá do centro da cidade, nas imediações do Parque Itaimbé, para o bairro Perpétuo Socorro, onde está situado o estádio de futebol. Naquela região, bem próximo à gare da Estação Ferroviária, se ergue de fato o Estádio dos Eucaliptos, sede do Riograndense Futebol Clube, o mais antigo clube de futebol da cidade. O caminho do centro de Santa Maria para o bairro Perpétuo Socorro pode ser feito, todo ele, pela avenida Rio Branco, que por décadas foi a via mais importante do município. Em “Ruas de dezembro”, a caminhada se dá nas primeiras horas da manhã e, na rua, pode-se perceber a atmosfera de final de ano. No conto, o caminhante parte de um ponto do bairro Bom Fim e se dirige para o centro, quem sabe para o ponto de partida do conto anterior, “Ruas de maio”.

É “Fechar os olhos” o conto mais difícil de se classificar e de situar dentro do conjunto deste trabalho. Trata-se do único texto em que não se pode identificar o espaço narrativo dentro de um mapa real, por exemplo. O espaço é descrito como o de uma chácara vizinha a um povoado, que por sua vez não está distante de uma cidade maior. Mas não mais do que isso. Há também algumas menções a morros e estradas, que pouco contribuem para que se chegue a coordenadas mais exatas. Sinto-me tentado a contar que o conto surge, em parte, de uma situação curiosa: em certo momento do primeiro semestre de 2014, deparei-me, numa das caminhadas quase que diárias, à época, pelo Parque da Redenção, em Porto Alegre, com um lugar que nunca havia visto. Era um labirinto de sebes, que hoje consigo situar na faixa do parque que se aproxima da avenida João Pessoa. No conto, o personagem é surpreendido pela visão de uma inesperada fonte, justamente na chácara que julgava conhecer por inteiro mesmo de olhos fechados.

“Luz amarela sobre a cidade” é uma tentativa de transportar para a ficção o silêncio das noites de domingo, quando se está em Montevideu. Mesmo no centro, ruidoso durante o dia, ocupado pelas conversas do comércio, pelo ruído dos turistas e dos ônibus que passam sem parar, à noite os barulhos cessam quase que de todo. Montevideu pode, muito rapidamente, se transformar numa cidade despovoada por algumas horas. No dia seguinte, a sensação terá parecido um devaneio e tudo estará em ordem nas ruas, outra vez. O poema de Juana de Ibarborou que aparece no relato foi encontrado na Ciudad Vieja (integra o livro que comprei de um livreiro amigo, na peatonal Sarandí), na mesma viagem em que o conto se desenvolveu mentalmente para mim. O fragmento de Sabato sobre as luzes que vemos como ilhas na escuridão da noite é um dos trechos que guardo com mais carinho da leitura de *Sobre heróis e tumbas*.

Parte de uma fotografia que tirei em Lisboa, no outono de 2013, o argumento do conto “Como um sonho acordado”. Há de fato, na Praça da Figueira, uma pensão antiga e descuidada, cujos andares mais altos foram tomados por uma espécie de vegetação selvagem, algo que se notava desde a praça. A pensão, apesar disso, estava em funcionamento. Com alguma sorte, pode ser observado o eco da literatura de Antonio Tabucchi no texto: ali está o Café Orquídea, o senhor Pereira, Marta e outras das suas criações. “Como um sonho acordado” é o título de uma música de Fausto Bordalo Dias, artista português, cujas canções o personagem Miguel interpreta nos ônibus que cortam as ruas de Lisboa depois de deixar o emprego no café.

“Acevedo, poeta” foi escrito em janeiro de 2015, em Porto Alegre, quando havia tempo livre para imaginar e descrever a pouca sorte dos poetas dessa cidade. Quanto às frases que se alongam com mais força do que nos outros textos deste trabalho (por vezes excessivamente), justifico com a leitura desenfreada dos romances de Juan José Saer que ocorria paralelamente à escritura do conto. Por mais que se queira evitar, não se está ileso de algumas formas de contágio. Escreveu Horacio Quiroga no terceiro mandamento do seu “Decálogo” aos jovens escritores: “resiste cuanto pueda a la imitación, pero imita si el influjo es demasiado fuerte”. Acredito, também, que buscar um correspondente real para Acevedo entre os habitantes de Porto Alegre não seja uma tarefa válida.

As viagens de trem pelo labirinto urbano que é a Província de Buenos Aires estão contidas em “Mapa da província”, o penúltimo conto do conjunto. Tais recordações compartilham espaço com o sentimento de irrealidade que se apodera do viajante quando a estadia em Buenos Aires ultrapassa a faixa dos dez dias. Quanto ao décimo primeiro conto, devo “Avenida Salgado Filho” ao relato que escutei sobre um improvável apartamento que se localizava nesta avenida, talvez a passagem mais popular – e também uma das deterioradas – do centro de Porto Alegre.

Do primeiro conto, “Andava a te buscar”, ao último, “Avenida Salgado Filho”, passando pelos ensaios sobre a construção do espaço narrativo na obra de Juan Carlos Onetti e o uso dos mapas: penso que percorri o trajeto possível para este tempo de trabalho, caminho que é a consequência de leituras, viagens e impulsos de escritura que se orientaram para uma mesma direção. Agora que as páginas estão prontas, desejo que um dia possam encontrar um punhado de leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÚNEZ, Rocío. **Juan Carlos Onetti: caprichos con ciudades**. Cidade do México: Gedisa, 2013.
- BENEDETTI, Mario. **A trégua**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRETON, André. **Nadja**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. **Primeira poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FARACO, Sergio. **Manilha de espadas**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.
- KOHAN, Martín. **Zona urbana: ensayo de lectura sobre Walter Benjamin**. Buenos Aires: Editorial Norma, 2004.
- MORETTI, Franco. **A literatura vista de longe**. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.
- MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ONETTI, Juan Carlos. **Cuentos completos**. Montevideú: Alfaguara, 2009.
- ONETTI, Juan Carlos. **El pozo**. Madri: Punto de Lectura, 2007.
- ONETTI, Juan Carlos. **La vida breve**. Barcelona: Galaxia Gutemberg, 2013.
- ONETTI, Juan Carlos. **Tão triste como ela e outros contos**. São Paulo: Record, 1989.
- SARLO, Beatriz. **La ciudad vista**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.
- SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.